



FUNDAÇÃO COMUNITÁRIA TRICORDIANA DE EDUCAÇÃO
Decretos Estaduais n.º 9.843/66 e n.º 16.719/74 e Parecer CEE/MG n.º 99/93
UNIVERSIDADE VALE DO RIO VERDE DE TRÊS CORAÇÕES
Decreto Estadual n.º 40.229, de 29/12/1998
Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão

O CHAT E A PRODUÇÃO DA ESCRITA ESCOLAR

Três Corações

2005

REGINA LÚCIA DE ARAÚJO

**O CHAT E A PRODUÇÃO
DA ESCRITA ESCOLAR**

Dissertação apresentada à Universidade Vale do Rio Verde de Três Corações – Unincor - como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de Concentração: Linguagem, Cultura e Discurso

Orientador:

Prof. Dr. Luiz Fernando Matos Rocha

Araújo, Regina Lúcia de

O *chat* e construção/produção da escrita escoar / Regina Lúcia de Araújo; orientado por Prof. Dr. Luiz Fernando Matos Rocha. Três Corações: Universidade Vale do Rio Verde de Três Corações, 2004. 133 p.

Dissertação apresentada ao Curso de Letras para a obtenção de grau no Mestrado em Letras.

Resumo. Abstrat. Introdução, 1 Internet. 2 Gêneros discursivos, 3 Gêneros digitais, 4 O *Chat*, 5 Preconceito digital: o *chat* como variante da língua escrita. 6 Fala e escrita: suas implicações na Internet, 7. A visão de Santos (2004), 8 Metodologia, 8.1 Aspectos distintivos da pesquisa, 8.2 Problemas e hipóteses, 8.3 Escolha e produção de textos, 9 Análise do corpus, 9.1 Análise quantitativa dos bilhetes produzidos por alunos com acesso à Internet, 9.2 Análise quantitativa dos bilhetes produzidos por alunos sem acesso à Internet, 9.3 Análise qualitativa dos bilhetes produzidos, 9.4 Nem certo, nem errado: adequado, 9.5 Os bilhetes 1, 9.6 Os bilhetes 2, 9.7 As redações, 10 Conclusão, 11 Bibliografia, 12 Anexos; 12.1 Anexos 1: bilhetes 1 e 2; 12.2 Anexo 2: dados coletados nos bilhetes dos alunos usuários da Internet; 12.3 Anexo : dados coletados nos bilhetes não-usuários da Internet. Anexo : termo de concordância



Universidade Vale do Rio Verde de Três Corações
CREDENCIAMENTO: Decreto Estadual nº 40.229 de 29 de Dezembro de 1998.
Secretaria de Pós-Graduação , Pesquisa e Extensão.

ATA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Aos quinze de abril do ano de dois mil e cinco, sob a presidência do **Professor Doutor Luiz Fernando Matos Rocha** e com a participação dos membros **Professora Doutora Lílían Vieira Ferrari** e **Professor Doutor Luciano Novaes Vidon** que se reuniram para a banca da defesa de dissertação da Mestranda Regina Lúcia de Araújo, aluna do Curso de Mestrado em Letras. O título da sua dissertação é “**O chat e a produção da escrita escolar**”. O resultado foi pela Eu, secretária, lavro a presente ata que, depois de lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos demais membros da banca examinadora.

Três Corações, de de 2005.

Prof. Dr. Luiz Fernando Matos Rocha

Profª Drª Lílían Vieira Ferrari

Presidente

Membro da Banca

Prof. Dr. Luciano Novaes Vidon

.....

Membro da Banca

Secretária Geral

A minha família e amigos pelo apoio irrestrito.

OFEREÇO

Aos meus pais, José Raimundo (in memorian) e Luzia

DEDICO

AGRADECIMENTOS

A Deus, por dar-me sua Força e Luz nesta conquista.

À minha mãe, irmãos, familiares e amigos pelo incentivo.

À amiga Nívea do Carmo Lucas Ferreira pela compreensão e apoio.

Ao orientador Dr. Professor Luiz Fernando Matos Rocha, pela competência e brilhante orientação.

À Dr^a Professora Geyza Silva, pelas belíssimas e enriquecedoras viagens por uma literatura sem fronteiras.

À Dr^a Professora Maria Aparecida Nunes, por levar-me a compreender que não vemos o mundo da mesma forma, a partir de um mesmo ângulo.

Ao Dr. Professor Sérgio Roberto Costa, por incentivar-me a desvendar os sentidos de todas as linguagens que nos cercam e os diversos caminhos da comunicação.

Ao Dr. Professor José Carlos Gonçalves, pela extrema capacidade em ensinar a Análise da Conversação.

Ao Dr. Professor Marcelino Rodrigues da Silva, por conduzir-me tão bem ao universo da Semiótica.

Aos colegas de sala, pela amizade e maravilhosa convivência.

À Universidade Vale do Rio Verde – Unincor.

A todos que, de certa forma, incentivaram-me a transformar sonhos em realidade.

“A linguagem é inseparável do homem, segue-o em todos os seus atos. A linguagem é o instrumento graças ao qual o homem modela seu pensamento, seus sentimentos, suas emoções, seus esforços, sua vontade, seus atos, o instrumento graças ao qual ele influencia e é influenciado, a base mais profunda da sociedade humana”.

(Louis Hjelmslev, lingüista dinamarquês)

SUMÁRIO

Resumo.....	10
Abstract.....	11
Introdução.....	12
1 Internet.....	15
2 Gêneros discursivos	21
3 Gêneros digitais.....	27
4 <i>O Chat</i>	33
5 Preconceito digital: o <i>chat</i> como variante da língua escrita.....	41
6 Fala e escrita: suas implicações na Internet.....	47
7 A visão de Santos (2004).....	55
8 Metodologia.....	57
8.1 Aspectos distintivos da pesquisa.....	57
8.2 Problemas e hipóteses.....	58
8.3 Escolha e produção do corpus.....	60
9 Análise do corpus.....	62
9.1 Análise quantitativa dos bilhetes produzidos por alunos com acesso à Internet.....	66
9.2 Análise quantitativa dos bilhetes produzidos por alunos sem acesso à Internet.....	68
9.3 Análise qualitativa dos bilhetes produzidos.....	71
9.4 Nem certo, nem errado: adequado.....	73
9.5 Os bilhetes 1.....	78
9.6 Os bilhetes 2.....	87
9.7 As redações.....	90
10 Conclusão.....	95
11 Bibliografia.....	99
12 Anexos.....	104
12.1 Anexo 1: bilhetes 1 e 2.....	105
12.2 Anexo 2: dados coletados nos bilhetes dos alunos usuários da Internet.....	117
12.3 Anexo 3: dados coletados nos bilhetes dos alunos não-usuários da Internet.....	127
Anexo 4: Autorização para uso de dissertação.....	133

	LISTA DE ILUSTRAÇÕES	Páginas
FIGURA 1A	A escrita tradicional com a oral.....	78
FIGURA 2A	Presença de vários acrônimos.....	80
FIGURA 3A	Presença de vários acrônimos.....	80
FIGURA 4A	Marcação das sílabas tônicas com h.....	81
FIGURA 5A	Marcação das sílabas tônicas com h.....	81
FIGURA 6A	Alteração na representação dos sons nasais.....	81
FIGURA 7A	Alteração na representação dos sons nasais.....	82
FIGURA 8A	Escrita ideográfica.....	82
FIGURA 9A	Escrita ideográfica.....	83
FIGURA 10A	Criação de novas formas de escrita.....	83
FIGURA 11A	Criação de novas formas de escrita.....	84
FIGURA 12A	Uso de onomatopéias.....	84
FIGURA 13A	Presença da fonética e de palavras reduzidas na grafia das palavras.....	85
FIGURA 14A	Pontuação prolongada e uso de p/, c/, ã.....	85
FIGURA 15A	Gírias.....	86
FIGURA 16A	Análise comparativa: bilhetes 1 e 2.....	89
FIGURA 17A	Análise comparativa: bilhetes 1 e 2.....	89
FIGURA 18A	Redação.....	91
FIGURA 19A/B	Redação.....	92-93
GRÁFICO 1	Alunos com e sem acesso à Internet.....	65
GRÁFICO 2	Faixa etária em valores numéricos e percentuais.....	65
GRÁFICO 3	Indicação por série.....	66
GRÁFICO 4A/B	Marcas de Interação Virtual – Bilhetes 1 e 2.....	66-67
GRÁFICO 5A/B	Marcas de Interação Oral – Bilhetes 1 e 2.....	67-68
GRÁFICO 6A/B	Marcas de Interação Virtual – Bilhetes 1 e 2.....	69
GRÁFICO 7A/B	Marcas de Interação Oral – Bilhetes 1 e 2.....	70
GRÁFICO 8A/B	Palavras com marcas de interação virtual e oral – Bilhetes 1 e 2.....	72
GRÁFICO 4B	Marcas de interação virtual – Bilhete 2 (reprodução).....	87
GRÁFICO 5B	Marcas de interação oral – Bilhete 1 (reprodução).....	87
GRÁFICO 6B	Marcas de interação virtual - Bilhete 2 (reprodução).....	88
GRÁFICO 7B	Marcas de Interação Oral – Bilhete 2 (reprodução).....	88
GRÁFICO 8	Redações - Observância e não observância à tipologia textual.....	90
TABELA 1	Acrônimos.....	79

RESUMO

ARAÚJO, Regina Lúcia de. **O *chat* e a produção da escrita escolar**. 2005 133 p. (Dissertação – Mestrado em Letras). Universidade Vale do Rio Verde – UNICOR – Três Corações – MG*

Esta pesquisa objetivou compreender as influências da linguagem virtual no desenvolvimento da escrita de adolescentes usuários e não usuários das salas de bate-papo - *chat*. A metodologia utilizada foi de abordagem quantitativa e qualitativa para análise de eventos que retratam as práticas de escrita e leitura em contexto de interação virtual e as influências dessas práticas no contexto escolar dos sujeitos investigados. Frente à pesquisa realizada, concluiu-se que não há uma influência nociva na escrita dos adolescentes. O enfoque é mais fonético, buscando uma economia de palavras, primando-se pela rapidez na comunicação. Os adolescentes apresentaram noção de enquadre, realinhando a sua escrita em conformidade com o contexto.

*Comitê Orientador: Dr Luiz Fernando Matos Rocha – UNINCOR (Orientador)

ABSTRACT

ARAÚJO, Regina Lúcia de **The *chat* and the production of the school writing**. 2005 133 p. (Dissertation - Master's degree in Letters). Universidade Vale do Rio Verde - UNINCOR - Três Corações – MG*

This research objectified understanding the virtual language interferences in the development of the teenagers' writing that use or not the chat rooms. The used methodology discussed the quantitative and qualitative approach, for analysis of events that portray the written and read practices in the context of the virtual interaction and the influences of those practices in the school context of the investigated subjects. Facing to the accomplished research, was concluded that there's not a harmful influence in the teenager's writing. The focus is more phonetic, looking for words saving; the speed in the communication gets excelled. The teenagers have suits notions, being able to write in conformity with the context.

*Doutor Luiz Fernando Matos Rocha – UNINCOR (Orientador)

INTRODUÇÃO

Toda mudança gera um temor frente ao desconhecido. Assim, preconceitos são construídos numa tentativa de preservarem o código institucionalizado, negando quaisquer aberturas para as mudanças que urgem.

A internet promove uma reorganização, uma diagramação diferente das formas de comunicação existentes, trazendo um novo enfoque para a linguagem utilizada para consolidar uma atividade comunicacional.

O presente estudo visa a analisar a linguagem utilizada nos *chats* e a sua influência na utilização da escrita dentro do universo escolar.

Como pressupostos teóricos, buscou-se partir do geral para o específico, de uma visão abrangente de discurso, fundamentada em Bakhtin (1976, 1979, 1981, 1992) passando por uma discussão sobre gêneros digitais, bem como a respeito do preconceito escolar com relação a eles, até aspectos morfossintáticos inerentes à influência do *chat* na escrita escolar. Busca-se focalizar esse universo dentro do conjunto de trabalhos do professor, considerando a heterogeneidade do processo de escrita no presente, abandonando a visão de homogeneidade linear ainda tão difundida entre os professores da área, conforme destacado por Correa (2004).

O primeiro capítulo aborda o que é a internet enquanto universo de criação e interação, onde uma nova linguagem constitui-se um fator marcante e fomentador de uma comunidade virtual.

A comunicação virtual acontece num universo onde enunciado, emissor e receptor interagem na construção de uma mensagem. Entretanto, não atuam como únicos atores da peça em pauta, visto que existem vozes sociais que influem na construção e veiculação dessa mensagem. Os gêneros discursivos e suas implicações serão analisados no capítulo 2 à luz dos estudos de Bakhtin (1976, 1979, 1981, 1992).

No entanto, num mundo em constante evolução, os gêneros discursivos também se aprimoram, criando novas vertentes que merecem ser analisadas. A internet enquanto veículo de transformação atua como ícone da construção dos novos gêneros digitais, que serão o foco de análise do capítulo 3.

Dentre os gêneros digitais, o presente estudo focou como universo de pesquisa os *chats* freqüentados pelos adolescentes. Sob esta perspectiva, o capítulo 4 dedica-se a análise específica do *chat* como circuito de formulação dessa linguagem virtual impregnada de códigos, conexões e animações.

Toda essa discussão sobre novas formas de interação lingüística gera em muitos um preconceito tal que mina as possibilidades de crescimento oferecidas no universo virtual. Essa postura parcial e suas conseqüências são o assunto norteador do capítulo 5.

A linguagem utilizada nos *chats* especificamente apresenta uma grande ligação entre a língua falada e a língua escrita. Tal ligação está presente nos anos escolares iniciais do aluno, sendo regrada e combatida por um ensino linear de uma gramática normativa. Esse tecnicismo acrítico, bem como a cumplicidade entre a língua falada e a língua escrita enquanto documento do ciberespaço, é o tema enfocado no capítulo 6.

As possíveis influências da linguagem digital na escrita dos adolescentes, num universo de pesquisa de interações on-line versus gêneros textuais foi o tema de pesquisa de Santos (2004) e será exposto no capítulo 7.

A metodologia utilizada na pesquisa figura no capítulo 8, em que se descreve a coleta da escrita de 204 alunos do Ensino Médio, usuários e não-usuários da internet. O gênero textual escolhido foi o bilhete por apresentar uma estrutura, de certa forma, próxima aos *chats*, a saber: linguagem informal, distensa e espontânea, despreocupada com o uso das regras gramaticais normativas. Cada aluno produziu dois bilhetes: o Bilhete 1 se caracterizou por uma produção textual espontânea sobre tema livre, a qual não passaria por avaliação; em seguida, outro Bilhete, o 2, que, ao contrário do primeiro, foi instruído pela pesquisadora como um texto que teria que ser produzido para valer nota, tendo o mesmo tema selecionado pelo aluno no Bilhete 1. Totalizaram-se 408 bilhetes.

É propósito desta pesquisa verificar a presença das marcas lingüísticas de interação virtual e oral – próprias dos *chats* – nos textos coletados em sala de aula e sua relação com a escrita escolar dos sujeitos investigados. A escolha pela produção do Bilhete 1 seria uma maneira de captar bem essa influência, devido ao alto grau de informalidade do *chat* e do bilhete. Com o bilhete 2, objetivou-se em verificar que, mesmo diante da proximidade informal de gêneros, o

aluno seria capaz de abrir mão de marcas informais para produzir um texto mais formal, demonstrando saber se adequar à nova situação comunicativa.

O presente estudo, ao contrário de encarar a internet e os *chats* como grandes vilões da escola, visa a analisar a influência da linguagem virtual na escrita dos adolescentes questionando o preconceito que assola o ensino tradicionalista, o qual vê com maus olhos essa possível influência. Partindo da exposição dos pressupostos teóricos, procedeu-se a análise geral do *corpus* pesquisado. Concluiu-se que não há influência nociva da linguagem dos *chats* na escrita escolar dos adolescentes. O enfoque dessa influência é mais fonético, porque os adolescentes primam pela rapidez na comunicação. Os usuários apresentam uma clara compreensão quanto à situação comunicacional em que se encontra, realinhando sua escrita em conformidade com o contexto e eliminando marcas de virtualidade e oralidade quando necessário. O detalhamento dessa análise está presente no capítulo 8.

1 INTERNET

Pode-se afirmar que a internet revolucionou o conceito de comunicação, estreitando as distâncias e possibilitando novas formas de contato a partir de um simples movimento com o *mouse*. Nesse espaço cibernético, esse instrumento de comunicação possibilita um universo de mensagens interativas, por meio das quais os usuários têm a oportunidade de criar livremente.

Com tamanha abrangência, torna-se essencial compreender o funcionamento desse universo, como analisa Franco (1997, p. 14) : “o novo homem deve ter habilidades que permitam sua constante atualização, facilidade de abandonar o absoluto, não ter receio de se apropriar das interfaces que ampliam sua inteligência.”

Em 1969, a internet (Rede Virtual de Interligação de Computadores) foi criada pela ARPA (Advanced Research Project Agency, do Departamento de Defesa Militar Americano), que buscava encontrar diferentes rotas para uma informação chegar ao seu destino.

Inicialmente, criou-se a rede ARPANET, formada por quatro computadores localizados em universidades americanas. Desde então, novas redes surgiram, formando essa imensa teia eletrônica que espalha seus fios pelas partes mais longínquas da Terra.

As primeiras interconexões no Brasil ocorreram em 1988, controladas pela FAPESP (Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo) e LNCC (Laboratório Nacional de Computação Científica – RJ).

A partir de 1995, a rede brasileira que era quase exclusivamente acadêmica. Tornou-se também comercial a partir de uma iniciativa do Ministério das Comunicações e do Ministério da Ciência e Tecnologia. Daí em diante, milhares de internautas encontram-se em rede, revolucionando de forma tal o conceito de comunidade até então institucionalizado. Sob esse ponto, Soares (1997) afirma que “o maior instrumento da globalização cultural na sociedade tem sido certamente o conjunto das redes de comunicação de massa. A abrangência, extensão e eficácia dessas redes estão na raiz das maiores transformações na virada do século”.

A internet protagonizou a criação de um novo espaço para a comunicação, o ciberespaço, definido por Sobral (1999, p. 106) como “o conjunto de redes de computadores interligadas e de todas as informações e dados ali transmitidos”.

As modalidades de comunicação viabilizadas pelo computador, dividem-se em duas categorias a partir do tempo de demora entre o envio de mensagens e sua chegada ao destino, a saber: comunicação assíncronica e síncronica.

Mccleary (1998) analisa que as modalidades assíncronicas ocorrem em tempos diferentes, sendo enviadas para seus destinatários (e-mails e programas específicos) até que sejam acessadas.

As modalidades síncronicas, por sua vez, possibilitam uma comunicação em tempo real que ocorre enquanto os diversos interlocutores encontram-se conectados à rede.

Por possuir tantos fatores e recursos específicos, bem como por constituir-se um universo novo e convidativo para ser explorado, a internet acabou produzindo uma linguagem própria. Essa sensação de liberdade, autonomia e poder faz com que se formem verdadeiras tribos virtuais, com conceitos e linguagens próprias que os mantêm unidos apesar da distância física. Liberdade, busca de globalização e rompimento com os limites territoriais acabam desenvolvendo-se de maneira antagônica. Luta-se por uma abrangência, uma abertura dos tentáculos da comunicação, ao mesmo tempo em que, dentro do universo virtual, surgem os grupos fechados, formando comunidades próprias, com uma linguagem peculiar ao seu meio.

Segundo Marcuschi & Xavier (2004, p. 124), a Internet

proporciona a interação entre locutor e interlocutor, uma vez que, na rede, qualquer elemento adquire a possibilidade de interação, havendo interconexões entre pessoas dos mais distantes lugares do planeta, facilitando, portanto, o contato entre elas, assim como a busca por opiniões e idéias convergentes.

Até mesmo as informações divulgadas na internet exploram as linguagens próprias de seus usuários, que são “transferidas para o contexto social e divulgadas como uma linguagem global” (MARCUSCHI & XAVIER, 2004, p. 125).

Em especial, como foco desta pesquisa, delimitou-se os adolescentes e sua participação nos *chats*, a fim de analisar essa linguagem virtual em relação a certos gêneros de escrita escolar. Sem dúvida, o novo tem sempre um atrativo especial para o jovem que passa a elaborar suas próprias regras de interação. Conforme analisa Martin-Barbero (1998, p. 59),

os jovens experimentam uma empatia feita não só de facilidade para relacionar-se com as tecnologias audiovisuais e informáticas, mas também de cumplicidade expressiva (...) produzindo comunidades hermenêuticas que respondem a novos modos de perceber e narrar a identidade.

Seguindo esse raciocínio, Marcuschi & Xavier (2004, p. 126) afirmam que “existe por esse caminho, a necessidade de se gerar conceitos, o que tem suscitado a criação de termos e/ou de expressões originais.”

Levy (1996, p.22) postula que “cada forma de vida inventa seu mundo (...) e com esse mundo, um espaço, um tempo específico (...) cada novo sistema de comunicação e de transporte modifica o sistema das proximidades práticas, isto é, o espaço pertinente para as comunidades humanas”.

Partindo desse pressuposto, pode-se dizer que um dos pontos mais importantes de mudança ocasionados pela internet é a reorganização dos hábitos de socialização. As comunidades formam-se não a partir dos aspectos geográficos, mas dos interesses de cada um. O ciberespaço mescla as noções de unidade, de identidade e de localização.

Próprios de uma comunidade, os internautas também possuem um código de ética ou um conjunto de regras de comportamento social que os disciplina, conforme analisado por Vianna (1995). Entre os ensinamentos, mostra-se como agir em grupos de discussão, como escrever de forma a preservar a eficiência da rede e ampliar o potencial de comunicação.

Aos usuários recém-chegados, dá-se o codinome de *newbie*. É preciso inteirar-se dos detalhes e princípios que regem a linguagem e o comportamento das comunidades, pois atitudes que possam ter um caráter insignificante aos olhos do leigo virtual têm valor de interpretação para quem lê. Por exemplo, deve-se evitar, a não ser que se queira, escrever em letras maiúsculas, pois dão a impressão de estar gritando. Assim, o usuário tem que se submeter às regras de convivência própria de um grupo convencional. Nas comunidades reais, por exemplo, seus

pontos de identificação são as roupas, o cabelo, os acessórios e a linguagem. Uma comunidade virtual consolida-se por meio da linguagem que figura como um código para os usuários do *chat*. Como exemplo, será transcrito um diálogo em que se apresentam todas as características descritas¹

<THARWN> bomxibomxibombombom. O de cima sobe e o de baixo desce... (Música do grupo As meninas)

<THARWN> E/E?? Blz? Kd a Mel? Melando? Have time to tc? (E aí? Beleza? Cadê a Mel? Melando? Tem tempo para teclar?)

<THARWN> blz! (Beleza!)

<LUFL> O q 6 taum fzndo agora? (O que vocês estão fazendo agora?)

<THARWN> :-) Tc! (Emotion: seu burro! Teclando!)

<MEL> LOL :-) (Recurso do ICQ que envia um som de risadas. LOL = lots of laughin' e emoticon de felicidade)

<THARWN> alguém afim tc? (tc = teclar)

<THARWN> hahahahahahahahaha (Risos)

<THARWN> Beep! Beep! (Recurso do ICQ que envia som de buzina para chamar a atenção dos receptores)

<LUFL> Heheheheheheheh ... (Risos – observem que isso se tornará constante)

<MEL> tou fazendo um job pro mestrado. Ajuda E!!!. (Estou fazendo um trabalho para mestrado. Ajuda aí!)

<LUFL> Uh... (Algo como: ah, tá! Acrescido de uma pausa breve)

<THARWN> Cooooooooooooool !!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!! (Legal)

<LUFL> Show... (Gíria: muito legal!)

<THARWN> issu mesmo, garota isssssssssstudiada! (Observem que a repetição da letra s tem por finalidade modificar a forma como deve ser lida a frase, com maior entonação.)

<LUFL> Eu n tou fazendu nadica (Eu não estou fazendo nada)

<MEL> Tharwn, q nick eh esse Gui (Tharwn – que apelido é esse, Guilherme?)

<THARWN> ops (Opa)

- <MEL> Inspiração donde? (Inspiração de onde?)
- <LUFL> É um persona de Star Wars ... (É um personagem de Star Wars – Guerra nas Estrelas – o nickname já demonstra um hobbie do internauta)
- <THARWN> + vomo Tharwn (Mas como Tharwn. Percebem que não ficou clara a resposta)
- <MEL> nem Darth Vader salva! (O nickname é tão estranho quem nem Darth Valder – outro personagem do filme – salva!)
- <MEL> Beep! Beep! (Recurso do ICQ novamente utilizado para chamar a atenção dos receptores)
- <LUFL> Hehehehehehehe (Repetição das risadas, com deboche)
- <LUFL> SAVE THE EARTH! (Um grito – letras maiúsculas: Salve a Terra!)
- <THARWN> eh um Grande almirante (Volta-se à explicação do nickname: Tharwn é um grande almirante do filme)
- <THARWN> The best (Complemento da explicação: o melhor!)
- <MEL> Tou vendo 1s lance pro site (Estou vendo uns lances para o site – tanto Thawn quanto Lufl são webdesigners)
- <THARWN> Vader um bom mestre jed + tinha um distúrbio. (Volta ao assunto do nickname: Vader era um bom mestre Jedi mas tinha um distúrbio)
- <THARWN> quando falar (A frase não ficou clara, Tharwn apertou a tecla enter e o que ele havia digitado foi enviado sem que a frase estivesse terminada).
- <MEL> Ker saber? deixa sobrar um tempo q a gente se reúne. (Quer saber? Deixa sobrar um tempo que a gente se reúne – volta-se à conversa sobre o site)

O diálogo transcrito evidencia a amplitude de recursos disponibilizados pela internet, bem como a linguagem virtual própria de seus usuários. Em alguns momentos, a compreensão se torna possível somente para aqueles que conhecem esse universo, restringindo assim os membros do grupo. Percebe-se ainda a presença da oralidade, das onomatopéias, bem como da linguagem fonética.

¹O exemplo aqui citado encontra-se no texto “A linguagem dos chats desafia os newbies” – por Melissa Elias Viana – www.internewws.eti.br/200/mt000722.shtml

Tais ocorrências são consideráveis e não se pode fugir dos seus efeitos. A linguagem internética e as relações advindas desse universo são fontes importantes de pesquisa para o educador, que deve se livrar dos preconceitos. A postura de pesquisador deveria dar lugar à de normatizador. Assim, o objeto em estudo passa a ser encarado com distanciamento necessário à investigação científica. Sem investigação ou reflexão, não se consegue lidar bem com as novas demandas sociais, como a linguagem virtual. O presente trabalho focaliza tais aspectos analisando o espaço virtual como uma eclosão de novos gêneros que constituem uma revolução nas concepções quanto a enunciados e interlocutores.

2 GÊNEROS DISCURSIVOS

As interações humanas consolidam-se através das linguagens oral e escrita. Grupos se formam a partir do intercâmbio de enunciados, do diálogo e dos objetivos em comum. Conseqüentemente ou inevitavelmente, uma comunidade lingüística que atua num determinado contexto social acaba estabelecendo relações de poder.

De acordo com Oliveira (1997, p. 23), o gênero se adapta a cada contexto situacional com um “propósito específico e segue padrões lingüísticos de uma comunidade discursiva”. Tais pressupostos são de grande interesse para o estudo em foco, que visa a analisar as formas próprias empregadas pela comunidade adolescente no *chat*, bem como a maneira como lidam com a linguagem virtual e a linguagem escolar em seus devidos contextos.

Quanto aos gêneros, vale ressaltar que se encontram internamente relacionados, influenciando-se mutuamente. Sob este enfoque, os estudos de Bakhtin (1976, 1979, 1981, 1992) revelam-se importantes.

Segundo o autor, “cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso” (BAKHTIN, 1992, p. 280).

Partindo desse pressuposto, o gênero molda a fala e revela, através dela, o tipo de gênero discursivo a que ela pertence. Assim, “conteúdo temático, estilo e construção composicional fundem-se indissolivelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação” (BAKHTIN, 1992, p. 280). Dessa forma, a comunidade lingüística estabelece a escolha do gênero a ser utilizado a partir das necessidades temáticas surgidas da comunicação entre os parceiros.

Segundo o autor, a comunicação seria mesmo impossível se não existissem os gêneros.

Aprendemos a moldar nossa fala às formas do gênero e, ao ouvir a fala do outro, sabemos de imediato, bem nas primeiras linhas prescindir-lhe o gênero, adivinhar-lhe o volume (extensão aproximada do todo discursivo), a dada estrutura composicional, prever-lhe o fim, ou seja, desde o início, somos sensíveis ao todo discursivo que, em seguida, no processo da fala, evidenciará suas diferenciações. Se não existissem os gêneros do discursivo e se não os dominássemos, se não tivéssemos de criá-los pela primeira vez no

processo, se tivéssemos de construir cada um de nossos emaranhados, a comunicação seria quase impossível.
(BAKHTIN, 1992, p. 302)

Conforme o pensamento bakhtiniano, é no fluxo da comunicação verbal que a palavra se transforma e ganha diferentes significados de acordo com o contexto em que surge.

Bakhtin (1992, p. 279-281) ressalta que as esferas de comunicação são formadas por *um repertório de gêneros* que lhes são próprios. O autor enfatiza ainda que, dependendo das esferas, os gêneros se dividem em dois grupos: primários e secundários. Os gêneros primários estão ligados às “circunstâncias de uma comunicação verbal espontânea”, os secundários transitam em enunciados próprios de “uma comunicação cultural mais complexa e (...) evoluída, principalmente escrita”. Para exemplificar os gêneros primários, Bakhtin destaca o “diálogo cotidiano e a carta; e para os gêneros secundários, o autor cita, entre outros gêneros, o romance e o discurso científico.”

Bakhtin (1992) sugere que os primários propiciam uma comunicação verbal espontânea e os secundários apóiam uma comunicação mais complexa e escrita — o que não quer dizer que a fala seja um fator privilegiado dos primeiros, já que a carta se consolida através da escrita. Como lembra Marcuschi (2000), uma comunicação em um congresso científico, ainda que se apresente oralmente, será um gênero secundário, por estar interligado a uma esfera complexa de comunicação, que é a científica.

Bakhtin ressalta que todos os gêneros secundários incorporam, em sua composição, uma diversidade de gêneros simples. Essa absorção que os gêneros secundários realizam nos gêneros primários é exemplificada no caso da transmutação do diálogo cotidiano para a esfera literária, conforme destaca Bakhtin (1992, p. 281):

(...) inseridas num romance, a réplica do diálogo cotidiano ou a carta, conservando sua forma e seu significado apenas no plano do conteúdo do romance, só se integram à realidade existente através do romance considerado como um todo, ou seja, do romance concebido como fenômeno da vida literária-artística e não da vida cotidiana.

À luz da transmutação dos gêneros e da assimilação de um gênero por outro, conclui-se que muitos gêneros encontrados são adaptações de outros pré-existentes.

Neste caso, o e-mail (mensagem eletrônica) originou-se de cartas pessoais, cartas comerciais e bilhetes. A linguagem desses novos gêneros encontra-se cada vez mais maleável, o que faz com que alguns sejam determinados pelo próprio ambiente em que aparecem e criem formas comunicativas integrando os vários tipos de semioses (signos verbais, sons, imagens e formas em movimento).

O e-mail possui uma identidade própria, vinculada às condições tecnológicas de sua produção e à comunidade discursiva que faz uso dele.

Para a concretização do processo de comunicação, Bakhtin analisa que o diálogo é composto por três elementos: o falante, o interlocutor e a revelação dos dois. Assim, as práticas discursivas e não as estruturas lingüísticas constituem o cerne do princípio dialógico.

Partindo desse pressuposto, a realidade lingüística é um mundo de vozes sociais em múltiplas relações dialógicas. A língua não é neutra, mas povoada pelas intenções dos outros. Desse confronto, surgem novas vozes sociais.

Para Bakhtin, o termo voz se refere à consciência falante presente nos enunciados, carregando consigo uma visão de mundo. Nesse ponto, o enunciado é composto por diferentes pontos de vista, consciências falantes ou vozes.

Tal premissa é de vital importância na análise dos e-mails como enunciados de uma comunidade falante consciente, numa integração de vozes discursivas.

Ao considerar o enunciado como uma interação verbal em que as palavras são definidas a partir das trocas sociais de cada grupo ou esfera social, Bakhtin analisa que a diversidade de atividades sociais leva a uma diversidade de produções de linguagem.

A comunicação eletrônica constitui-se, portanto, como um encontro de vozes que se consolidam em diálogo cultural diferente das estruturas até então estabelecidas. É vital

compreender as estruturas de sua organização, o uso da escrita conversacional, as mudanças inseridas e a presença da fonologia na construção de tais comunicações.

Assim, é imprescindível manter-se aberto para a análise e compreensão desses novos gêneros. Novamente, a análise de Bakhtin é pertinente a saber: “sem entender a nova forma de visão, é impossível entender corretamente aquilo que pela primeira vez foi percebido e descoberto na vida com o auxílio dessa forma.” (BAKHTIN, 1981, p. 36).

Essa necessidade de debruçar-se sobre o novo e compreendê-lo é destacada por Chartier (1994, p. 101) quando ressalta que “essas necessidades comandam inevitavelmente, imperativamente, novas maneiras de ler, novas relações com a escrita, novas técnicas intelectuais”.

Os novos gêneros propiciam uma flexibilidade ímpar, em que os sujeitos interagem com a mensagem, reelaborando-a a partir de padrões escritos, criando uma nova escrita. Conforme destaca Marcuschi (2000, p. 93), “as fronteiras entre ler e escrever se tornam mais tênues.”

A possibilidade de criação de um novo gênero faz emergir o conceito de gêneros híbridos. A cultura eletrônica possibilita a explosão de novos gêneros, decorrentes da necessidade de gerar novidades, por meio de modificações e criações a partir dos gêneros consagrados. Marcuschi (2002, p. 20) analisa que

os gêneros textuais caracterizam-se muito mais por suas funções comunicativas cognitivas e institucionais que por suas peculiaridades lingüísticas e estruturais (...) devendo ser contemplados em seus usos e condicionamentos sócio-pragmáticos caracterizados como práticas sócio-discursivas.

Partindo da transmutação dos gêneros segundo os estudos bakhtinianos, pode-se dizer que os emergentes gêneros analisados neste trabalho redefinem alguns aspectos centrais na observação da linguagem em uso, como por exemplo a relação entre a oralidade e a escrita. A nova forma de linguagem utilizada vale-se de um hibridismo que rompe com os limites entre o que é oral e o que é escrito, brincando com as palavras e formando um gênero que já possui uso e funcionalidade. Para que haja uma compreensão entre os interlocutores, faz-se

necessária a relação entre os sujeitos. A ligação entre linguagem e sociedade fez com que Bakhtin entendesse o processo de significações como o resultado das estruturas sociais. Bakhtin (1979, p. 72) analisa que “a criação lingüística é uma criação significativa, análoga à criação artística.”

Faz-se fundamental, portanto, analisar a essência social do discurso verbal. Pode-se afirmar que tal discurso nasce de uma situação pragmática extra-verbal e mantém a conexão mais próxima possível com essa situação. Assim, um discurso não se constrói alienadamente. Antes, todos os julgamentos, as avaliações e as ponderações presentes nele encontram-se diretamente determinados pelo contexto social que o circundam. Analisar o discurso verbal puramente sob a ótica lingüística, certamente atrela-o a uma mecânica linha tecnicista. Antes, fatores extra-verbais tais como as emoções, o ambiente, as situações em que ocorrem tais discursos constituem características vitais para a construção do discurso não como uma obra de arte encarada como um objeto, mas como uma obra que se insere num campo social, ativo, construtivo e significativo.

Enunciados concretos continuam e desenvolvem ativamente uma situação, esboçam um plano para uma ação futura e organizam essa ação. Conforme Bakhtin, a situação se integra ao enunciado como uma parte constitutiva essencial da estrutura de sua significação. Nessas situações, os julgamentos, de valor presumido são, não emoções individuais, mas atos sociais regulares e essenciais.

Esses enunciados encontram-se tão fortemente ligados aos fatores extra-verbais que, se proferidos em um contexto social diferente, perdem seu valor e intensidade. Assim, as características presumidas e a entonação formam as particularidades ou identidades determinantes do discurso em pauta. Bakhtin diz que:

O enunciado concreto (e não a abstração lingüística) nasce, vive e morre no processo da interação social entre os participantes da enunciação. Sua forma e significado são determinados basicamente pela forma e caráter desta interação. Quando cortamos o enunciado do solo real que o nutre, perdemos a chave tanto de sua forma quanto de seu conteúdo – tudo que nos resta é uma casca lingüística abstrata ou um esquema semântico igualmente abstrato (a banal “idéia da obra”, com a qual lidaram os primeiros teóricos e

historiadores da literatura) – duas abstrações que não são passíveis de união mútua porque não há chão concreto para sua síntese orgânica.(1976)

O discurso verbal seria, portanto, o cenário de uma vida. Entretanto, uma peça não se faz somente com o cenário. Existem ainda os atores, as emoções, o texto, o autor, a platéia e toda uma gama de fatores determinantes na realização do espetáculo a fim de torná-lo compreensível, objetivo e ímpar, único a cada ato. Ater tal processo ao aspecto lingüístico simplesmente, desconsiderando todos os fatores sociológicos envolvidos nesse processo, significaria restringir seu horizonte de construção a um espaço frio e apático.

O autor/poeta, aquele que constrói o enunciado, conforme destaca Bakhtin (1976) não seleciona as palavras de um dicionário frio e impessoal, mas do contexto da vida onde as palavras foram embebidas e se impregnaram de julgamentos de valor.

A análise sociológica de uma obra deve partir da sua forma verbal, entretanto, não deve limitar-se a ela. Conforme Bakhtin, existe uma gama de fatores, tais como a articulação, a imagem sonora, a entonação e o significado social do texto, que contribuem ativamente para a análise e compreensão da mensagem em pauta. O discurso verbal é o esqueleto que toma forma viva no processo da percepção criativa, conseqüentemente, só no processo da comunicação social viva. Todos os elementos do estilo de uma obra poética estão impregnados da atitude avaliativa do autor com relação ao conteúdo e expressam sua posição social básica. Essa premissa é fortemente destacada na construção dos *chats* que expressam uma postura lingüística altamente influenciada por um contexto social.

Dessa forma, toda a arte não se prende apenas aos aspectos estéticos ou lingüísticos, mas a um conjunto de fatores sociais que determinam a forma e a elaboração do produto final como obra a ser admirada, discutida e contextualizada.

Partindo do enfoque bakhtiniano quanto aos gêneros discursivos, bem como quanto às vozes que ecoam entre os interlocutores e para além deles, é que será feita a análise das comunicações realizadas entre os *chats* – próprios de uma comunidade adolescente nesse universo repleto de particularidades.

3 GÊNEROS DIGITAIS

A Internet possibilita uma comunicação em que a flexibilidade lingüística é um fato marcante. O usuário pode “brincar” com signos de natureza diversas, criando novos símbolos. Nessa explosão de cultura eletrônica, surgem novos gêneros e novas formas de comunicação.

Conforme destacam Marcuschi e Xavier (2004, p. 13), “a Internet é uma espécie de protótipo de novas formas de comportamento comunicativo”. Os gêneros digitais emergentes nesse contexto contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas, consolidando-se como entidades sócio-discursivas e formas de ação social.

Entretanto, os gêneros digitais e suas peculiaridades não devem ser encarados como inovações absolutas. Conforme analisado por Bakhtin, a transmutação dos gêneros favorece o surgimento de novos gêneros. Ocorre, portanto, uma evolução de gêneros que interagem, culminando em novas formas de comunicação.

Assim, as facetas da cultura eletrônica encontram-se fundamentadas em gêneros pré-existentes. Por exemplo, o e-mail que gera mensagens eletrônicas tem nas cartas e bilhetes os seus antecessores. Vale ressaltar que os gêneros digitais, apesar de terem suas bases em gêneros pré-existentes, possuem identidades próprias.

Os gêneros digitais apresentam uma intensa ligação entre oralidade e escrita, criando formas de comunicação próprias, como as observadas nos *chats*. Como analisado por Jonsson (1997, p. 9, citado por Marcuschi e Xavier, 2004, p. 41)

as mensagens eletrônicas podem partilhar as propriedades da carta tradicional, mas podem partilhar as propriedades do telefonema ou a comunicação face a face. Conseqüentemente, os e-mails transgridem os limites entre as noções tradicionais de comunicação oral e escrita.

No que tange a análise dos gêneros digitais, Marcuschi (2004, p. 14) ressalta que

três aspectos tornam a análise desses gêneros relevante: (1) seu franco desenvolvimento e um uso cada vez mais generalizado; (2) suas peculiaridades formais e funcionais, não obstante terem eles contrapartes em

gêneros prévios; (3) a possibilidade que oferecem de se rever conceitos tradicionais, permitindo repensar nossa relação com a oralidade e a escrita. Assim, esse “discurso eletrônico” constitui um bom momento para se analisar o efeito de novas tecnologias na linguagem e o papel da linguagem nessa tecnologias.”

Fato evidente é que, nos gêneros digitais, a escrita é a base da comunicação empreendida, ainda que integrada a imagens e sons. Nesse ambiente as formas textuais utilizadas nesse universo eletrônico são versáteis.

De acordo com Marcuschi (2000, p. 88), o espaço de escrita eletrônico deve ser encarado como

um espaço cognitivo que exige a revisão de novas estratégias de lidar com o texto. Sobretudo as estratégias que dizem respeito à continuidade textual. Pois o “novo espaço” não é mais linear nem se comporta numa direção definida.

Os novos gêneros trazem uma alta interatividade, o que proporciona uma estreita relação fala-escrita nesse contexto. Marcuschi (2000, p. 33) destaca ainda um outro aspecto importante nos gêneros digitais:

é o uso de marcas de polidez ou indicação de posturas com os conhecidos emoticons (ícones indicadores de emoções) (...), trazendo descontração e informalidade (monitoração fraca da linguagem), tendo em vista a volatilidade do meio e a rapidez da interação.

A linguagem escrita utilizada nesses gêneros não é submetida a correções. Pode-se dizer, segundo Marcuschi (2000, p. 63) que “é uma linguagem escrita não-monitorada, (...) em seu estado natural de produção.” Face ao exposto, vale ponderar até que ponto tal liberdade pode influenciar nas outras formas de escrita: 1) Admitir-se-ão várias formas de escrita ou grafias a partir de contextos diferentes? 2) Como o adolescente usuário dos vários gêneros digitais trabalha o enquadramento da língua escrita? Sem dúvida, a linguagem utilizada nesse entorno contribui significativamente para a formação de novas variedades comunicativas.

O tipo de linguagem escrita utilizada nos *chats*, por exemplo, reproduz estratégias da língua falada, apresentando enunciados mais curtos e com menor índice de nominalizações por frase, conforme analisa Halliday (1996, 356, citado por MARCUSCHI, 2000, p.64). Partindo desse pressuposto, pode-se dizer que os novos gêneros digitais difundem-se num novo letramento a partir dessa nova relação com a escrita. Essa nova relação com a escrita e com seu caráter comunicativo ocorre num “contínuo de identidades sociais desde o pessoal e conhecido até o impessoal e irreal” (MARCUSCHI, 2004, p.66).

Soares (1997) postula que

a tela como espaço de escrita e de leitura traz não apenas novas formas de acesso à informação, mas também novos processos cognitivos, novas formas de conhecimento, novas maneiras de ler e de escrever, enfim, um novo letramento, isto é, um novo estado ou condição para aqueles que exercem práticas de escrita e de leitura na tela.

À luz dos estudos de Marcuschi e Xavier (2004) pode-se estabelecer uma análise dos gêneros da mídia digital, assim discriminados:

E-mails (mensagens eletrônicas)

Segundo os autores supracitados, o e-mail pode ser definido como “uma forma de comunicação escrita normalmente assíncrona de remessa de mensagens entre usuários do computador” (p. 39). São ainda pessoais e seus interlocutores mantêm um certo nível de conhecimento mútuo, fugindo do anonimato próprio das salas de bate-papos. Seu formato textual assemelha-se ao de uma carta/bilhete, com cabeçalho e assunto. Podem ainda assumir características de um telefonema ou comunicação face a face, o que resulta numa linguagem que mescla oralidade e escrita.

Sob esse aspecto, Jonsson (1997, p. 15, citado por MARCUSCHI, 2004, p. 42) analisa que, apesar de possuírem aspectos do gênero tradicional conhecido na escrita, trazem novos elementos, em especial na relação com a oralidade, conforme se observa a seguir:

os e-mails introduzem traços inteiramente novos para a comunicação, tais como a colagem gerada pelo software; postagem cruzada e encadeamentos.

Os e-mails não se conformam aos domínios tradicionais do discurso oral e escrito, mas transgridem constantemente os limites entre os dois. Assim, pode-se dizer que o e-mail cria seu próprio domínio de discurso no território da comunicação.

Entrevista com convidado

Nesta modalidade, há um mediador que faz a triagem das perguntas que o interessado recebe para responder. Em sua essência, qualquer um poder fazer sua pergunta na sala.

E-mails educacionais

Neste aspecto da sala de aula virtual, o formato apresenta-se centrado na exposição e discussão, tratando-se de eventos essencialmente escritos.

Conforme destaca Marcuschi (2004, p. 52), o fato de basear-se em eventos escritos é uma grande inovação, visto que

A aula em geral se dá no formato oral em sua forma canônica. Isso faz pensar desde logo que se está diante de um novo conjunto de gêneros. Além disso, a forma de acesso e o ritmo de trabalho não são mais os mesmos que as aulas tradicionais (...) As aulas são baseadas numa interação de escrita assíncrona.

Nesta modalidade, o aluno determina ritmo e horário de estudo, quebrando a distinção rígida entre professor e aluno. Todos conversam, discutem, trocam idéias e formulam conhecimentos. É um formato novo que representa um gênero textual diverso.

Vídeo-conferência interativo

Segundo Marcuschi (2004, p. 58), é um gênero que se aproxima dos bate-papos com convidados, mas tem um tema fixo e tempo claro de realização com parceiros definidos. Nesse caso, a escrita é usada com menor intensidade e sua característica aproxima-se a dos telefonemas com imagem em circuito fechado.

Listas de discussão

São gêneros fundados numa comunicação assíncrona. Muito praticado nas comunidades acadêmicas, podem ocorrer também fora dela. Nesse caso, ocorre a partir de interesses

comuns, com objetivos bem definidos entre as chamadas comunidades virtuais. Há um código de ética que governa a operacionalidade das listas dos participantes.

Endereço eletrônico

De acordo com Marcuschi (2004, p. 59), “o endereço eletrônico é um dos identificadores pessoais dos indivíduos para todo tipo de participação na comunicação eletrônica”. Nas salas de bate-papo eles não aparecem, mas nos e-mails, eles funcionam como o remetente da carta. O usuário pode possuir mais de um endereço, de acordo com a quantidade de caixas postais que tiver aberto. Um aspecto interessante é destacado por Marcuschi (2004, p. 60), a saber: “esses endereços não admitem nenhuma alteração e um simples espaço a mais ou a mudança de uma letra é suficiente para que ele não funcione”.

Os *blogs*

Os *blogs* possuem função específica e uma estrutura que os caracteriza como um gênero. É um diário eletrônico que pode ser atualizado, “com anotações diárias ou em tempos regulares que permanecem acessíveis a qualquer um na rede” (MARCUSCHI, 2004, p. 61). A linguagem utilizada nos *blogs* é informal, visto tratar de assuntos diários como sentimentos, relações, atividades cotidianas e outros. Seus textos são breves e podem conter músicas e fotos. São interativos e participativos. Os usuários podem escrever, opinar e construir *blogs* coletivos.

À luz do exposto, verifica-se que os gêneros digitais impõem uma nova gama de investigações no que tange ao processo de escrita e fala. Costa (2000, p.44) afirma que “o uso da Internet é responsável pelo surgimento de novos gêneros (hiper) textuais, (*chat*, e-mail, fórum, homepage), ligados à interatividade verbal e, conseqüentemente se torna responsável por novas formas e/ou funções de leitura e escrita”.

Segundo a perspectiva da pesquisa de Silveira Galli (2004, p. 125),

a linguagem da Internet tem seus pressupostos que naturalmente estão caminhando para um novo modelo de comunicação. A Internet já se transformou num veículo de comunicação com uma linguagem acessível à

maior parte dos hiperleitores. Desse modo, há uma exploração dos termos dessa área, os quais são transferidos para o contexto social e divulgados como uma linguagem global.

Ainda dentro dos gêneros digitais, o *chat* destaca-se como um dos gêneros mais praticados da civilização digital. Por figurar como relevante para pesquisa em pauta, será discutido no capítulo a seguir.

4 O CHAT

Os *chats*, segundo Marcuschi, (2004, p. 42)

surgiram na Finlândia no verão de 1988, quando Jarkko “WIZ” Oikarinen escreveu o primeiro IRC (Internet Relay Chat) na universidade de Oulu, com o objetivo de estender os serviços dos programas BBS (os e-mails de então) para comunicação em tempo real.

Daí, após alguns contatos com os amigos, a novidade estava ligada à Internet. Em menos de uma década, tal tipo de comunicação tornou-se um dos gêneros mais praticados na comunidade virtual.

O Dicionário Aurélio Século XXI define o verbete *chat* da seguinte maneira: “*chat* – forma de comunicação através de Web de computadores (a Internet), similar a uma conversação, na qual se trocam, em tempo real, mensagens escritas; bate-papo on-line, bate-papo-virtual, papo on-line, papo virtual”.

A linguagem utilizada é livre, repleta de particularidades que formam o objetivo de estudo do presente trabalho. A comunicação, entre um ou mais usuários, ocorre em tempo real, simulando uma interação face a face, daí ser denominada de comunicação sincrônica, onde o tempo de produção coincide com o tempo de leitura. Devido a essa característica, a fluidez e qualidade da comunicação dependem da capacidade do usuário no que tange a sua rapidez enquanto digitador, bem como em coordenar os parceiros, no caso de estabelecer vários diálogos simultaneamente.

Marcuschi (2004, p. 46) retrata, num quadro elucidativo, os recursos disponíveis nas salas *chat* que gerenciam tal linguagem ímpar, conforme reproduzido a seguir:

CATEGORIAS	ATIVIDADES POSSÍVEIS
(1) seleção de parceiros	a) a seleção de TODOS: neste caso fala-se para a sala toda; b) seleção de parceiros em conversa no aberto: disponibilidade de escolha e um individuo com quem se quer falar, clicando em cima do nome e dirigindo-se a ele no aberto; c) seleção de parceiros para conversa reservada: neste caso fala-se com alguém reservadamente e ninguém observa aquela fala; por outro lado, permanece-se vendo todas as demais falas no aberto; d) seleção de um único parceiro e exclusão de todos os demais; assim não se recebe outra fala a não ser do individuo selecionado com exclusividade; e) eliminação de indivíduos indesejados: pode excluir do seu vídeo quantos quiser.
(2) envio de sons especiais	Pode-se enviar sons de animais, instrumentos musicais, telefones, suspiros, catarros, tosses, beijos, sustos e vários outros imitando situações diárias.
(3) envio de caretas/imagens	Os sons podem ser acompanhados de figuras ou caretas do tipo: assustado, bocejando, dentuço, sorrindo, beijo, gargalhada, aprovação, piscada, zanga, indecisão, desaprovação, nojo, etc.
(4) seleção de comentários	Pode-se acrescentar comentários pronto como atos ilocutórios pretendidos. As remessas são: <i>fala para; responde para; concorda com; discorda de; desculpa-se com; murmura para; sorri para; suspira por; flerta com; entusiasmo-se com; ri de; dá um fora em; grita com; xinga, ignora mensagem de X</i> ³⁹
(5) sistema de alerta	Pode-se fazer uma marcação de esperas e pedir para o sistema avisar quando se recebe uma mensagem ou uma fala. São sinais tais como: tocar um bip, tocar o telefone ou um instrumento musical.
(6) remessa de músicas	Pode-se remeter uma música selecionada em seu computador ou no programa do Servidor e por para todos os que a quiserem ouvir.
(7) remessa de fotos	Em certas salas especiais, como as de imagens eróticas ou de

	imagens outras pode-se remeter fotos de todos os tipos.
--	---

Apesar de terem a sincronia da comunicação face a face como característica importante, vale ressaltar que esta pode ser rompida quando o usuário não responde imediatamente à mensagem, o que pode ocorrer quando interage com vários simultaneamente.

Ainda um outro fator que diferencia o *chat* da comunicação face a face: é o recurso de apropriar-se da fala de um usuário X e reproduzi-la para o usuário Y, podendo reunir várias citações e remetê-las em conjunto para o colega usuário com o qual dialoga no momento.

No que diz respeito às relações estabelecidas nos *chats*, Marcuschi (2004, p. 48) as define como de caráter “mais hiperpessoal do que interpessoal, pois a participação não é centrada no indivíduo e nas relações individuais e sim no grupo”.

Por constituir-se num gênero digital que possibilita uma gama de recursos e interações, o *chat* subdivide-se em novos gêneros, conforme analisado a seguir:

a) Chat reservado

O universo de atuação é o mesmo que o descrito anteriormente. Entretanto, os usuários podem optar por comunicar-se de maneira reservada dentro da sala. Assim, ninguém mais terá acesso às mensagens enviadas, nem participará das mesmas.

Assim, a conversação flui de maneira mais ordenada, muitas vezes transcorrendo em torno de um tema por um certo tempo. Apresenta uma aproximação maior com a comunicação face a face. Entre os objetivos que podem levar dois parceiros a isolar-se dentro de uma sala encontram-se “finalidades específicas, seja para estímulos e brincadeiras sexuais ou para resolver problemas que vinham se acumulando em outros encontros havidos” (MARCUSCHI, 2004, p. 49).

Muitos desses encontros transcendem as janelas da comunicação eletrônica, conquistando o espaço real e vários namoros se estabelecem a partir desse universo do *chat* reservado.

b) O ICQ

Segundo Marcuschi (1996, p. 49), o ICQ (I Seek You)

surgiu em agosto de 1996, em Israel, pelas mãos de seu criador Mirabilis, entrando na Internet quatro meses depois de sua criação. (...) A vantagem do programa é a possibilidade de criar uma lista de amigos que permanecem em contato sempre que estiverem conectados à rede.

Pode-se dizer que nos ICQs as comunicações ocorrem de forma mais ordenada, sem invasões de estranhos e menos tumultuada. Os usuários se conhecem mutuamente e têm a possibilidade de restringir a entrada de indivíduos que não fazem parte daquele círculo de contato virtual.

Os participantes podem observar a elaboração da mensagem, em que a digitação *aparece on-line*, não precisam aguardar sua execução completa para enviá-la ou recebê-la, como no caso dos e-mails.

Por se tratar de um grupo selecionado de usuários, pode-se dizer que ocorre a formação de verdadeiras "gangues" virtuais. Diferente das convencionais que se destacam por aspectos físicos, tais como vestimentas e/ou acessórios, as "gangues" virtuais criam uma linguagem própria. Observa-se nos ICQs um conjunto de abreviaturas e recursos gráficos que tornam a linguagem utilizada nessa comunicação um aspecto ímpar que une seus participantes num código virtual.

Pode-se dizer que os ICQs tornaram-se uma febre entre os adolescentes. Conforme reportagem de Tânia Neves (2003), o motivo de tanto fascínio “é prq é mto mais rápido”. Assim, evidencia-se que os adolescentes adotam as abreviaturas a fim de “acompanhar a rapidez do pensamento”;

Os usuários revelam uma notável percepção da situação comunicativa. Não ocorre um massacre da língua portuguesa, mas uma coreografia com os seus recursos. A capacidade de diferenciar o contexto de uso das famosas abreviaturas revela-se no depoimento do jovem Leo Paulis, de 12 anos, aluno do Colégio Santo Agostinho (Rio de Janeiro), conforme descreve Tânia Neves em sua reportagem: “– Às vezes a gente enfia um vc ou mto no rascunho (de provas ou redações), mas depois revisa e passa a limpo direitinho. Ninguém quer perder ponto, e tem professor que diz que isso até pode dar suspensão”.

Tal depoimento faz-nos refletir quanto a um preconceito lingüístico que muitas vezes pode partir do próprio professor, que não percebe o universo de trabalho que se apresenta. Essa questão do preconceito lingüístico será analisada posteriormente.

Orlandi (1990, p. 15-16) ressalta a importância de se analisar o discurso em seu contexto:

(...) Levando em conta o homem na sua história, os processos e as condições de produção da linguagem, pela análise da relação estabelecida pela língua com os sujeitos que a falam e as situações em que se produz o dizer. Desse modo, para encontrar as regularidades da linguagem em sua produção, o analista de discurso relaciona a linguagem à sua exterioridade.

Essa importante relação entre locutores, contexto sócio-cultural, culmina-se num enunciado que não deve se ater às normas lingüísticas estáticas ou acríticas..

Partindo dessa premissa, pode-se dizer que o *chat* reúne um grupo de inter-locutores que constituem um enunciado próprio, estabelecendo uma relação dialógica baseada em interesses comuns.

Bakhtin revela a importância de compreender essa enunciação como o elo de uma cadeia maior, geradora do processo de comunicação.

Qualquer enunciação, por mais significativa e completa que seja, constitui apenas uma fração de uma corrente de comunicação verbal ininterrupta (concernente à vida cotidiana, à literatura, ao conhecimento, à política, etc.) Mas essa comunicação verbal ininterrupta constitui, por sua vez, apenas um momento na evolução contínua, em todas as direções, de um grupo social determinado. (BAKHTIN, 1978, p. 122)

Dessa forma, os *chats* constituem um elo na esfera da comunicação, fruto dos objetivos, das buscas e dos projetos de um grupo social determinado. Tais canais de comunicação oportunizam situações de envolvimento e constituição de uma linguagem própria, em que os usuários valem-se da língua para a sua primária função, a saber: para fazer-se ouvir e relacionar-se com o outro, ou seja, comunicar-se. Nesse universo de formação da linguagem, ocorre um hibridismo onde se mesclam os gêneros primários e secundários (BAKHTIN) dentro de um mesmo suporte – o computador.

Sendo considerado como um gênero discursivo, o *chat* não deveria apresentar-se fora da esfera educacional. Sua utilização nesse contexto é recente – início da década de 90 –, conforme analisado a seguir.

c) O chat educacional

A diferença entre os *chats* e o *chat* educacional é assim definida por Marcuschi (2004, p. 54):

Uma diferença básica é o fato de os participantes se conhecerem ou serem identificados por seus nomes e a entrada ser limitada aos alunos, pois a sala-*chat* é uma autêntica sala de aula. (...) esses encontros têm uma estrutura relativamente clara que determina relações interpessoais e constituídos sancionados.

Diferente de uma sala de aula controladora, no *chat* educacional, professor e aluno interagem e a atividade instrucional evidencia-se como uma espécie de aconselhamento ou tira dúvidas. Neste gênero, o tempo deve exceder noventa minutos. O número de participantes é limitado e o tema pré-definido, em conformidade com a modalidade de ensino. Vale destacar que, diferente dos *chats* anteriormente analisados, nessa faceta não é permitido e nem mesmo disponibilizado a conversação reservada e/ou paralela. Um exemplo de aula-*chat* é transcrito por Marcuschi (2004, p.56-57):

Karla;	Falando em literatura, você tem alguma coisa para me ensinar a trabalhar diferente as figuras de linguagem?
Eduardo;	Grato pelo estímulo Teresa e boa tarde procê.
Karla;	Boa tarde Teresa
Eduardo;	Sim Karla, existe muita coisa hoje em dia sobre a questão de estilo relacionada ao que se denominou “vício de linguagem”. Veja a revisão que está sendo feita da elipse, da repetição, do anacoluto e outros aspectos.
Karla;	Aprendi literatura decorando, e detesto decorar, acho que não leva ninguém a lugar nenhum. Estou tendo dificuldades em ensinar as figuras, minhas idéias estão falhando na criatividade desse tipo de aula.
Vera;	Voltei!!
Eduardo;	Imagino que o que se chamou de figura de linguagem foi apenas uma estilização das formas orais. É nisto que se funda a retórica
Eduardo;	Viva, Vera!
Eduardo;	Se você tem interesse em revisões sobre a questão das figuras de linguagem, veja as

	reflexões sobre a metáfora e a analogia bem como a associação que estão sendo feitas hoje.
Vera;	Está difícil, mas vou tentar. Lamento ter perdido parte da discussão.
Eduardo;	Posso mandar a você uma bibliografia sobre o tema.
Karla;	Mais uma que aceito imensamente... você está anotando o que preciso, pois já me perdi.. Então, Renato, você já se encontrou nessa balbúrdia ordenada?
Eduardo;	Posso chamá-lo de você, já chamando?
Karla;	Sim. Todo mundo deve me chamar de você. Assim ficamos todos iguais. Minha grande
Eduardo;	vantagem sobre vocês é que eu li uns meses antes de vocês os livros que vão ler daqui pra frente. Que bom. Estou gostando muito de conversar com você
Karla;	Idem.
Eduardo;	Parece que o André está com problemas
Eduardo;	Vocês conhecem o livro “Grammatica portugueza pelo methodo cofuso” (São Paulo:
Vera;	Musas, s.d.)? Ele trabalha de maneira interessante as figuras de linguagem. Tudo bem
André;	Acho que a Karla e eu somos os únicos que não t~em problemas com essa geringonça.
Eduardo;	Esses computadores... e seus problemas... o que seria deles sem nós homens?
Karla;	Sim, “E interessante e tem uma série de informações dadas de maneira bastante clara.
Eduardo;	Eu não conheço. De que editora é? É assim mesmo o título?
Karla;	Diga lá Karla.
Eduardo;	Aliás, Vera, sorry!
Eduardo;	Diga lá o quê?
Karla;	Foi lapso.
Eduardo;	Você parece ser muito engraçado...
Karla;	É pra Vera dar os dados da Grammatica confuza...
Eduardo;	Sem uma pitada de humor a vida é baita problema
Eduardo;	Concordo...
Karla;	Pior, muito pior do que aprender a fazer e lidar com textos.
Eduardo;	Cadê a Vera?
Karla;	Vera, eu acho que você está num micro muito micro.
Eduardo;	Ele só deixa você falar de vez enquanto.
Eduardo;	A Renata também sumiu
Karla;	Isso parece programa prafantasma.
Eduardo;	Qual é a sua formação Karla? Você fez letras?
Eduardo;	Renata, onde está você?

Eduardo;	Todo mundo foi tomar água?
Eduardo;	Com seu conhecimento, me esclareça uma pequena dúvida, fugindo do assunto texto. É
Karla;	correto um professor de segundo grau, corrigir letra de aluno? Sou formada em letras, atuo atualmente como vice-diretora de 1º. e 2º. grau no turno matutino e professora de 2º. grau de literatura e inglês.

Conforme observado no exemplo acima, as aulas transcorrem informalmente, num ritmo de conversação em que impera a troca de experiências.

À luz do exposto, os *chats* não devem passar ignorados como gêneros digitais influentes nesse novo universo de aprendizagem. Sob este aspecto, procedem as considerações de Abreu (2003, p. 89) ao encarar o *chat* como ferramenta:

Esses instrumentos ou ferramentas encontram-se entre o indivíduo e a situação na qual age, determinando e guiando seu comportamento na situação em que age. A transformação da ferramenta também transforma as maneiras de o sujeito se comportar numa determinada situação (...) a ferramenta não só media uma atividade como também materializa essa atividade, tornando-se o lugar privilegiado da transformação de comportamentos.

Por se tratar de uma ferramenta que fomenta e sofre uma constante transformação de comportamentos, os *chats*, além de figurarem como ponto de estudo no que tange à linguagem, apresentam-se ainda como foco de um preconceito lingüístico que acaba ocultando os seus reais valores lingüísticos enquanto gênero digital, conforme avaliado a seguir.

5 PRECONCEITO DIGITAL: O CHAT COMO VARIANTE DA LÍNGUA ESCRITA

A língua falada sempre foi alvo de um preconceito lingüístico difundido por gramáticos tradicionais, professores e educadores. A linguagem dos *chats* também é alvo desse preconceito sofrendo forte discriminação no contexto escolar.

O preconceito lingüístico acentua-se a cada programa na mídia, coluna ou matéria em jornais e revistas que pretendem ensinar o falar "certo" e repudiar o "errado", sem se esquecer das gramáticas normativas nesse rol de juizes da língua que estabelecem regras e condições para o "falar corretamente".

Acerca de tal premissa, Soares (1986) analisa o perigo de se invalidar as variedades lingüísticas na fala em favor de uma variante padrão socialmente privilegiada. Seguindo a autora, a hipótese do déficit lingüístico apóia-se na crença de que as crianças que apresentam um desempenho lingüístico restrito (código restrito) têm pouca possibilidade de serem bem-sucedidas na escola.

Em termos de língua falada, essa formulação de um código privilegiado marginaliza o usuário dos ditos “dialetos”, lançando sobre ele a falácia por não conseguir adequar a linguagem ao contexto. Eis aí um preconceito gerador de inúmeras discriminações já por tanto tempo pesquisadas e divulgadas por conceituados educadores tais como Magda Soares e Luis Carlos Cagliari.

Assim, para que a escola possa ensinar a variedade de maior prestígio, é fundamental que se respeite a variante que cada um trouxe de sua comunidade, a qual permanecerá sendo utilizada em seu meio social.

Bagno (2003, p. 47) pondera que

não existe nenhuma variedade nacional, regional ou local que seja intrinsecamente melhor, mais pura, mais bonita, mais correta que outra. Toda variedade lingüística atende às necessidades da comunidade de seres humanos que a empregam. Quando deixar de atender, ela inevitavelmente sofrerá transformações para se adequar às novas necessidades.

Assim, é inconcebível fornecer à determinada comunidade lingüística o privilégio de assumir o posto de variante certa ou absoluta sobre as demais, sendo vital valorizar e respeitar todo o conjunto de variedades da língua como um tesouro precioso da cultura.

Quanto ao uso das consideradas normas cultas, utilizadas em determinados contextos formais, Bagno (2003, p. 51) ressalta que “se tivermos de incentivar o uso de uma norma culta, não podemos fazê-lo de modo absoluto, fonte do preconceito. Temos de levar em consideração a presença de regras variáveis em todas as variantes, a culta inclusive”.

Na valorização da norma, a culta acima de qualquer variação lingüística, tem-se a gramática como a Carta Magna para se falar e escrever bem, que para Cipro e Infante (1997, citado por Bagno, 2003, p. 62), “a gramática é instrumento fundamental para o domínio do padrão culto da língua”.

À luz do exposto, infelizmente o preconceito lingüístico ainda se encontra fundamentalmente arraigado no que tange ao ensino da língua materna. Sob esse enfoque, quaisquer variações que possam ocorrer dentro desse culto universo normativo são intensamente bombardeadas com alegações de que constituem uma afronta e um perigo para a aprendizagem da forma correta de ler e escrever.

O preconceito contra as variantes lingüísticas, no âmbito da fala, parece ter migrado para o domínio da escrita, quando se constata o receio dos professores com as influências da linguagem dos *chats* na escrita escolar. Não se defende aqui uma licenciosidade irresponsável, capaz de desvalorizar a escrita tradicional e de valorizar a informal. Trata-se de explicitar que esse é um bom momento para se discutir com alunos e professores os critérios de adequação das linguagens às situações comunicativas. Tal preconceito, em seu âmbito mais emergente, foca-se na questão do computador e nas possibilidades oferecidas por esse universo virtual.

Para Marcuschi (2002, p. 87), o fato de “algumas pessoas dizerem que o computador é uma forma artificial de produção da escrita” suscita o questionamento quanto a “se há alguma forma natural de escrita”.

Sob essa ótica, a linguagem utilizada nos *chats* tem sido alvo de muitos questionamentos, indagando-se até que ponto tal prática ou variante escrita fere os ditames da gramática normativa.

Entretanto, antes de imbuir-se de um preconceito radical, a escola e seu corpo docente deveriam, como atividade de pesquisa, analisar a linguagem utilizada nos *chats* como mais uma janela ou situação na qual o aluno tem a possibilidade de trabalhar com a língua. Antes de erradicá-la, seria mais criterioso analisá-la como linguagem específica de determinada situação comunicativa, assim como o são as gírias, a linguagem formal do currículo ou da carta comercial. Teme-se que a linguagem repleta de abreviaturas, símbolos e particularidades possa desviar o aluno do uso formal e “correto” da língua.

A filóloga Raquel Valença (2003, Jornal O Globo) ressalta que, no português medieval, “os textos são de compreensão, às vezes difícil, justamente por causa da grande quantidade de abreviaturas. Os copistas escreviam tudo à mão, então abreviavam para facilitar, ou levariam um tempo muito escrevendo”.

Já naquela época, havia a necessidade de economia de tempo, o que justificava o uso de particularidades e abreviaturas no universo ou comunidade dos copistas. Essa mesma economia figura hoje como justificativa para a linguagem tão cheia de reduções utilizadas nos *chats*. Analisar tais abreviaturas presentes nos textos produzidos pelos alunos, a partir de uma postura recriminatória, sem conhecer o entorno de sua utilização, figuraria como intolerância e preconceito prévio a essa modalidade de escrita caracterizada pelo *chat*. Afinal, a comunicação ocorre em tempo real, numa semelhança com a comunicação face a face, e é preciso ganhar tempo a fim de que a linguagem escrita possa acompanhar a velocidade do pensamento ou da fala (como é o caso da interação face-a-face).

A título de comparação, o quadro abaixo (2003, Jornal O Globo) estabelece uma comparação entre as abreviaturas do português medieval e do português do ICQ. Vale ressaltar que, em ambos os casos, as comunidades usuárias valiam-se desse código para comunicar-se, compreendendo muito bem a mensagem escrita em pauta.

O português medieval

- | | |
|------------------------------------|---|
| - P^{ro} = Pedro | - Q = Que |
| - N^s = Nunes | - Q = Quem |
| - L^{is} = Lisboa | - N = Nosso |
| - ADS = A Deus | - N = Não |
| - F^{ro} = Ferreiro | - T^{am} = Tabeliam (Tabelião) |
| - S^{or} = Senhor | - R^{am} = Relaçam (Relação) |

O português do ICQ

- | | |
|------------------------|-----------------------------|
| - Oieee = Oi | - Eh = É |
| - Koeh = Qual é | - Mtu = Muito |
| - Blz = Beleza | - Kbca: = Cabeça |
| - Naum = Não | - Tipow = Tipo |
| - Axu = Acho | - Tb = Também |
| - Exi = Esse | - Vc = Você |
| - Fik = Ficar | - Tranks = Tranquilo |
| - Msm = Mesmo | - 9da10 = Novidades |

Na realidade, a escrita abreviada não surge do nada. O homem lê e escreve a partir de um conjunto de interesses culturais, estabelecendo novos usos e novas funções para esse saber a partir das necessidades que surgem ao longo do processo cultural. Manter-se à margem dessa função maior da escrita, ou seja, a de suprir as novas necessidades da comunicação, implica um preconceito lingüístico. Isso não pode comprometer o fluxo de novas formas que visem a concretizar o processo de escrita. Assim, ser letrado envolve estar continuamente vivendo e buscando novas experiências de linguagem, mantendo-se aberto para quaisquer conquistas e aprendizagens.

Muitas vezes, o preconceito vem do medo frente ao novo, frente à mudança. No caso do computador e seu universo intrigante, as mudanças em relação à leitura e à escrita soam gritantes. Não se atêm somente à linguagem utilizada, mas à possibilidade de governar todo o

texto, indo e voltando no simples toque de “rolar uma barra”, podendo destacar, inserir, deletar num piscar de olhos.

A diagramação e a apresentação do texto são diferentes da escrita em papel. Todos esses novos recursos muitas vezes assustam aqueles que têm receio de inovar, de enfrontar-se por um universo desconhecido. Assim, é bem mais fácil criticar, discriminar, na utópica certeza de que tal boicote possa impedir o acesso a tais novos recursos.

Mendonça¹ (2004) analisa que

as redes digitais (...) devem ser pensadas a partir dos usos dos objetos técnicos que os grupos sociais fazem. Coloca-se para as tecnologias e seus usuários a necessidade de uma realimentação constante que garanta inovações e usos diferenciados. Os usuários desenvolvem práticas diferentes dentro do meio. Essas práticas são determinadas pelo lugar em que estão e pelas finalidades que encontram ali.

Assim como as variantes lingüísticas atendem às necessidades de comunicação de um determinado grupo regional, as linguagens digitais prestam-se a atender/satisfazer as aspirações da comunidade virtual. No caso da linguagem utilizada nos *chats*, ela cumpre muito bem o seu papel de articuladora comunicacional, não devendo ser encarada sob os ditames de um preconceito lingüístico. Antes, deve ser focalizada como uma variante lingüística da escrita. É necessário compreender essa cibercultura como fomentadora de novos laços sociais.

A fim de se romper com tais preconceitos, Chartier (2001, p 152) destaca que “ao pensar o que acontece no mundo contemporâneo, faz-se muito claro que tudo o que pensamos como estável, invariável se fragmenta em uma descontinuidade ou em uma série de particularidades”. Obviamente, a nova sociedade não pode admitir um sujeito regido,

Carlos Magno Camargos Mendonça¹ é professor do Departamento de Comunicação Social da UFMG e pesquisador do Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade da UFMG. (Jornal Estado de Minas, 3, sábado, 10 de julho de 2004.)

preconceituoso e legitimador de uma hegemonia. O processo de leitura/escrita/leitor/autor deve, portanto, ser analisado não somente do vértice lingüístico em si (léxico-semântico), mas também a partir da análise do contexto social de produção, numa dimensão sócio-histórico-interacionista. O mundo contemporâneo oferece uma bagagem de informações muito mais amplas, onde cada indivíduo carrega consigo uma gama de gêneros específicos de textos, exigindo formas específicas de leitura e escrita.

Muitas especulações foram feitas em torno do assunto, algumas se mantendo no aspecto preconceituoso do uso dessa variante lingüística de escrita presente, por exemplo, nos *chats*. Em um artigo publicado na revista “Internet.br” (novembro de 1998), Mônica Miglio² questiona “se não estaria esse linguajar tipicamente virtual transgredindo a norma culta de nossa língua e prestes a invadir o mundo real.”. Uma outra questão levantada foi se não estariam os usuários (em especial crianças e adolescentes) aprendendo a escrever errado, em virtude da forma de escrever na internet.

O medo nesse campo consiste em se afirmar que os internautas correriam o risco de ter de se policiar para não usar a linguagem da internet em trabalhos escolares, redações e documentos oficial. Sabemos que a língua é o tesouro humano utilizado para efetivar a comunicação.

Por meio da língua, os povos contribuem para a construção de sua cultura, discutem suas diferenças e evoluem suas idéias. A língua funciona como um sistema flexível vivo que une segmentos de uma sociedade a partir de algumas particularidades ou características em suas formas de expressar.

Obviamente, mudanças requerem novos enfoques e novas posturas. No caso da internet, as mudanças ocorridas no campo da comunicação implementaram novas visões para a leitura e para a escrita, criando o que podemos denominar de linguagem virtual, como a visualizada nos *chats*. A possibilidade de criar novas formas de linguagem constitui-se num universo fascinante para aqueles que num simples clique conectam-se com o mundo. Portanto, a linguagem não é um processo linear e mecânico. A língua não está de antemão pronta, mas está se reconstruindo continuamente.

Mônica Miglio² é jornalista e trabalha com jornalismo para a Internet.

6 FALA E ESCRITA: SUAS IMPLICAÇÕES NA INTERNET

A questão entre a língua falada e a língua escrita é um tema presente entre os educadores. Muitos argumentam que primeiramente o aluno deve aprender a escrever bem para daí falar corretamente. No entanto, a fala ocorre primeiro que a escrita e, sem dúvida, é a fala que, primeiramente, dá vida à língua. Cagliari (1997, p. 52) analisa que “uma língua vive na fala das pessoas e só aí se realiza plenamente. A escrita preserva uma língua como um objeto inanimado, fossilizado”.

A tentativa de se trabalhar uma gramática normativa aleatoriamente à língua falada desenvolve em muitos alunos um bloqueio lingüístico que se arrasta através dos anos escolares. Cagliari (1997, p. 8) analisa tais bloqueios e dificuldades devido a um trabalho equivocado em relação à fala e à escrita.

Toda a consciência que a criança tem da linguagem oral se deturpa quando ela entra na escola e aprende a escrever de tal modo que depois, adulta, só será capaz de observar sua fala, sem as interferências da forma gráfica das palavras, após treinamento fonético.

Sem dúvida, muitos professores atêm-se tão rigidamente a essa superioridade da escrita sobre a fala, analisando-a separadamente, encarando-a como crassos erros a presença da oralidade na grafia de certas palavras em seus alunos. A esse respeito, Cagliari (1997, p. 30) analisa a grafia da palavra *disse*, escrita por muito alunos como *disi*, nas fases iniciais de aquisição de escrita. Percebe-se nesse caso que “a criança escreveu a palavra não segundo sua forma ortográfica, mas segundo o modo como ela a pronuncia. Em outras palavras, fez uma transcrição fonética” – fenômeno que se configura na linguagem virtual dos *chats*. Infelizmente, a escola não trabalha tais fatos, mas simplesmente negligencia-os ao encará-los como erros, limitando-se a indicar ao aluno a forma correta de se escrever.

Na realidade, o professor perde uma importante chance de trabalho, partindo do conhecimento lingüístico-fonético apresentado pelo aluno. Acerca disso, Cagliari (1997, p. 31) pondera que, “se a escola distinguisse claramente os problemas de fala dos problemas de escrita, veria essas escritas como escritas de fala, e feitas com uma propriedade fonética tão grande que chega a ser comovente a consciência que as crianças têm do modo como falam”.

Um outro fator ainda presente na questão língua falada e língua escrita encontra-se no campo dialetal, em que as inúmeras variedades lingüísticas mostram-se presentes na transcrição gráfica de uma palavra. Nesse ponto, o professor deve atentar para o preconceito lingüístico tão presente na sociedade e principalmente na comunidade escolar. Esse preconceito acaba privilegiando uma língua padrão, que se encontra intimamente relacionada com a gramática normativa.

O professor deve, portanto, “ensinar a distinção entre fala e escrita, prestigiar a fala e a escrita convenientemente, mostrar as variações dialetais e por que se usa a forma ortográfica convencionada” (CAGLIARI, 1997, p. 33).

O ponto vital seria, portanto, trabalhar com o diferente e não com o conceito de "certo" ou "errado" lingüisticamente. A noção de "certo" ou "errado" no ensino da língua encontra-se vinculada ao privilégio dado a modalidade escrita da língua, enquadrando-a como uma vertente lógica, clara e explícita.

A inviabilidade de tal atitude discriminatória é analisada por Cagliari (1997, p. 37) ao afirmar que

a fala tem aspectos (contextuais e pragmáticos) que a escrita não revela, e a escrita tem aspectos que a linguagem oral não usa. São dois usos diferentes, cada qual com suas características próprias, sua vida própria (...) Nem a língua escrita é mais sutil do que a fala, nem desperta mais emoções do que ela.

O autor destaca a praticidade de manter-se preso às leis estáveis da gramática normativa ao analisar que

as pessoas e sobretudo as instituições estabelecidas na sociedade têm medo do que é diferente, porque viveriam sempre na expectativa do imprevisível, por isso, criam cada vez mais leis rígidas do certo e do errado. O ensino da gramática normativa representa essa concepção de vida escolar. (1997, p. 37-38)

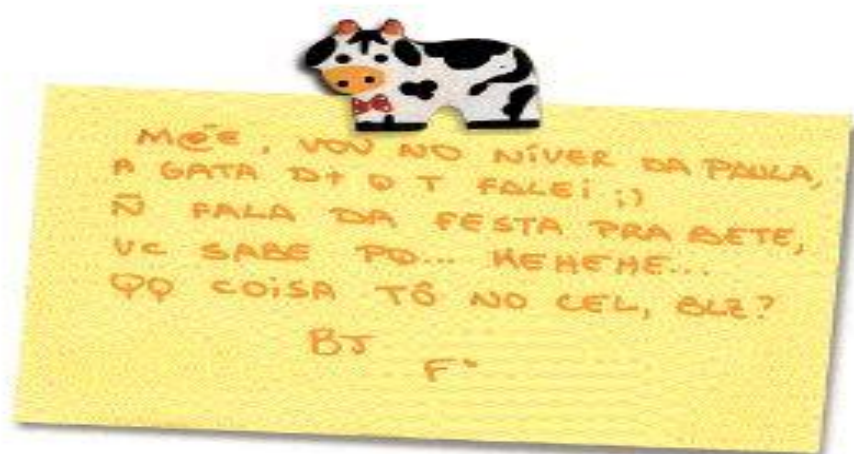
Todo esse preconceito lingüístico, esse medo do novo, bem como essa rejeição quanto à relação existente entre a língua falada e a língua escrita, apresentam-se bem evidentes ao analisarmos a postura de muitos educadores em relação à linguagem escrita e quase falada dos *chats*. Conforme será analisado posteriormente, essa comunicação em tempo real e no estilo simulatório da comunicação face a face ocorrida nos *chats* traz consigo uma linguagem própria, em que atributos de fala e escrita mesclam-se constantemente, formando um linguajar próprio de uma comunidade virtual. Muitos educadores apresentam-se amedrontados frente tal mudança, enquadrando como errado, ao invés de diferente, essa vertente escrita marcada por fortes traços da oralidade, como exemplificado a seguir:

- Acrônimos: blz, kra, kaza
- Expressões reduzidas a apenas uma palavras: procê, cume, poisé
- Modificação da representação convencional dos sons nasais: naum, intaum, saum

(Jornal Estado de Minas, 3ª. feira, 03/02/2004)

A linguagem utilizada nos *chats* viabiliza uma autonomia ao usuário da língua, o qual dentro do universo escolar convive com regras que o impedem de escrever livremente. Kramer (1998, p. 98) afirma que “em nome de corrigir a palavra aprisiona idéias, paralisa a escrita e a torna repetitiva (...). Escreve-se nos alunos o traço da obediência e da conformação, a necessidade de evitar riscos, os riscos do papel e os riscos de se aventurar pelas trilhas do desconhecido”. Ao promover a dicotomia elitista entre língua falada e língua escrita, a escola limita o aluno que fica muito mais preocupado em escrever sem cometer erros, do que escrever livremente para se expressar e comunicar.

O *chat* possibilita ao aluno uma organização textual da fala, exibindo repetições, elipses, anacolutos, marcadores elocutórios e elementos metacomunicativos. Acontece então uma conversação escrita, em que o sujeito propositalmente escreve a fala, mostrando um domínio considerável dos dois universos distintamente trabalhados na escola. Nesse momento, o usuário consegue realizar algo que a escola insiste em banir, ou seja, consegue colocar no mesmo patamar linguagem escrita e linguagem falada, trabalhando regências, funções e estruturas de cada uma das vertentes, formando um código lingüístico que funciona perfeitamente para o seu objetivo comunicacional. A título de exemplo, analisaremos o bilhete abaixo (JB, 27/9/01):



Os usuários dos *chats* criam um código que explora os recursos eletrônicos disponibilizados pelo computador, bem como apresentam sinais de oralidade na representação gráfica. Com tal inovação, ocorre modificações nos sistemas lingüísticos e discursivos já existentes (como no bilhete acima), visando a atender às motivações e às necessidades dessa esfera social que se comunica interativamente via internet. O bilhete, como se vê, sofre influência direta da linguagem dos *chats*, talvez por sua característica espontânea, como será analisado à frente.

Essa versatilidade criativa a partir dos recursos gráficos já existentes estende-se também para a criação de símbolos², que expressam emoções e reações, conforme exemplificado no quadro abaixo:

&:-) Pessoa com o cabelo enrolado	:-') resfriado (1)
X-) Com vergonha ou tímido	:-*) resfriado (2)
:-) Estou feliz	:- hmmmph!
B-) Estou feliz e de óculos	:-C queixo caído
:-(Triste ou com raiva	:-# beijo (1)
:-)))) Estou gargalhando	:-* beijo (2)
<:-) Você fez perguntas bobas	:-X beijo (3)
(:-... Mensagem de partir o coração	:-+) nariz grande
(:-O Assustado de chapéu	:-D gargalhando
:-/ Estou perplexa	:-} olhando maliciosamente p/ alguém
:-0 Estou impressionada	(:- canhoto
:-P Dando língua	

d:-) De boné	:-9 lambendo os lábios
d:-P De boné, dando língua	:- macaco
(:-(- Estou muito triste	:-{ bigode (1)
:-x Mandando beijo	:-# bigode (2)
(:-x Mandando beijo	(-) precisando de um corte de cabelo
:-D Rindo	:-^) nariz deslocado
 -(de madrugada	:8) porco
:'-(Chorando	:-? fumante de cachimbo
:-o Oh,não!!	=:-) punk
[]'s (abraços)	:-" lábios franzidos
:- zangado	 -] Robocop
(:-) careca	O:-) santo
:-) feliz	:-@ gritando
:-(- triste	:-O chocado
B-) Batman	:-V berro
:-)> barbudo	 -) dormindo
%+(- espancado	:-i fumante (1)
?-) olho roxo	:-Q fumante (2)
:-)X gravata borboleta	:-j fumante sorrindo
R-) óculos quebrados	:-6 gosto azedo da boca
:-^) nariz quebrado	:-V falando
 :-) sombrancelhas espessas	*-) drogado
< -) chinês	:-T lábios selados
3:-) vaca	:-p língua na bochecha, brincadeira
:-t mal-humorado	:-/ indeciso
X-) estrábico	:-[vampiro (1)
:'-(chorando	:- < vampiro (2)
i-) detetive	:-< vampiro (3)
:-e desapontado	:-)= vampiro (4)
:-)' babando	:-)) muito feliz
{;V pato	:-((muito triste
<:-) pergunta estúpida	:-c muito infeliz
5:-) Elvis	Cl:-) usando chapéu coco

>:-) sorriso malicioso, maldoso :''-(inundação de lágrimas /:-) francês ::-) usuário de óculos 8-) usuário de óculos 8:) gorila _m (o_o) m_ Espiando por cima do muro :-} + :-) = (_)> Vamos tomar um chopinho	d:-) usando boné [:-) usando headfones :-(#) usando aparelho dentário ;-) piscando :-7 sorriso irônico I-O bocejando @}—enviando uma rosa para alguém _,,,^._.^,,,_ Espiando por cima do muro
---	---

Pode-se dizer que os adolescentes freqüentadores dos *chats* mesclam os três sistemas básicos de escrita, a saber: o sistema ideográfico – pictogramas e ideogramas; o sistema silábico; o sistema alfabético, juntamente com os novos recursos eletrônicos e midiáticos.

Os adolescentes valem-se ainda de vários recursos nessa junção de língua falada e escrita, entre os quais destacam-se:

- a) as transcrições fonéticas;
- b) a juntura, revelada no ato de juntar as palavras, denominada “juntura intervocabular.

Tais pontos são muito discutidos por Cagliari (1992) ao analisar o processo de alfabetização. À luz de seus estudos, seria como se o aluno retornasse ao eixo inicial, utilizando-se dos mesmos recursos fonéticos que foram minimizados pelo professor alfabetizador. Agora, conhecedor de uma linguagem mais elaborada, o mesmo encontra no universo do *chat* a liberdade de utilizar os recursos da fala oral sem temer correções ou discriminação.

Os professores que repudiam tão avidamente essa linguagem virtual, mas não se apercebem que no dia-a-dia e que dentro da própria escrita “formal” regida pela gramática normativa

²Estes símbolos estão em [http:// www.terraviva.pt/Aguato/3560/pesquisa.html#3.2.Emoticons.#3.2.Emoticons](http://www.terraviva.pt/Aguato/3560/pesquisa.html#3.2.Emoticons.#3.2.Emoticons)

muitas abreviaturas são utilizadas sem o menor problema. O que dizer de *apto* (apartamento), *av.* (avenida), por exemplo, sem mencionar as abreviaturas para as formas de tratamento, tais como: *Ilmº* (ilustríssimo), *Exmº* (excelentíssimo), etc.

Quanto aos desenhos e ícones utilizados, por que discriminá-los se até mesmo o nosso código de trânsito é regido por inúmeras placas de sinalização com desenhos diversos representando comandos e advertências específicas?

A presença da oralidade na escrita está em concordância com o compromisso da escrita, conforme Cagliari (1997, p. 115) argumenta: “todo sistema de escrita tem um compromisso direto ou indireto com os sons de uma língua”. Entretanto, o sistema escolar não permite que o aluno “faça o seu aprendizado da escrita como fez o da fala. Ele não tem liberdade para tentar, perguntar, errar, comparar, corrigir; tudo deve ser feito certinho” (CAGLIARI, 1997, p. 121). O controle ortográfico destrói o estímulo que o aluno possa cultivar/nutrir em relação à produção textual.

A construção ortográfica dos internautas em muito se assemelha à atitude das crianças em fase de alfabetização. Pode-se dizer que todo o entusiasmo dessa fase, toda ânsia de descoberta e criatividade que são pouco a pouco tolhidos em favor de um ensino linear da língua, aflora novamente nos *chats*, nos quais não existem normas ou professores que policiam e limitam tal forma de comunicação. É como se os adolescentes adormecessem essa criatividade, aceitando a rigidez escolar no que tange ao ensino da língua.

Interessante destacar a noção de situação comunicativa demonstrada pelos alunos internautas, ao redigirem textos dentro de um contexto escolar, conforme detectado em pesquisa realizada. A respeito do receio, quanto à influência da escrita eletrônica no universo escolar, o professor Gilmar Grespan analisa em seu ensaio “O uso da Língua Portuguesa escrita em tempo real na Internet”, publicado em seu site³:

Muitos acadêmicos têm a mania de acusar a televisão e, agora, a internet, de estarem contribuindo para a deteriorização do nosso idioma. Mas isso se deve a deficiências na formação escolar. Nos *chats* conversa-se como se fosse numa mesa de bar, sem a preocupação de purismos.

Assim, os *chats* figuram como um universo de prática e confirmação da cumplicidade entre língua falada e língua escrita, valendo ressaltar que os adolescentes parecem lidar muito mais à vontade com tal fato que os educadores.

³[http://gilgresp@clubinter.com.br](mailto:gilgresp@clubinter.com.br).dez.1999

7. A VISÃO DE SANTOS (2004)

Else Martins dos Santos, professora de Português de uma escola confessional, particular, de classe média em Belo Horizonte, em fevereiro de 2004, apresentou uma dissertação de mestrado na Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG -, na qual buscava identificar as possíveis influências da linguagem digital na escrita dos adolescentes.

Foi seu objetivo demonstrar que o uso constante dos programas de comunicação via Internet não influencia negativamente a escrita desses alunos. Seu *corpus* de pesquisa foi idealizado por meio da coleta de amostras de interação *on-line* que foram confrontadas com a escrita de outros gêneros textuais, comuns em situações escolares, tais como cartas, provas e bilhetes.

Os alunos investigados eram das oitavas séries, estudantes de uma escola particular confessional católica, pertencentes à classe média, e tinham, à época da coleta do *corpus* (durante os anos de 2001 e 2002), entre 13 e 14 anos de idade.

A fim de viabilizar sua pesquisa, a professora Else, em circunstâncias distintas, seguiu os seguintes passos: a) criou um grupo de bate-papo *on-line* com seus alunos de 8ª. série; b) solicitou aos professores de Física e Educação Física que pedissem aos alunos das oitavas séries, com os quais estava desenvolvendo sua pesquisa, que lhes escrevessem cartas avaliando as aulas em pauta; c) coletou bilhetes produzidos aleatoriamente pelos alunos e, d) solicitou a professora de História que elaborasse uma questão aberta em sua prova do 4º. bimestre de 2001 que, após correção, foi repassada à pesquisadora.

As cartas foram redigidas em casa, não sendo obrigatória a redação das mesmas. Foram coletados 87 bilhetes, 27 cartas dirigidas ao professor de Física e 32 cartas dirigidas ao professor de Educação Física, 20 provas de História e 515,48 kb de interação *on-line* usando o programa ICQ.

Após um trabalho de análise do material coletado, concluiu-se que a linguagem utilizada nos *chats* não influencia negativamente a escrita dos adolescentes investigados. Ressaltou-se que esse tipo de linguagem já faz parte da comunicação diária em situações de descontração. Evidenciou que o *chat* autoriza a mistura de registros e absorve traços da oralidade na escrita.

Ainda em sua conclusão, Else faz dois questionamentos: se tal pesquisa teria o mesmo resultado caso o *corpus* em questão fosse colhido em outra escola que desconsidere o estudo da variação lingüística; e se uma outra comparação entre a escrita de adolescentes que fazem uso dos *chats* e a escrita de outros que não têm acesso a esse canal de comunicação resultaria na mesma adequação ao contexto, conforme concluído em sua pesquisa e que devem ser, entre outros, desdobramentos para futuras pesquisas.

8 Metodologia

Muito se tem discutido a respeito da influência da linguagem eletrônica na produção da escrita dos alunos. Uma parcela de pais e profissionais da educação se mostra preocupada com o uso, praticamente irrestrito, dessa variante lingüística escrita por parte dos adolescentes, temendo que isso possa ocasionar prejuízo para a língua padrão e levar a um possível retrocesso no processo educacional. O presente trabalho, dentro de uma abordagem quantitativa e qualitativa, busca investigar a presença das marcas de interação virtual e oral nos textos produzidos por adolescentes dentro do espaço e horário escolares com o objetivo de verificar a capacidade dos sujeitos investigados em adequar a escrita mediada pela Internet dentro de um contexto que exija certa formalidade.

É importante esclarecer que este trabalho de pesquisa é fruto da observação, em âmbito escolar, das inquietações de professores e pais a respeito “da ameaça da escrita virtual.” E, a partir da curiosidade acerca do assunto, motivada pela observação da questão, fez-se imperativa a leitura de livros e trabalhos publicados por vários autores e pesquisadores de renome a respeito da escrita na Internet como, por exemplo: Marcuschi & Xavier, 2004; Chartier, 1994; 2001, Costa, 2000; Jonsson, 1997; Sobral, 1999, Freitas, 1999-2001, entre outros. Assim, a pesquisa foi enriquecida com o contato com o conteúdo de obras que elucidam a produção do discurso em salas de bate-papo.

8.1 Aspectos distintivos da pesquisa

Sempre me chamou bastante a atenção o preconceito que muitos docentes de Língua Portuguesa, como também outros profissionais da área da educação, possuem em relação à linguagem virtual veiculada principalmente nas salas de bate-papos – *chats*.

Ao ingressar no curso de Mestrado em Letras, em fevereiro de 2003, decidi que meu objeto de pesquisa seria investigar se o fenômeno *chat* estaria mesmo interferindo na escrita dos alunos e quais seriam as conseqüências desta interferência, ou se estávamos diante uma intolerância gratuita por parte de professores e educadores até hoje avessos aos avanços da Informática.

Diferentemente do trabalho da professora Else, meu principal objetivo era desenvolver pesquisa dentro de circunstâncias que aproximassem os canais de investigação, em um mesmo espaço e tempo de produção, e que traduzisse a capacidade dos sujeitos investigados em realinhar seus textos de acordo com a situação comunicacional. Caso contrário, temia correr o risco de perder meu objeto de pesquisa ao privilegiar forma e tempo de produção que já fazem parte da rotina dos alunos e que talvez não reproduzisse claramente o uso que o adolescente vem fazendo da linguagem eletrônica.

Portanto, para seleção do *corpus* da minha pesquisa, decidi pela produção de bilhetes em sala de aula para o estabelecimento de comparação com a linguagem dos *chats*. Por que focou-se na produção do bilhete? A escrita do bilhete, como visto, se aproxima da escrita do *chat*. Facilmente, pode-se perceber essa proximidade a partir da constatação do uso de abreviações nos bilhetes, comum nas salas virtuais de bate-papo. Sendo assim, verificaram-se claramente influências lingüísticas do *chat* nos bilhetes de sala de aula. Esse foi o propósito da coleta do Bilhete 1, com temática livre, espontânea e sem contar ponto para posterior avaliação. Já o Bilhete 2, solicitado logo em seguida, teria que ser escrito sobre o mesmo tema, mas, desta vez, valendo nota. Tentou-se verificar que, em uma mesma situação de aula e com o uso do mesmo gênero (bilhete), os alunos, atendendo a esses comandos, seriam capazes de adequar a escrita aos contextos distintos. Será que pela proximidade dos comandos e da linguagem do *chat* e dos bilhetes eles teriam habilidade de adequação ao contexto comunicacional?

Outro fator encontrado na dissertação de Else foi a sua sugestão de pesquisa com adolescentes que não possuem acesso à Internet. Essa clientela fez parte do meu grupo de pesquisa sem que eu tivesse, conforme já dito, conhecimento prévio dos seus estudos. Tomei ciência de sua pesquisa durante uma pesquisa bibliográfica via Internet.

8.2 – Problemas e hipóteses

Como já relatado, há algum tempo tenho observado as constantes críticas que os professores vêm fazendo à linguagem utilizada nos *chats*. Sem nenhum tipo de fundamentação, culpam essa variante lingüística escrita por todo tipo de erro gramatical cometido pelos alunos; mas, apesar de tantos depoimentos negativos quanto ao uso dessa variante por parte de nossos adolescentes, ao analisar os textos em geral produzidos por meus alunos, percebo poucas marcas da escrita digital.

Penso que toda mudança conduz à resistência. Será que um bom texto só é bem escrito quando apresenta perfeição ortográfica e obediência às normas da gramática tradicional? Será que esse tipo de leitura não advém de quem tem a língua como algo inerte e estático? Isso me faz citar o receio de Platão (citado por FREITAS, 1999-2001) diante da escrita como uma tecnologia que viria diminuir a capacidade de memória presente na oralidade. Esta dependia profundamente da memória para preservar relatos. Sabia-se que se podia recordar. Pensar significava ter pensamentos memoráveis. A escrita, ao possibilitar o registro, libertou a mente dos esforços de recordar. Pessimismos à parte, através da tecnologia da Internet – propriamente os *chats* – encontramos um espaço onde os adolescentes vêm exercitando sua escrita, desenvolvendo idéias e argumentos; além de se interagirem com pessoas de outras culturas.

Assim, meus questionamentos são os seguintes: será que essa variante dos *chats* estaria realmente prejudicando o processo de aprendizagem dos alunos? São reais as queixas de que os alunos não diferem as situações de uso da escrita e que não se preocupam em fazer as devidas adequações em seus textos quando a situação o exige?

Minhas hipóteses são as seguintes: a) a frequência às salas de bate-papo e o uso de sua linguagem não são fatores que desqualificam a escrita dos alunos; b) Os alunos fazem uso dessa linguagem peculiar dos *chats* em situação que exige rapidez na escrita e em contextos que não requerem formalidade; c) mesmo em situações comunicativas espacial e temporalmente próximas, os alunos sabem diferenciar e adequar a linguagem utilizada de acordo com o contexto que exija um uso mais formal da linguagem, subtraindo sensivelmente de sua produção gírias, palavras reduzidas, *emoticons*, onomatopéias, etc.

Daí a hipótese de se investigar se realmente a escrita dos alunos vem sofrendo algum tipo de descontextualização. Trabalho com a premissa de que os aspectos da linguagem dos *chats* são pouco registradas na escrita oficial dos adolescentes e que eles sabem diferenciar, se assim o desejam, as condições de uso da linguagem virtual.

Para viabilizar minha pesquisa, selecionei alunos de cinco turmas de duas escolas. Foi solicitado aos mesmos a produção de dois bilhetes: um com produção livre e o segundo com valor avaliativo. Para confirmar minha hipótese de adequação vocabular ao contexto, os textos foram produzidos seguidamente, pois era meu intuito detectar *in loco* a capacidade e percepção dos sujeitos investigados em fazer uso das variantes lingüísticas em conformidade

com a condição de produção, já que com um tempo extra para produção corria-se o risco de ter seus textos corrigidos por outros e perderia, assim, o meu ponto de partida nesta pesquisa, que é mostrar que o aluno faz, sim, uso da linguagem dos *chats*, mas este mesmo aluno é capaz de adequar sua produção textual por si mesmo.

8.3 Escolha e produção do corpus

Para desenvolvimento do trabalho foi estipulado não restringir a pesquisa apenas ao ambiente de trabalho da pesquisadora e eleger uma segunda escola para a pesquisa de campo. Isso por desejar atingir a dois tipos de clientela: os alunos usuários da Internet e os alunos não-usuários da rede. O trabalho foi realizado com alunos do 1º e 2º anos do Ensino Médio, de faixa etária entre 15 e 19 anos, estudantes de escolas particulares.

Procedimentos para a produção do corpus

Como o campo de pesquisa foi dividido entre duas escolas, foram os seguintes os procedimentos adotados para a coleta do material de análise:

- a) **Em âmbito laboratorial da pesquisadora:** fez-se com que os próprios alunos redigissem bilhetes (1 e 2) durante o transcorrer de uma aula normal de produção de textos.
- b) **Em âmbito extra-classe da pesquisadora:** explicou-se apenas aos alunos que se tratava de uma pesquisa sobre a produção de texto e que o gênero escolhido para execução seria o bilhete.

Em momento algum, fez-se menção ao uso ou não do computador ou de outra orientação que influenciasse a escrita dos alunos.

Produção dos bilhetes

Para viabilizar o processo investigativo, solicitei aos alunos que redigissem bilhetes. Poderiam ser para amigos, namorados, professores, pais e que esse texto teria um caráter apenas de verificação quanto ao emprego das características do gênero solicitado. A produção transcorreu de forma rápida e descontraída.

Ao término dessa etapa, os alunos foram orientados a reescrever seus bilhetes. Mas salientei que naquele momento os textos seriam avaliados em todo o seu contexto. Alguns alunos até sugeriram que os bilhetes fossem entregues na aula seguinte, o que foi recusado, pois contrariaria minhas hipóteses e meus objetivos da pesquisa. Observei que os alunos usufruíram de um tempo maior para a segunda produção, pois foi fato que, durante a última produção textual solicitada, eles se preocuparam mais com o uso da norma padrão. Isso foi um explícito exemplo de que os alunos têm consciência da necessária distinção sobre quando e onde usar as linguagens formal e informal.

Foram coletados 408 bilhetes, sendo 204 produzidos no primeiro momento em que havia total liberdade de escrita – os quais denominaram-se de “Bilhete 1”; e mais 204 já com um caráter avaliativo, denominados de “Bilhete 2”. O total de alunos pesquisados foi de 204.

Também foi coletado, em uma sala de bate-papo, um texto contendo um diálogo entre duas alunas que também fizeram parte do processo de produção dos bilhetes. De posse do endereço eletrônico, sala de bate-papo e *nicknames* que ambas costumam utilizar, adentrei nesse espaço e passei a observar a realização desse processo de comunicação virtual. É importante ressaltar que em momento nenhum as usuárias foram informadas do meu propósito de pesquisa, por temer que tal conhecimento mascarasse meu *corpus* de pesquisa, pois, uma vez conscientes da minha presença na sala de bate-papo como pesquisadora, elas poderiam vir a policiar sua escrita e inviabilizar meu objeto de pesquisa. Como justificativa para penetrar nesse mundo virtual, informei-lhes que “por mais incrível que fosse, até a presente data – outubro de 2004 – eu ainda não tinha visitado nenhum *chat* e nem sabia como fazê-lo”. *Chatters* de carteirinha, ambas se propuseram a me enveredar por esse universo, disponibilizando-me seus endereços. Informo ainda que, após a coleta dos textos, informei as mesmas o meu verdadeiro propósito de visitas às salas virtuais. Não obtive nenhuma negativa por parte das interlocutoras.

Para corroborar os resultados da minha pesquisa, analisei ainda algumas redações dos sujeitos investigados, a fim de identificar traços da escrita digital em seus textos. Esclareço que esse material foi coletado em um tempo anterior ao início das minhas pesquisas com os bilhetes.

Os resultados são apresentados na exposição a seguir.

9 ANÁLISE DO CORPUS

Para KOCH (1997, p. 32, citado por Botelho, 1997)

existem textos escritos que se situam, no contínuo, mais próximos ao pólo da fala conversacional (bilhete, carta familiar), ao passo que existem textos falados que mais se aproximam do pólo da escrita formal (conferências, entrevistas profissionais para altos cargos administrativos), existindo, ainda, tipos mistos, além de muitos outros intermediários.

Os estudos de Marcuschi (1995) analisam as formas textuais num contínuo tipológico, não admitindo que qualquer caracterização lingüística ou situacional da fala ou da escrita se efetive em todos os gêneros orais ou escritos. Assim, não há homogeneidade na relação oralidade/escrita, podendo ocorrer no contínuo tipológico gêneros orais e escritos semelhantes (conferência – artigo acadêmico) e outros bem distintos (bate-papo – artigo acadêmico ou seminário – bilhete).

Partindo dessa premissa, as diferenças nas modalidades oral e escrita devem-se, em grande parte, às diferentes condições de produção, sugerindo uma maior ou menor submissão às regras gramaticais. Marcuschi (2001, p. 37) levanta assim a hipótese de que “as diferenças entre fala e escrita se dão dentro de um “continuum” tipológico das práticas sociais de produção textual e não na relação dicotômica de dois pólos”.

Dessa forma, pode-se afirmar que oralidade e escrita compõem um mesmo sistema lingüístico, apesar de seus processos e meios de produção distintos.

As diferenças entre oralidade e escrita fundamentam-se no processo de produção de seus textos. Faz-se necessário observar as condições de uso, os meios de produção em que se encontram inseridas, atentando para o contínuo de variações da fala e da escrita no que tange aos sentidos e formas de produção discursivas em pauta.

Apresentação geral da análise

Foram constituídos como corpus de análise 408 bilhetes, sendo 204, conforme já explicitado, produzidos dentro de um contexto livre, e os outros 204, dentro de uma abordagem avaliativa.

Para a análise do material pesquisado, recorre-se a Corrêa (2004, p. 22-23), ao ressaltar que

(...) a abordagem procura – a começar da caracterização precisa de um momento e de um espaço social privilegiados no que se refere à requisição da escrita como canal – determinar, pelo agrupamento de pistas lingüísticas, propriedades que permitam caracterizar, nesse momento do processo, o tipo de representação do escrevente sobre a (sua) escrita quanto à relação oral/falado e letrado/escrito e quanto à dialogia com o já falado/escrito.

Com o surgimento da escrita virtual, a primeira questão apresentada foi se essa linguagem não seria uma ameaça à escrita tradicional.

As opiniões a respeito são contraditórias. Há quem acredite que a internet não está descaracterizando nossa língua, mas somente incorporando ao idioma novos termos. Outros internautas, no entanto, acham que esse linguajar é um sinal da perda da nossa identidade lingüística, a saber:

“Pois é. A rede está fazendo a língua portuguesa mudar. E a culpa recai sobre a velocidade com que as pessoas querem trocar informações.”(Naiara Andrade – Revista Canal Extra, 15/ago/2004, p. 44).

“Tem que ter cuidado para não virar vício. O português já é difícil, se for deixando de lado, então...” (Tatiana Moraes, 22 anos, idem); “Camila Vilela Borges, professora de Português do Centro Educacional Lagoa, tira ponto quando um corpo estranho desses (*chats*) vai parar na redação. Mas não sem antes avisar e chamar a atenção da garotada para a necessidade de diferenciar as coisas: linguagem de internet é muito boa no computador, conversando com os amigos. Na prosa literária, o papo é outro.” (Jornal O Globo, Jornal da Família, 2003); “Não tem perigo. É como visitar uma comunidade e ser bilíngüe.” (Livia de Almeida, 16 anos, idem). “Nós estamos hoje diante de uma nova geração de usuários da Internet, jovens que fazem da rede um lugar de convivência.” (Pedro Cabral - Veja Especial Jovens . junho de 2004).

A linguagem dos *chats* não promove a perda da nossa identidade lingüística, somente se agrega um conjunto de signos heterogêneos promovendo a emergência de novas formas de

linguagem, utilizadas por usuários que, em grande parte, têm controle sobre sua escrita e possui um certo conhecimento da língua padrão.

Os caminhos da análise

As etapas que orientam a análise deste trabalho são:

- a) elaboração de um quadro geral contendo o perfil dos sujeitos investigados com o objetivo de identificar cada sujeito: idade, grau de escolaridade, se possui acesso ou não à rede e seleção das marcas de interação virtual e interação oral detectadas em cada bilhete. (ANEXO);
- b) análise quantitativa dos resultados;
- c) apresentação das conversas em uma sala de bate-papo – *chat*;
- d) análise qualitativa de todas as demais ocorrências registradas nos bilhetes;
- e) apresentação de redações comparativas à produção textual dos bilhetes.

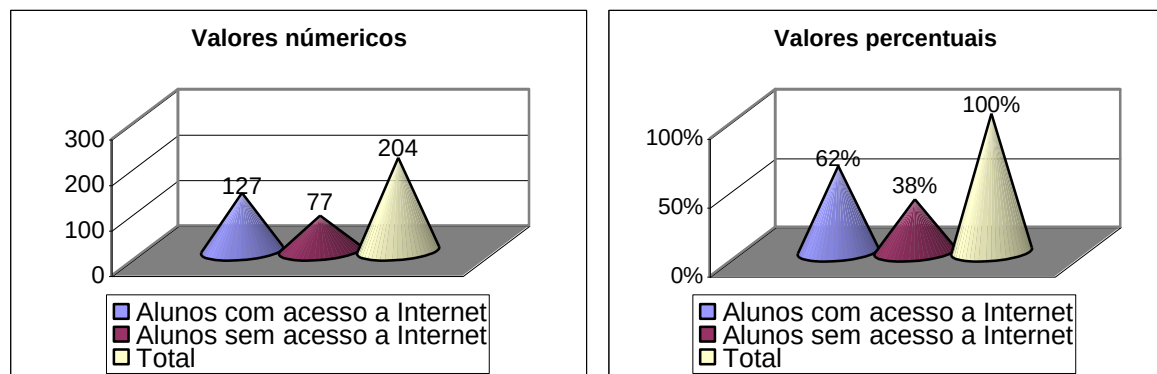
No corpus pesquisado, a análise dos dados se deu de forma comparativa, com vistas a verificar se há, na escrita escolar dos adolescentes usuários ou não-usuários da Internet, interferência da linguagem virtual (e, por vezes, oral) e, conseqüentemente, o realinhamento dos textos frente a contextos diversificados.

Identificação dos sujeitos investigados

Os gráficos a seguir apresentam a identificação dos sujeitos investigados.

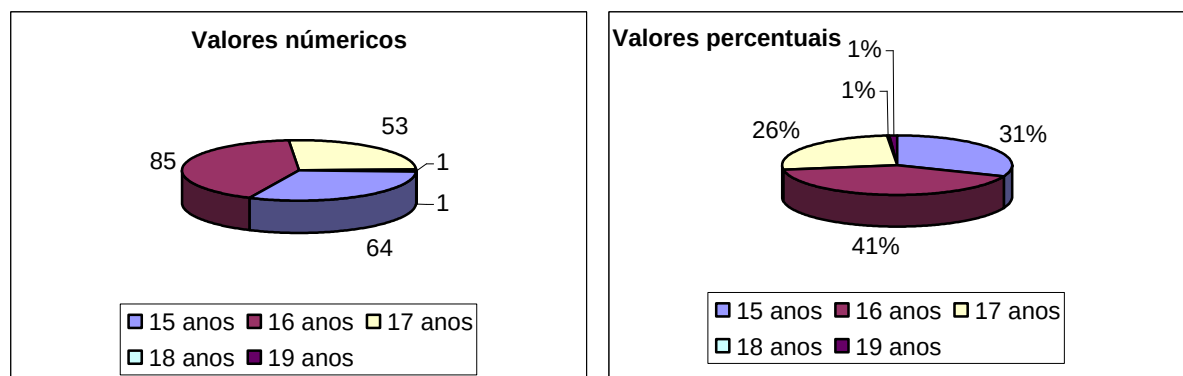
Dentre os alunos entrevistados, 62% têm acesso à Internet e 38% não possuem acesso a esse canal de comunicação. (GRÁFICOS 1).

Gráficos 1: Alunos com e sem acesso à Internet.



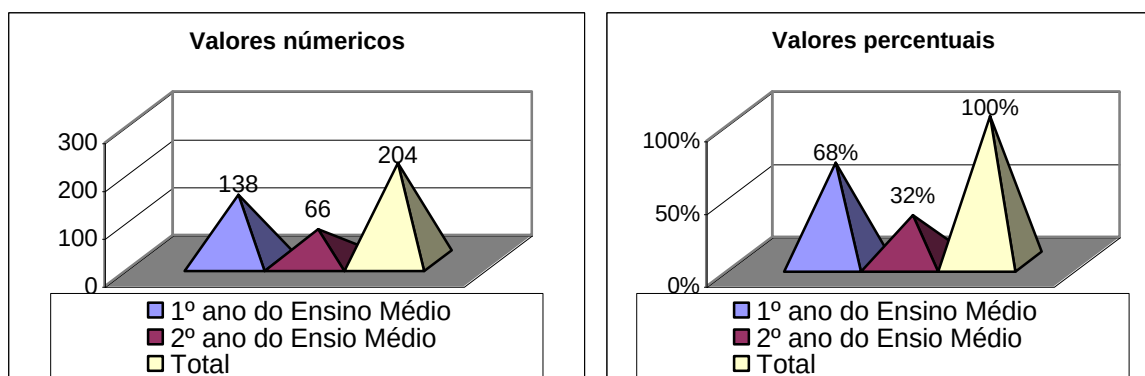
Quanto à idade, 31% têm 15 anos; 41%, 16; 2%, 17; 1%, 18; e 1%, 19. (GRÁFICOS 2).

Gráficos 2: Faixa etária em valores numéricos e percentuais.



Em relação à série escolar, 68% são alunos do primeiro ano do Ensino Médio e 32% cursam o segundo ano do Ensino Médio. (GRÁFICOS 3).

Gráficos 3: Indicação por série

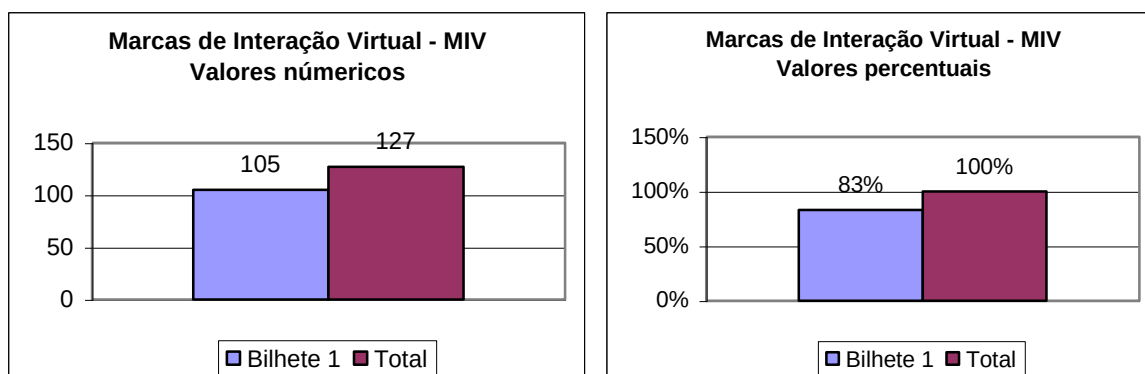


9.1 Análise quantitativa dos bilhetes produzidos por alunos com acesso à Internet

É importante esclarecer que o estudo do *corpus* em questão foi feito dentro de uma dimensão de percepção das marcas de interação virtual e oral em ambos os textos produzidos, ou seja, Bilhete 1 e Bilhete 2.

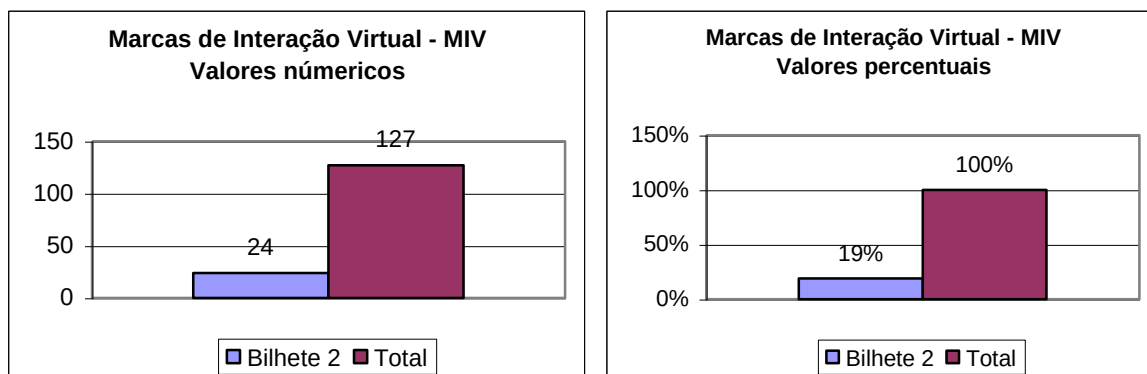
No universo de 254 bilhetes analisados, 127 bilhetes são classificados como Bilhetes 1, mais 127 bilhetes denominados Bilhetes 2. Percebe-se que 83% dos textos produzidos com marcas da interação virtual pertencem à categoria informal dos bilhetes (1); o que sinaliza uma noção de uso das variante lingüísticas por parte dos alunos investigados. (GRÁFICOS 4A).

GRÁFICOS 4A – Marcas de interação virtual – Bilhete 1



Enquanto na produção formal (bilhete 2) , essas marcas foram registradas em apenas 18% dos textos produzidos. Conclui-se, portanto, que os adolescentes investigados nesta pesquisa souberam enquadrar sua escrita de acordo com o contexto. (GRÁFICOS 4B).

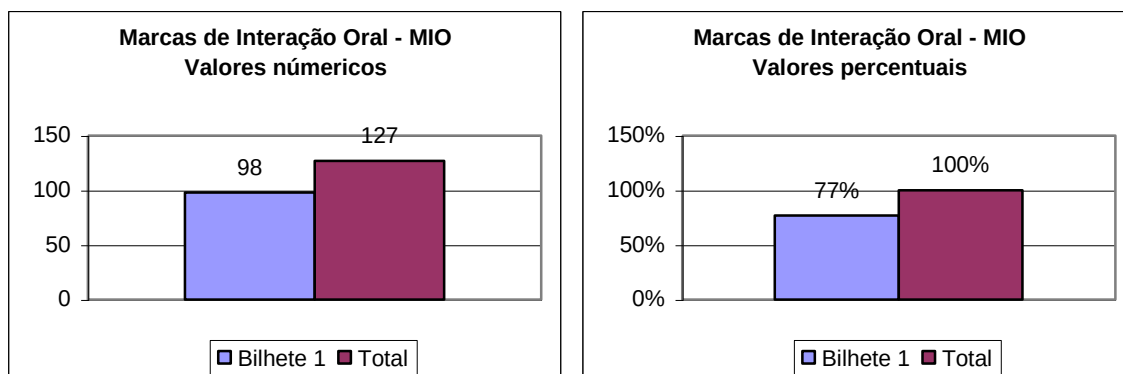
GRÁFICOS 4B – Marcas de interação virtual – Bilhete 2



Nesta pesquisa, são imprescindíveis a percepção e o registro das Marcas de Interação Oral – MIO, nos bilhetes produzidos, para distinguir bem o que é influência da oralidade do que é influência da virtualidade, evitando assim que ambas se confundam.

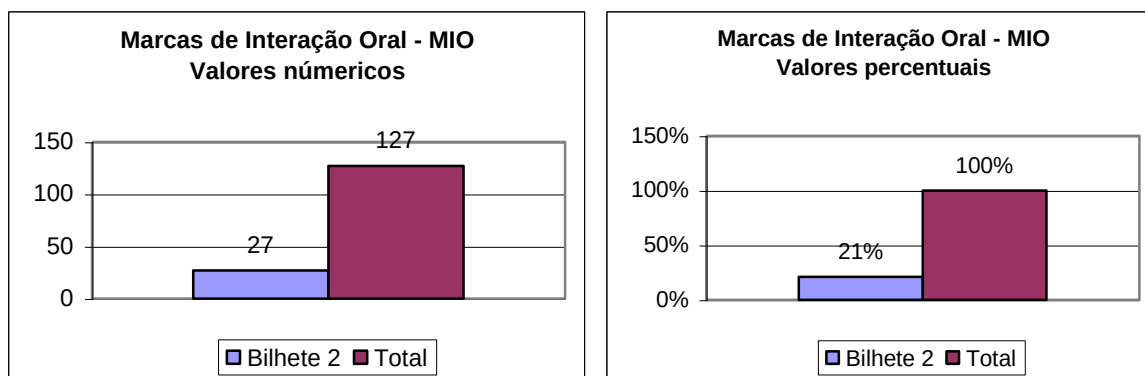
Nos bilhetes 1, a presença das marcas orais são predominantes: 77%. (GRÁFICOS 5A)

GRÁFICOS 5A – Marcas de Interação Oral – Bilhete 1



Nos bilhetes 2, o quadro se inverte: a presença das marcas de oralidade foi detectada em apenas 21% dos textos produzidos. (GRÁFICOS 5B).

GRÁFICOS 5B - Marcas de Interação Oral – bilhete 2



Nesta seção, já podemos antecipar a comprovação da hipótese da capacidade de adequação da escrita por parte dos sujeitos investigados. No desenvolvimento dessa pesquisa, pretendo detalhar expor as marcas virtuais e orais presentes nos textos produzidos pelos alunos investigados.

9.2 Análise quantitativa dos bilhetes produzidos por alunos sem acesso à internet

Número de alunos investigados: 77

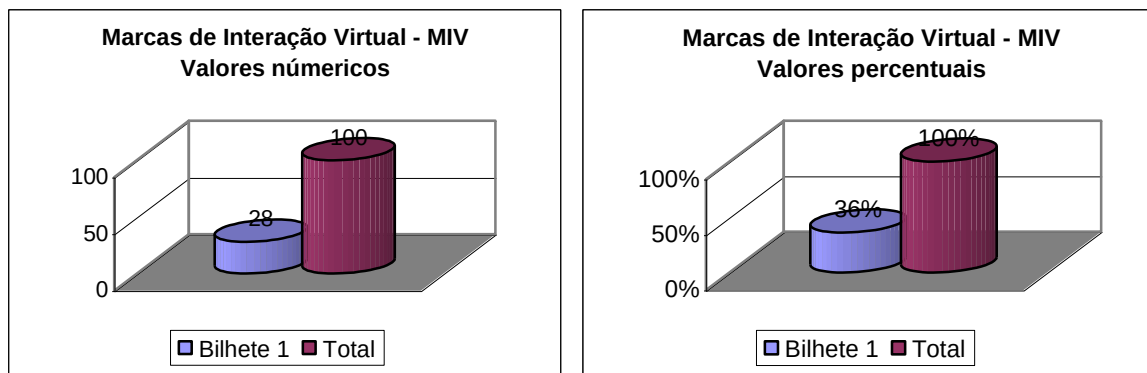
Número de bilhetes analisados: 154 (77 bilhetes 1 e 77 bilhetes 2)

No universo dos 204 alunos investigados, 77 disseram não ter acesso ao computador e, conseqüentemente, à Internet. Verificando a produção desses alunos, observou-se que, apesar da inacessibilidade à informática, há marcas de interação virtual em suas produções, mesmo dentro de um percentual inferior.

Tal presença deve-se, segundo os próprios alunos, ao convívio escolar, em que a interação virtual e oral se fazem presentes na escrita diária por influência de quem tem acesso à internet. Além disso, há o uso de aparelho celular que possui uma linguagem, no que tange à escrita de mensagens, bem parecida com a escrita dos *chats*.

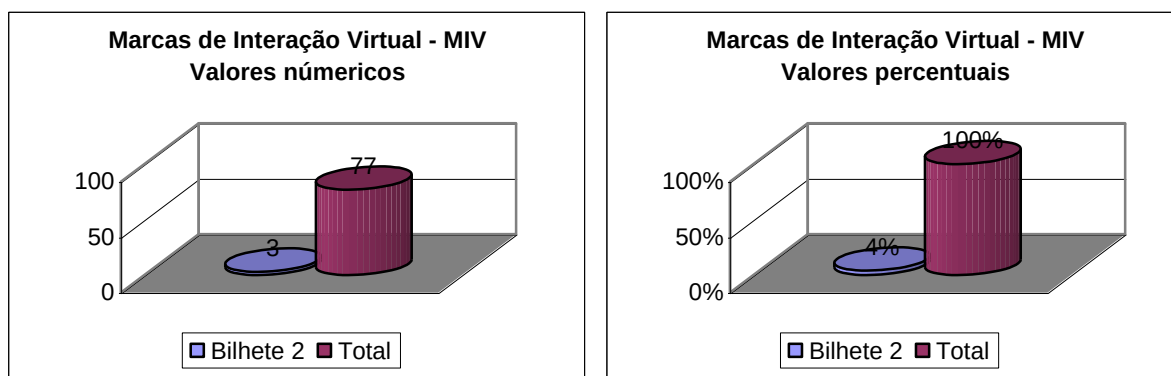
Os resultados da pesquisa apontam que a presença das Marcas de Interação Virtual nos Bilhetes 1 é de 36%. (GRÁFICO 6A)

GRÁFICOS 6A – Marcas de Interação Virtual – bilhete 1



Já nos bilhetes 2, a presença de marcas virtuais foi detectada em apenas 4% dos textos produzidos (GRÁFICOS 6B)

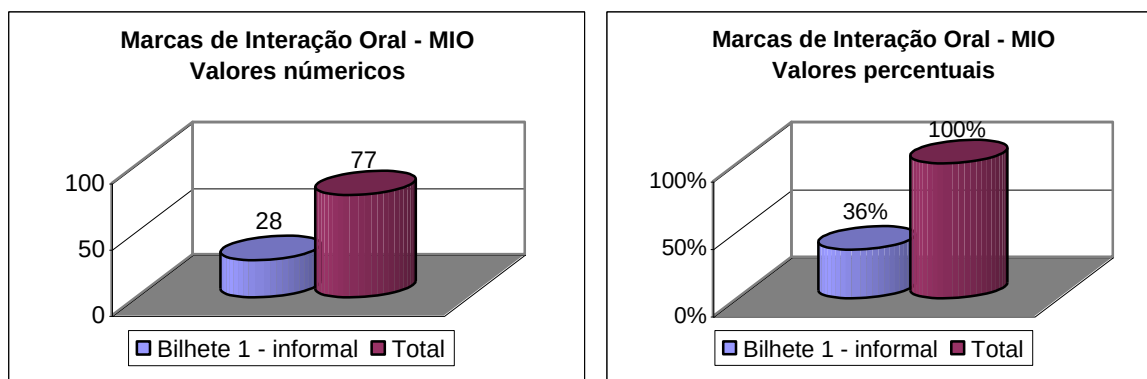
GRÁFICOS 6B – Marcas de Interação Virtual – bilhete 2



Com esses dados, é possível inferir que a presença das marcas virtuais na produção textual dos sujeitos sem acesso à internet é ínfima, mas deve ser considerada porque reflete o fator de abrangência desse novo discurso entre os adolescentes de modo geral.

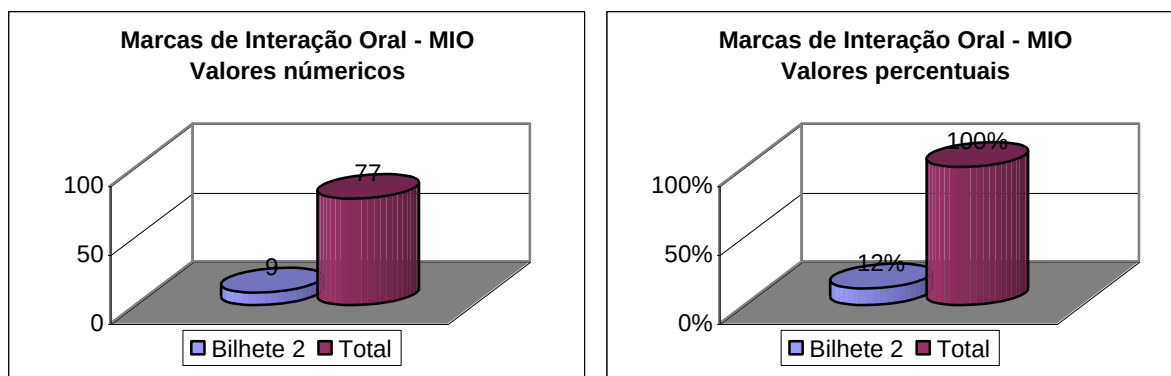
Quanto às marcas de oralidade, foram registradas nos bilhetes 1 apenas 36% dessas ocorrências. (GRÁFICOS 7A)

GRÁFICOS 7A – Marcas de Interação Oral – bilhete 1



Nos bilhetes 2, os aspectos da oralidade foram registrados em apenas 12% dos textos produzidos. (GRÁFICOS 7B)

GRÁFICOS 7B – Marcas de Interação Oral – bilhete 2



Procedente ressaltar que, apesar de 62% dos sujeitos investigados terem acesso à rede e 38% não compartilharem desse canal de comunicação, os dados coletados e acima expostos deixam claro que as manifestações orais e virtuais, observadas no segundo texto produzido por ambos os grupos, não foram registradas de forma significativa e sua adequação ocorreu no tempo correto de produção concernente ao contexto proposto. Não havendo, portanto, uma alteração

ou ruptura lingüística atípica na textualidade dos sujeitos sem acesso à internet em relação àqueles que tem acesso.

9.3 – Análise qualitativa dos bilhetes produzidos

A flexibilidade no uso da língua e o domínio da norma culta são fatores que preocupam muitos docentes da Língua Portuguesa. O computador deflagrou novos processos de construção e produção textual. As mensagens enviadas por e-mails constituem um texto mais elaborado, pois o internauta dispõe de tempo para redigir e revisar a escrita. As salas de bate-papo – chats, possuem características mais interessantes já que seus usuários não dispõem de tempo para re-elaborar seus textos..

Pereira e Moura (2001, p. 98) destacam que

nas salas de bate-papo, as fronteiras da linguagem oral e da linguagem escrita se dissolvem. Os internautas transportam as características da oralidade (que articulam na entonação, nas pausas, nas expressões fisionômicas) para a tela do computador criando códigos de escrita específicos como alongamento de letras, sinais de pontuação, uso de letras maiúsculas, de emoticons, palavras reduzidas; além do alfabeto tradicional para construir seus discursos.

É esta reflexão que dá suporte a este estudo, frente ao intrincado processo de construção da escrita ministrado no âmbito escolar.

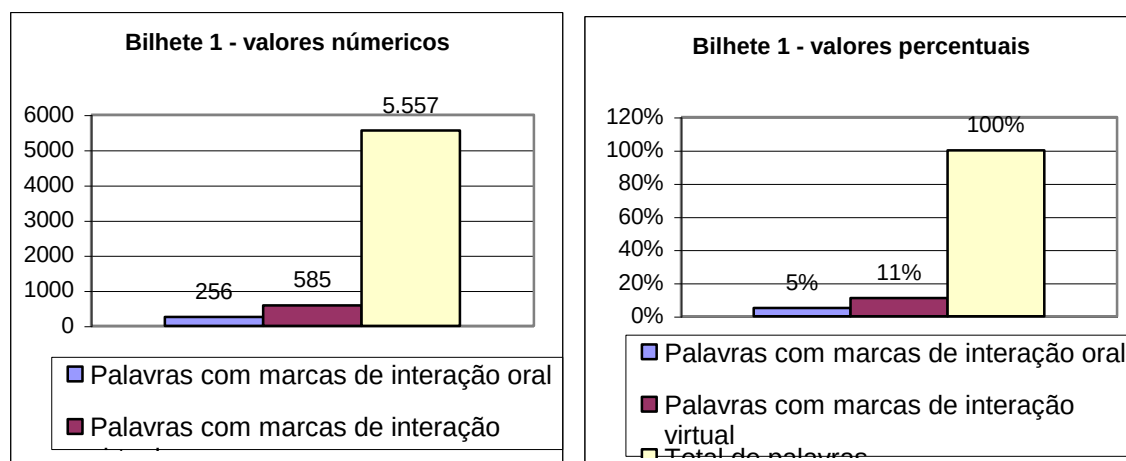
Os bilhetes

Os bilhetes são textos que apresentam um cunho de informalidade. Assim, nesta segunda etapa deste trabalho, é meu objetivo identificar e analisar traços da linguagem virtual – *chats* – nos textos produzidos pelos alunos investigados e sua aplicabilidade dentro de um contexto informal e formal.

Só para lembrar, como era intencional a produção de um texto dentro de um espaço e tempo de aulas, o bilhete foi duplamente produzido dentro de um contexto livre e outro avaliativo.

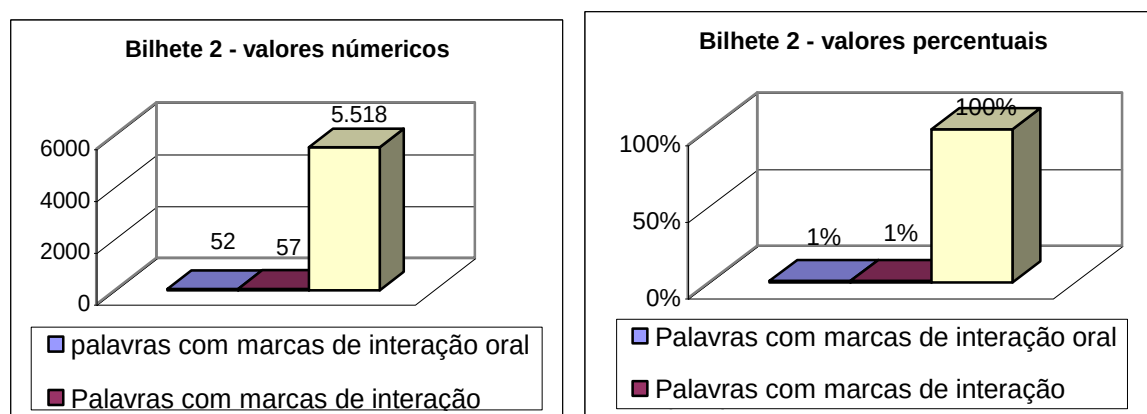
Foram analisados 408 bilhetes divididos em 204 bilhetes com 5.557 palavras (GRÁFICOS 8A) e

GRÁFICOS 8A – Palavras com marcas de interação virtual e oral – bilhete 1



204 bilhetes 2 com 5.518 palavras (GRÁFICOS 8B); totalizando 11.075 palavras. Neste universo, foi possível detectar traços da escrita eletrônica – *chats*, nos textos produzidos conforme apresentado a seguir.

GRÁFICOS 8B – palavras com marcas de interação virtual e oral – bilhetes 2



Nesta primeira parte, vou me ater a identificar traços comuns entre a linguagem produzida nos *chats* e nos bilhetes 1, dentro de uma visão global de produção dos sujeitos investigados

9.4 – Nem certo, nem errado: adequado

O *chat* proporciona aos usuários um vasto campo de produção textual, em que realça a qualidade e a criatividade no que tange a elaboração de idéias. De acordo com Costa (2003), “quando os adolescentes, em salas de bate-papo, criam um novo código discursivo e cultural , a partir de novas motivações enunciativas, para o desenvolvimento do falar-escrito, eles estão criando uma nova escrita/escritura que também fornece um novo modelo para o discurso”.

Como já dissemos, os *chats* apresentam características bastante peculiares. Os turnos conversacionais vão se desenrolando através da alternância de perguntas, respostas e comentários. Nesse espaço eletrônico, como diz Costa (2003), os internautas usam um novo código discursivo e cultural, espontaneamente construído e de caráter híbrido. Para Anis (2000, citado por COSTA, 2003), trata-se de uma norma scripto-conversacional (nova grafia) do espaço eletrônico, a qual visa a facilitar a redação de mensagens e regular trocas de interação verbal e social na internet.

Para identificarmos essas características da escrita nesse espaço virtual, reproduziremos textos extraídos dos *chats* ([http:// www.brchatnet.com/creat.php](http://www.brchatnet.com/creat.php), out. de 2004). Dentro dessa mostra, ressaltaremos os traços lingüísticos e paralingüísticos que evidenciam essa fala/conversa-escrita que demanda o processo de interação das salas de bate-papo

Nota-se que as interlocutoras contam com recursos graficamente econômicos em nome da agilidade e rapidez imprescindíveis ao processo de interação virtual exigidas pelas salas de bate-papo. Vejamos:

- a) **Presença de acrônimos:** letras isoladas que sinalizam um som semelhante aos das sílabas de uma palavra (vc – você; bj – beijo; kd - cadê). Percebe-se que as reduções são determinadas pelos sons das palavras, sugerindo, mesmo assim, uma significação.

Início da sessão: sábado, 16 de outubro de 2004.

Participantes:

(F) Linda_Mineira (F) (Linda_Mineira)

EU TE AMOOOOOOOOOOOOOOO AMORRRRRRRRRRRR(1) (docinho980)

[23:02:37] (F) Linda_MIN: zoiiii vamo **tc**????
 [23:02:40] (L) Gätinha_: oi linda !!!!
 [23:02:53] (L) Gätinha_: eu to arretada hj
 [23:03:02] (F) Linda_Min: **pq**
 [23:03:04] (L) Gätinha_: to afim de briga c/ alguém la mas to me segurano
 [23:03:13] (F) Linda_MIN: o **q** fizeram c/ **vc**
 [23:03:17] (L) Gätinha: alguem me enrolo p/ 7 meses
 [23:03:28] (F) Linda_MIN: briga ou bhma
 [23:03:31] (L) Gätinha: briga
 [23:03:34] (L) Gätinha: mas num conta viu????????????
 [23:03:46] (F) Linda_MIN: eu passei por coisa pior amiga
 [23:03:51] (F) Linda_MIN: claro **q** ã namorei um rapaz da net 1 ano

b) **Escrita ideográfica:** sons de letras associados a símbolos matemáticos.

[23:04:04] (L) Gätinha: eu amo ele **d+** miga
 [23:04:10] (F) Linda_MIN: no conhecemos fiquei grávida ele terminou cmg enlokeci
 [23:04:13] (F) Linda_MIN: + calma
 [23:04:42] (L) Gätinha: me ajuda a me controla q to pela hora
 [23:04:53] (F) Linda_MIN: + calma
 [23:05:04] (L) Gätinha: naum qro **+nada**

c) **Representação fonética das palavras:** evidencia-se em todo o contexto a representação da fala na escrita. Não se trata mais de uma escrita manuscrita, mas falada, ou melhor, teclada; e livre de qualquer imposição ou restrição segundo regras da gramática tradicional.

[23:05:06] (L) Gätinha: pior q **to sabeno** a menina q **tava** com ele sabia de mim e do leo
 [23:05:14] (L) Gätinha: naum sei o q **faze**
 [23:05:19] (F) Linda_MIN: **axo** q eh preciso **fika** calma liga **pra** ele

d) **Alteração na representação dos sons nasais:** interessante observar que essa ocorrência se justifique mais em razão da representação da oralidade própria deste canal de comunicação, uma vez que é menos trabalhoso escrever **intaum** que **então**, já

que os teclados dispensam a tecla *shift* para marcar a acentuação das palavras. No entanto, vale ressaltar que somente os *novos* teclados trazem esse recurso, havendo portanto, ainda, por parte de muitos usuários, a necessidade do uso da referida tecla efetuar a acentuação de palavras.

[23:05:25] (L) Gätinha: **naum** nossa como eu amo aquele garoto

[23:05:30] (L) Gätinha: ele me fez de boba

[23:05:50] (F) Linda_MIN: **intaum** liga pra ele

[23:06:04] (F) Linda MIN: + calma

[23:06:13] (L) Gätinha: vo vuano

Início da Sessão: domingo, 17 de outubro de 2004

Participantes:

(F) L ? ? D ? _ ? ? ? (f) (Linda Mineira)

EU TE AMOOOOOOOOOOO AMORRRRRRRRRRRRRR (docinho980)

e) **Marcação das sílabas tônicas com h e juntura vocabular:** o uso do **h** para marcar a tonicidade das palavras também se justifica para eliminar o uso da tecla *shift*, além do uso da linguagem telegráfica que mantinha (mantém, hoje dentro de um uso mais restrito) essa grafia.

[00:23:57] (L) Gätinha: miga

[00:24:02] (F) Linda MIN: oi

[00:24:04] (L) Linda MIN: eh ele>>>>>>>>>>>>>>>>

[00:24:07] (L) Linda MIN: ele **tah** calado

[00:24:14] (L) Linda_MIN: la da p ele ler vamo tc aki

[00:24:16] (F) Gätinha: vc se quise pode ser amiga dele

[00:24:35] (F) Gätinha: ele **eh** mto gato **neh**

[00:24:40] (F) Gätinha: paro

[01:16:49] (F) Gätinha: onde vc foi

[01:17:19] (L) Linda MIN: cai

[01:17:30] (L) Linda MIN: **perai**

[01:17:36] (L) Linda Min: axo q **eh** conexão ruim

[01:18:54] (L) Linda_MIN: **poise**

g) Presença de pontuação expressiva: os usuários fazem uso desse recurso para dar o sentido desejado ao seu texto, almejando transmitir maior expressividade ao seu interlocutor, mais uma vez tentando aproximar a prosódia, recurso rico em língua falada, da língua escrita. Com isso, reforçam o conteúdo de suas mensagens.

Início da Sessão: quinta-feira, 21 de outubro de 2004

Participantes:

(F) L ? ? D ? _ ? ? ? (f) (Linda_Mineira)

Minha vida o meu mundo eh vc (docinho)

[00:43:21] (L) Linda_MIN:: oi!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!

[00:43:32] (F) Gätinha: oi!!!!!!!!!!!! migaaaa

[00:43:43] (L) Linda_MIN: tas na sala?????????????

[00:43:58] (F) Gätinha: to

[00:44:06] (L) Linda_MIN: o rick ta lah?????

[00:44:15] (F) Gätinha: tava

[00:47:50] (L) Linda_MIN: vai la...

[00:48:02] (F) Gätinha: jaja to xegando hehehehehehe

[00:48:06] (F) Gätinha: so um minuto

[00:48:17] (L) Linda_MIN: okkkkkkkkk

[00:48:20] (L) Linda_MIN: me conta

[00:48:37] (F) Gätinha: desculpa to caino toda hora

[00:49:13] (L) Linda_MIN: q foi?????????

[00:50:00] (F) Gätinha: conteceu ele brigou com a bett

[00:50:05] (F) Gätinha: descontou em mim tb

[00:50:13] (L) Linda_MIN: nossa

[00:50:20] (F) Gätinha: ele abandonou a sala la

[00:50:30] (L) Linda_MIN: ele naum entra mas la naum

[00:50:36] (F) Gätinha: mas tb nao me bloqueou

[00:50:42] (F) Gätinha: acabou de me bloquiar tb

[00:50:45] (L) Linda_MIN: vc viu o nick dele?????????

[00:50:47] (F) Gätinha: vi

[00:51:00] (F) Gätinha: ele tava ate agora aqui ????????????

[00:51:06] (F) Gätinha: axo que caiuuuuu

Todas essas características constituem um novo sistema de escrita desenvolvido pelos internautas que reinventam e reutilizam a linguagem na forma de uma escrita híbrida, em que oralidade e escrita se mesclam muito particularmente. O uso de períodos curtos, o domínio do tom da informalidade e a descontração dos diálogos são algumas características que aproximam os *chats* dos aspectos da fala cotidiana. Neste espaço virtual, emergem novas formas de escrita e leitura, novos códigos e, conseqüentemente, novos processos de produção **textual**.

9.5 – Os bilhetes 1

De acordo com Santos¹(2004), “muitas são as ocorrências observadas em um bilhete, que fazem dele um gênero de escrita espontânea, ou seja, produção textual elaborada de forma bem rápida e sem muito tempo para planejamentos e revisões”. A comunicação via *chat*, também requer rapidez para manter a interação. Como nos chats, o conteúdo dos bilhetes primam por assuntos bem comuns como namoros, jogos, piadas, diversão, convites diversos. No universo do corpus analisado, encontramos vários traços da escrita digitalizada dos *chats*, que refletem a interação dos sujeitos com o meio virtual, e os quais passo a explicitar a seguir.

A escrita tradicional com a oral: interessante observar que em vários bilhetes, foi possível detectar palavras grafadas com um misto da escrita convencional com a oral que destoam de uma transcrição fonética oficial, como por exemplo, a palavra **casa**. Em grande parte dos bilhetes, essa palavra aparece grafada da seguinte maneira: **ksa** e não **kaza**.

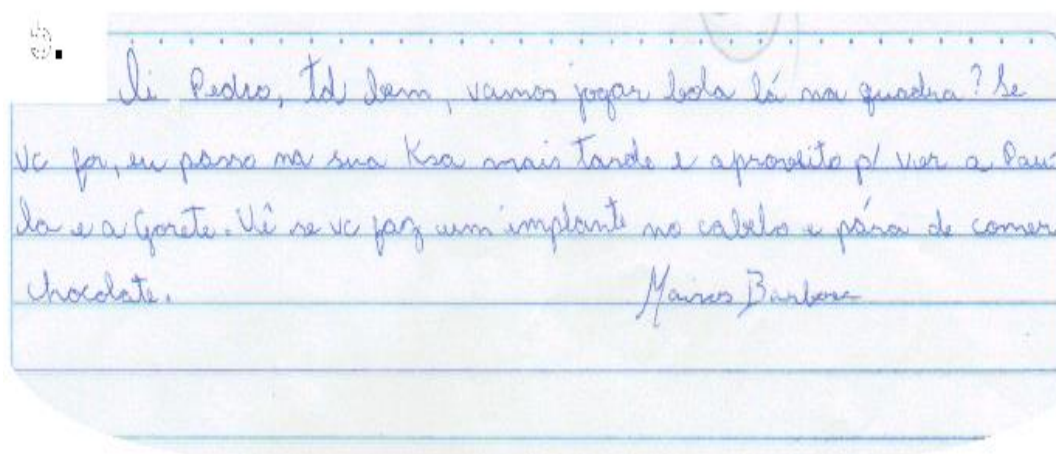


Figura 1A

- **Presença de vários acrônimos:** os acrônimos são conjuntos de siglas, pronunciados como se fossem palavras, utilizados para substituir expressões usadas entre pessoas. A razão da sua popularidade e de seu desenvolvimento deve-se ao fato de serem muito práticos e de tornarem a comunicação escrita mais rápida. Qualquer usuário que queira ser bem sucedido e integrado na comunidade dos internautas tem de aprender usar os acrônimos, pois são símbolos que estão em constante expansão. Aliás, basta navegarmos pela internet durante alguns minutos, para nos apercebermos disso.

Em todos os bilhetes analisados, verifica-se a forte marca dos acrônimos, como:

Acrônimos	Forma prescrita pela língua padrão
blz	beleza
kra	cara
tc	teclar
td	todos
gnt	gente
bjo	beijo
msm	mesmo
vc	você
b-jks	beijocas
dp	depois
fds	fim de semana
qdo	quando
pq	porque
abcs	abraços
mtto	muito
cel	celular
qro	quero
krta	carta
fst	festa
tb / tbm	também
kdê	onde está

Tabela 1

?
 Mariane,
 Hoje eu tô na biblioteca, vc vai? Pq eu tenho que arrumar
 lá um Ksa antes de sair se não minha mãe vai me
 tomar. Vc pode encontrar contigo lá só depois das cinco
 horas. blz?
 Tamara

FIGURA 2A

Larissa
 E aí blz! Kêê Vc migona, vc sumiu? Preciso conversa
 com vc, vim ali pra minha Ksa hj.
 Sale aquele gatinho da escola... então tá q/ ele, mo
 filô e ele galô sobre vc.
 me liga lei, demorô...
 bjoo Monique.
 4/1

FIGURA 3A

- Marcação das sílabas tônicas com h:** essa marca não é de uso exclusivo dos *chats*, pois na escrita telegráfica não se acentua as palavras e a tonicidade é marcada por um **h**. A vírgula destaca-se por um **vg** e o ponto final por **pt**. Isso devido à economia de palavras que reflete no custo final do telegrama. Apesar do uso restrito dos telegramas nos dias atuais, a linguagem característica desse gênero textual continua em uso na situação comunicacional que se sobressai pela rapidez e economia, como no caso dos *chats*. Nos bilhetes analisados, foram detectadas ocorrências como: **tah, neh, soh, lah, eh, lah ...**

Eiê!! tá boa paula? Bomu combina de estudo p/ o
 período enses idias lá? Eu tô mó pincianu de nota!!
 Mas, naum é pra umida naum tá?
 - entaum é nós...
 B-ju nat

FIGURA 4A

De: Rematheinha Para: Rematheinha
 Oiiiie... Ctáh Blz?
 C táh qm d: i no dp Hg??? hahaha. Vai lá sô vai e
 mto comédia. haha. C tm 95 p/ me contar?? hahaha...
 É akela historia do Bokão. haha... Vc ve anima q
 lá pq vai tãh naum!!! Bjinho...

FIGURA 5A

- **Alteração na representação dos sons nasais:** naum, intaum, belezaum, vaum. Essas ocorrências ressaltam as marcas de oralidade, em que as palavras são escritas como se pronuncia e também por dispensar o uso da tecla shift.


 4  P.o.o.H
 Kluima, itô quenda comessu a: de...
 Sereser, kabi agulu comento??? Intaum
 Helle... id labado é quente!!!! Va naum
 vabi d q q aconteceu...
 fmaína 17

FIGURA 6A

8.1

Carol

I ai, blzinha?
 U vc tá arrumando?
 Tô c/ mta saudade...
 N t vi no Halloween, ond vc fiko? T procurei o Tmpo Tol, pq Tara
 seginha (tô zuzu).
 Msm vc morando na festa da minha ka, vc nam aparece?
 Spxa eu t fala: Ki lah em Ksa peg meu CD e leva meu dindin, tráo
 mha plua preta q a gente troto no PP, vai vc mm q eu preciso t
 conta t coisa, flau?

FIGURA 7A

- **escrita ideográfica**,: usam-se símbolos matemáticos para representar sinais lingüístico que compõem expressões como: 9dades, t+++, d+++, +nada, +:

Daniel,
 Como vc está? Eki tã kudobem. Tenho varias 9dades pra ti contar. Quero
 encontrar com vc pra ti contar. Me liga assim q puder. Manda
 muitos abraços pro povo sã. Bjs.
 Isabela

FIGURA 8A

e: R@phimbo
 Para: P@p@i

 P@iii pai, te c/saudado, tem mto tempo q a
 gal m c@. Ide qe vai vir pra K ?? De saia c/o
 s@ndice pra nos d@r@r, i p@r@ balado. De p@r@r
 + L d@r c/o s@ndice. T@rr@, D@r, R@phimbo.

FIGURA 9A

- **Criação de novas formas de escrita:** !-&@%<!R*, G&*\'/@%@, c/fusão, hlera, c/eçaram, m@e, N@ty, menin@s, p@p@i, Aninh@, lig@, gath. ..

Interessante observar que sinais são criados e talvez sejam incompreensíveis àqueles que os desconhecem. Tais marcas proporcionam aos seus criadores um poder sobre a linguagem, formando assim uma linguagem própria de uma comunidade virtual. São formas que podemos classificar também como sendo símbolos ideográficos híbridos, próprios do meio virtual. (Transcrição dos símbolos presentes no bilhete 10A: Geovana e Leandro)

!-&@'/.<!R*,
 Bc. lembrou? Hoje faz um mês q. estamos juntos. gostaria
 que soubesse que estou curtindo muito estar c/ vc. B-jax!
 G&*\'/@'/.@

FIGURA 10A

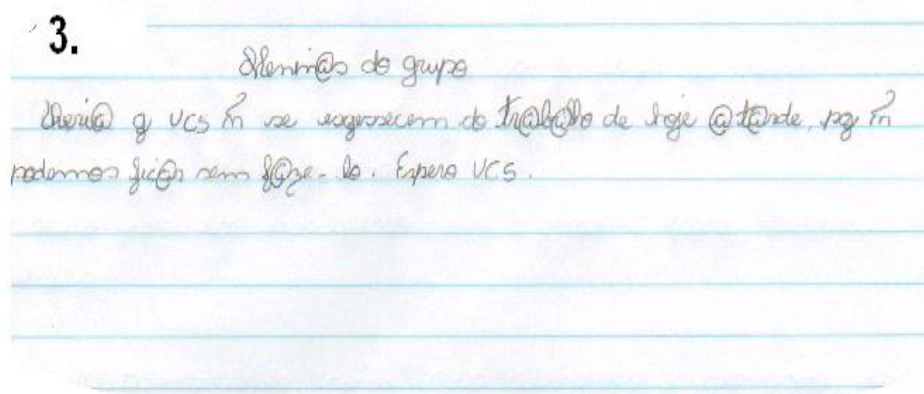
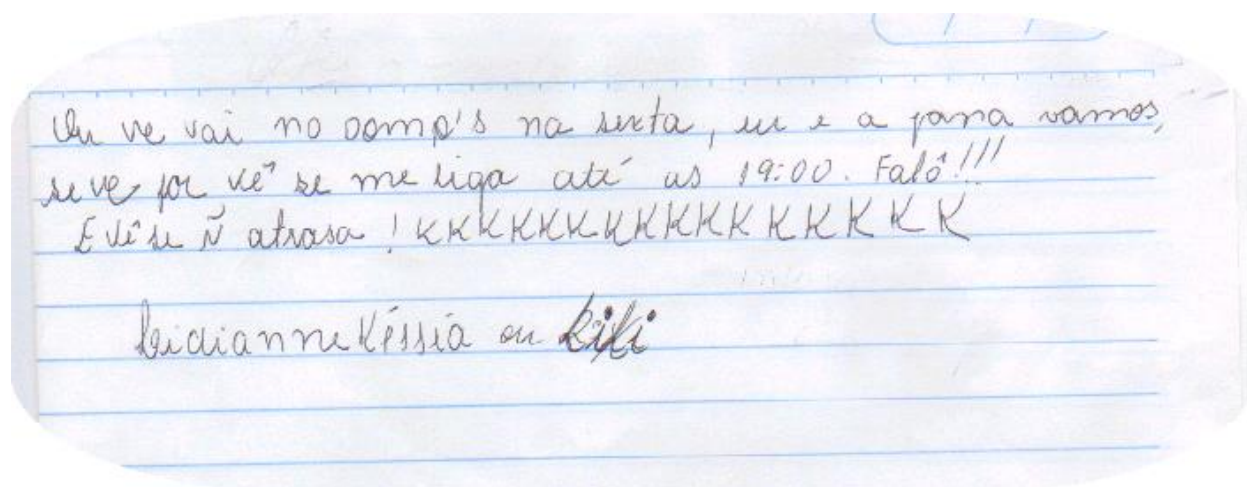


FIGURA 11A

Uso de onomatopéias: hehehehehehehe, kkkkkkkkkkk, hahahahahahahahaha

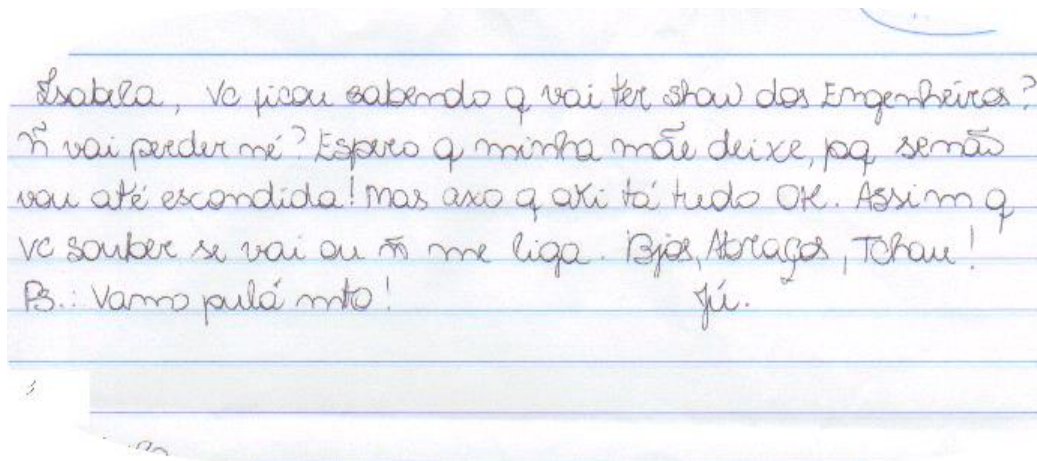
Com o objetivo de representar qualquer som , faz-se uso das onomatopéias que são recursos que possibilitam a formação de palavras que reproduza sons ou ruídos variados.



A partir de uma leitura geral do corpus coletado, percebe-se, em toda a sua esfera composicional, a ocorrência marcante de outros elementos significativos que coincidem com as características da escrita dos *chats* como:

- a) presença da fonética na grafia de palavras como por exemplo tô, tá, cê, pra, fike, kafé, aki, vamu, loco, faze, num, tava, toke, vo, ti, falô, axu, tiau, fia, falo, pulá, qualé, precisanu, mininus, fazenu, guenta, bunitinha, lenu, pra, naum ;

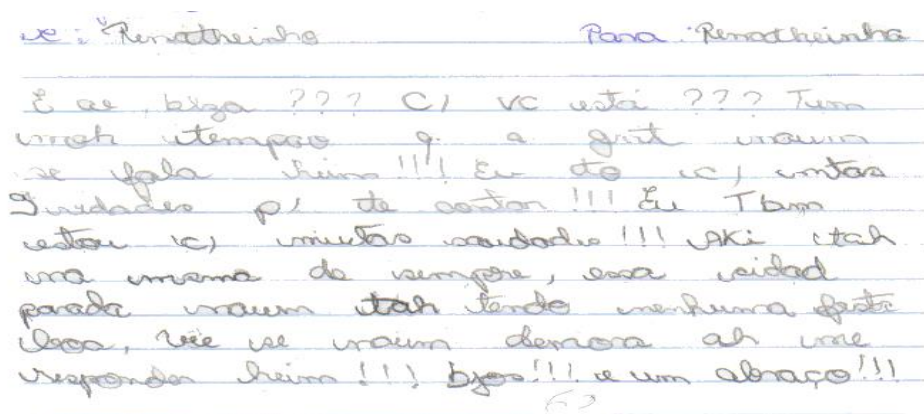
b) presença de palavras reduzidas a elementos fônicos mínimos como vlw (valeu), flw (falou), fds (fim de semana), (estou “tô), c (com), q (que), d (de), hj (hoje).



Isabela, vc ficou sabendo q vai ter show dos Engenheiros? N vai perder né? Espero q minha mãe deixe, pq amanhã vou até escondida! mas axo q aki tá tudo OK. Assim q vc souber se vai ou n me liga. Bjos, Abreaga, Tchau! P.s.: Vamo pulá mto! ju.

FIGURA 13A

c) uso de uma pontuação prolongada como forma de expressão enfática às questões interrogativas, exclamativas ou que exprimem idéia de continuidade do pensamento; d) além das ocorrências de uso comum de palavras resumidas por meio de barras ou marcadas por til, como p/, c/ , ã;



vc: Renatinha Para: Renatinha É ae, biza ??? C/ vc está ??? Tem muito tempo q a gril vaiu se fala heim!!! Eu do vc, muitas Saudades p/ te contar!!! Eu Tbm estou vc, muito saudade!!! aki itah na mama de vengere, essa cidade passa um itah tendo nenhuma festa boa, ve se um demora ah vai responder heim!!! Bjos!!! e um abraço!!!

FIGURA 14 A

e) as gírias também são marcantes nos bilhetes imprimindo a descontração e liberdade do uso da língua. Ocorrências: filé, vei, mo.

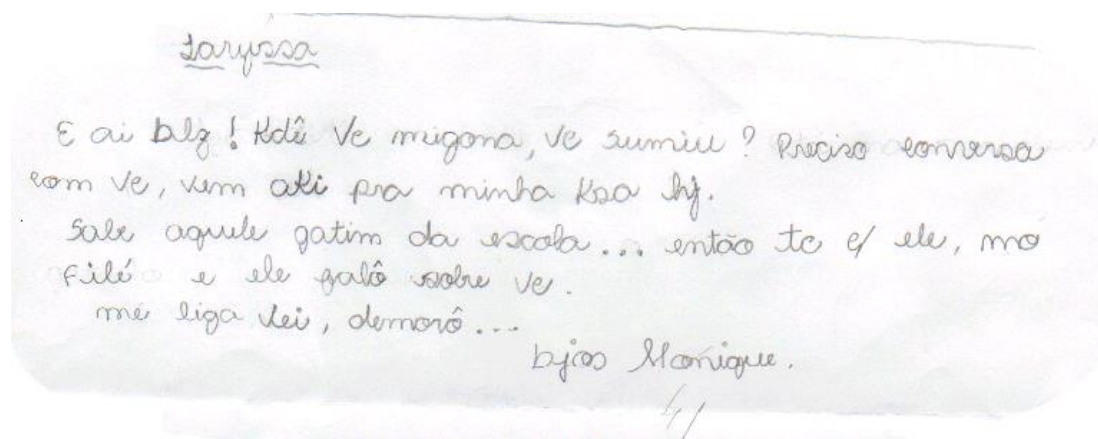


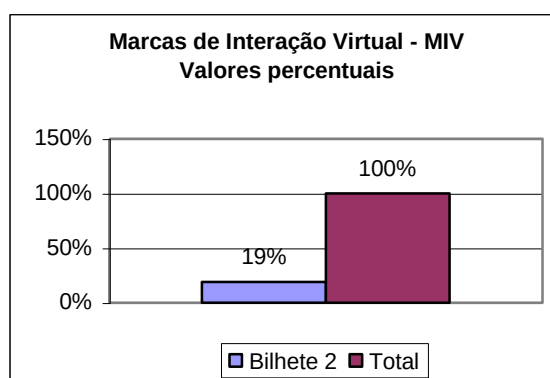
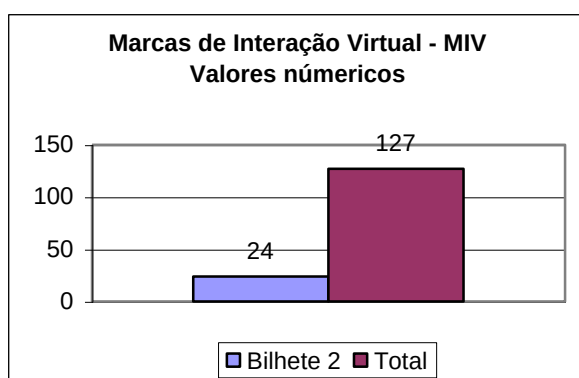
FIGURA 15A

Percebe-se que os alunos apresentam em seus textos um total descompromisso com as regras gramaticais tradicionais. Primam pela informalidade e descontração da escrita. Nota-se a criação de uma linguagem híbrida, onde a fala e a escrita incorporam-se. A forma gráfica como os textos são organizados, tanto na escrita virtual quanto nos bilhetes analisados, visa a proporcionar uma rapidez de pensamento e, conseqüentemente, uma economia de palavras. A escrita é norteadada por uma representação oral/escrita que é familiar aos usuários, formando assim uma linguagem própria dessa comunidade conectada ao universo da rede. Ancorados nos textos analisados, percebemos que não há uma dicotomia entre a escrita e a fala. Ambas se fundem, se interagem. Freitas (2001) ressalta que a cultura oral está mais próxima do cotidiano da vida humana, do presente, prendendo-se às situações vividas, ligando-se mais aos fatos e às descrições. As palavras não são mais ouvidas mas também vistas; entretanto o que se vê não são as palavras reais, mas símbolos codificados que evocam à consciência do leitor palavras reais. O som acaba reduzido ao registro escrito.

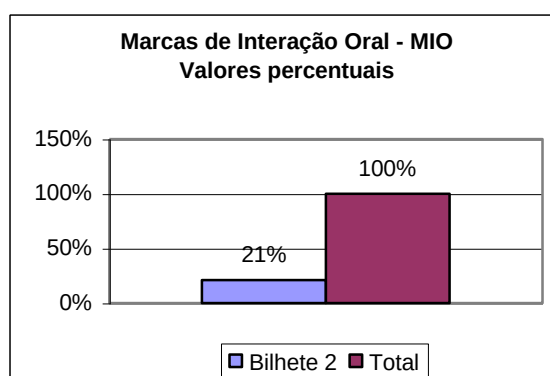
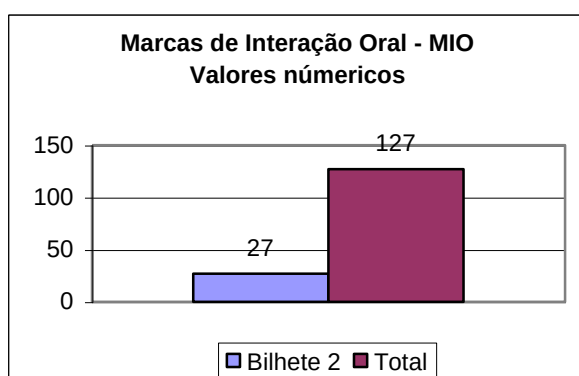
9.6 – Os bilhetes 2

Nos **bilhetes 2** devido ao seu contexto avaliativo, os textos apresentam uma linguagem mais formal. A maioria dessas produções não apresenta traços da linguagem eletrônica e/ou oral, como podemos observar nos **GRÁFICOS 4B** e **5B** (sujeitos com acesso à rede) e **GRÁFICOS 6B** e **7B** (sujeitos sem acesso à rede) reproduzidos a seguir.

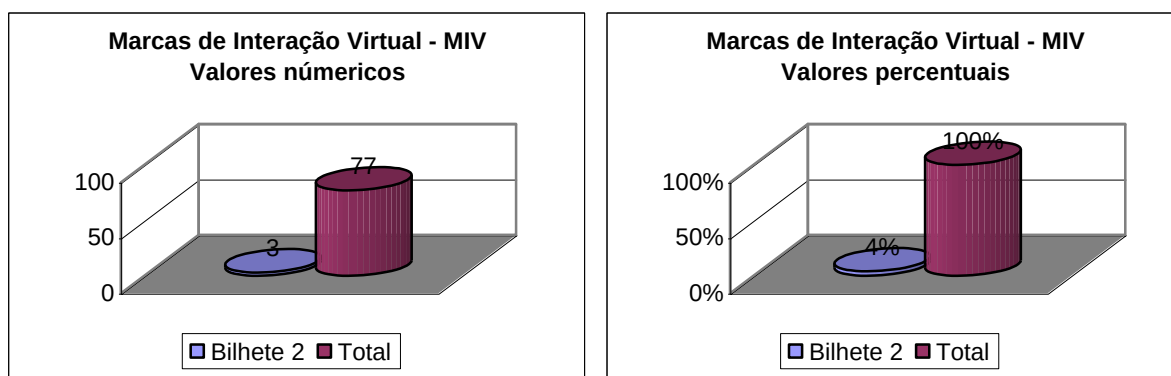
GRÁFICOS 4B – Marcas de interação virtual – bilhete 2



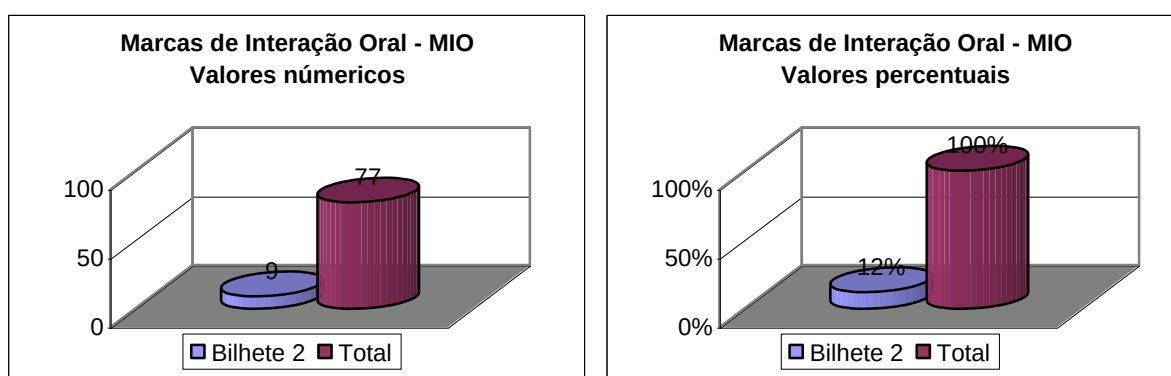
GRÁFICOS 5B – Marcas de Interação Oral – bilhete 1



GRÁFICOS 6B – Marcas de Interação Virtual – bilhete 2



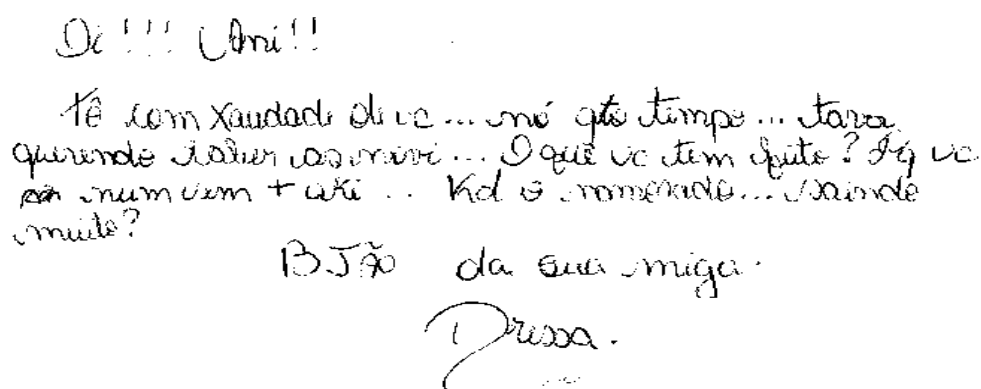
GRÁFICOS 7B – Marcas de Interação Oral – bilhete 2



Comparando a produção de ambos os bilhetes, fica evidente a capacidade de adequação vocabular dos alunos investigados frente à situação comunicativa.

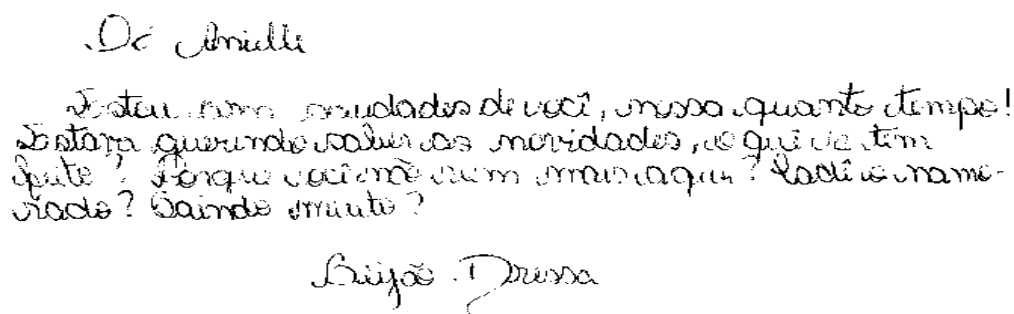
Análise comparativa

Com traços semelhantes aos dos *chats*, observa-se no primeiro bilhete (FIGURA 16A), total despreocupação com o emprego das normas da gramática tradicional. Percebe-se algumas marcas da escrita virtual, como **vc**, **ks**, **+**, **aki**, **bjão**, **kd**; e oral, tais como: **tava**, **tô**, **nó**. A mensagem prima pela descontração e espontaneidade. Os questionamentos são feitos por meio de frases curtas que sugerem uma interação rápida e eficiente.



Olá!!! Ami!!
Tô com saudade de vc... né qto tempo... tava
querendo saber as novidades... O que vc tem feito? Já vc
em um com + aki... Kd é nomeado... Saíndo
muito?
BJão da sua amiga.
Prissa.

FIGURA 16A



Olá Amielle
Estou com saudades de você, missa quanto tempo!
Estava querendo saber as novidades, o que vc tem
feito? Porque você não vem mais aqui? Kd é nome-
ado? Saíndo muito?
Baijão Prissa

FIGURA 17A

Nessa segunda fase de produção do bilhete (FIGURA 17A), os alunos substituem os sinais agregados à linguagem virtual e oral por uma escrita mais formal. Afinal, foram avisados que a segunda produção textual seria analisada por seus professores de Português. Deparamo-nos assim com uma clientela que, independente de ter ou não acesso à rede, adapta sua produção textual de acordo à situação prescrita. Não se justifica, dessa maneira, a preocupação de alguns profissionais da educação, ao tachar a linguagem dos *chats* como nociva às normas da nossa língua.

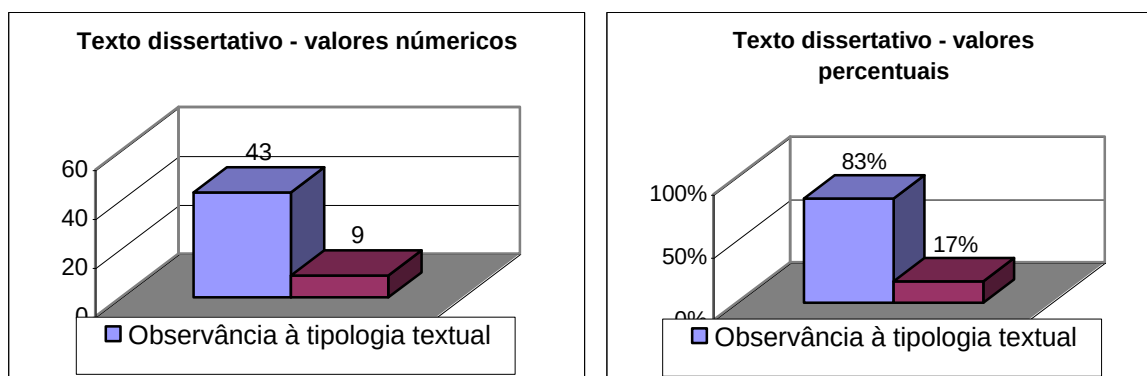
9.7 As Redações

Esta seção se destina a reforçar a hipótese central que vem sendo discutida nas seções anteriores, cujo objetivo é demonstrar que nas redações tradicionais, o aluno demonstra conhecimento quanto o uso do gênero conforme a situação comunicativa.

De posse dessa conclusão e em busca de novos fatores que a confirmasse, analisei algumas redações produzidas por 52 alunos (participantes desta pesquisa) do segundo ano do Ensino Médio, com faixa etária entre 17 anos. Vale ressaltar que tais textos foram redigidos antes do processo de produção dos bilhetes.

Percebe-se que 83% dos alunos se adequaram ao tipo de texto solicitado, posicionando-se em relação ao tema escolhido, expondo argumentos que fundamentaram o seu ponto de vista hierarquizando as idéias através do esquema-padrão; já 17% não atenderam a esta solicitação. Seus textos apresentavam aspectos pertinentes aos textos narrativos. (GRÁFICO 8)

GRÁFICO 8 – Redações – observância e não observância à tipologia textual



Analisando a linguagem, observei que a maioria dos escreventes se preocupou em dar um contorno mais formal aos seus textos, procurando expor suas opiniões de acordo com o tema escolhido. Dentro das observações feitas, apenas a título de pesquisa, foram detectados nas redações desvios relativos às normas gramaticais, mas foi ínfima a ocorrência de traços virtuais no conjunto dos textos produzidos.

É importante ressaltar que as marcas de linguagem dos *chats* identificadas foram aquelas mais próximas à oralidade, a saber: *cê* (você), *pra* (para), *pensano* (pensando), *tá* (está), etc.

Em relação aos desvios mais comuns da norma culta são relativos a coesão e coerência, ambigüidade argumentativa; problemas com ortografia, acentuação, concordâncias, etc.

A posição da mulher na sociedade

Do contrário de algumas teses predominantes, até bem pouco tempo a maioria das sociedades de hoje já começaram a reconhecer a não existência de distinção alguma entre homens e mulheres. Não há diferença intelectual ou de qualquer outro tipo que permita considerar superioridade de homem ou mulher.

Com efeito ao passar do tempo está a aumentar a participação ativa das mulheres em inúmeras atividades. Até nas áreas antes exclusivamente masculinas elas estão presentes. A cada dia que passa as mulheres vencem mais obstáculos, preconceitos e ocupando mais espaço.

Cabe ressaltar que essa participação não pode nem deve ser analisada apenas pelo ponto de vista quantitativo, convém observar o progressivo crescimento da participação feminina em toda os muitos anos em que não tinham na sociedade brasileira e mundial.

FIGURA 18A

vi. Aborto

Em tempos atuais, pouco se ouvia falar em aborto, ou melhor, aborto provocado, sem o passar do tempo o aborto provocado, sendo feito pela maioria das mulheres, principalmente adolescentes entre 13 e 18 anos, sem "grande espó", em maior número na classe média, pois, ainda que considerado crime pouco se tem visto a punição.

Por deborem novas ideias, por não terem trabalho para sustentarem seus filhos, ou ainda, por estéticas, o que não justificaria a interrupção de uma vida em formação, grande parte de mães preferem optar pelo aborto em busca de salvação ou fim de "problema", medo da punição dos pais, discriminação da sociedade, etc.

A falta de orientação, ou o não interesse, também é o grande motivo que leva estas mulheres e as adolescentes que geralmente não buscam se opor aos pais por não serem mais no trabalho do que com os filhos, para se sustentarem. Fatores que iniciam a vida sexual mais cedo por descuido, impudência, aqueles que optaram por de casa ligada querem mais liberdade, positividade, etc, são os que mais recorrem a este crime.

As mulheres que provocam o aborto, principalmente as adolescentes, vivem sério risco de vida os

FIGURA 19A

abortarem, ou melhor, as preservarem o aborto, especialmente em casa ou clínicas clandestinas, que além da falta de higiene e esterilização, lidam com "profissionais" não aptos para tal procedimento.

Muitas mulheres ficam lesadas pelo resto da vida, se sobrevivem, com falta dos movimentos dos membros, ou jamais podem ter mais pessoalmente, muitas até mesmo perdem parte ou totalmente o útero, dentre outras complicações e também o sistema imunológico e psicológico, por exemplo.

Em épocas remotas, o aborto praticado, quando de conhecimento de outras pessoas além da própria mulher, era severamente punido tanto pela Igreja quanto pela família e sociedade e hoje podemos ver que, mesmo com acesso de acesso aos adolescentes e jovens, palestras, campanhas de conscientização e prevenção, muitas "esquecem" do que foi aprendido e abortam quando engravidam indevidamente pois sabem que com o passar do tempo a sociedade esquece e a justiça se volta ou omite o processo por injustiças aos.

FIGURA 19B

Vale enfatizar que os alunos, dentro do conhecimento que possuem quanto à variedade lingüística e o conceito do "certo e errado" e do "diferente", têm demonstrado discernimento quanto a adequação vocabular de acordo com o contexto prescrito.

Conforme os alunos relataram posteriormente, usar a linguagem dos *chats* é “legal” porque se escreve mais rápido na sala de aula, principalmente quando o professor dita a matéria e também para fazer rascunhos. Disseram ainda, que têm conhecimento que não se deve usá-la ao fazer uma prova ou desenvolver um trabalho de pesquisa. Foram ressaltadas as regras impostas pelos meios sociais e empresariais que, segundo a clientela investigada, a cada dia exigem profissionais qualificados para o mercado de trabalho, e que uma dessas regras paira, entre outras, sobre um bom desempenho comunicativo.

10 Conclusão

A forma gráfica como os textos são organizados nos *chats* visam proporcionar uma rapidez à leitura. Os internautas precisam ler e escrever em velocidade e ritmo que acompanhem o raciocínio do outro a fim de não interromper a comunicação e de preservar a atenção dos interlocutores. Buscando viabilizar tal rapidez, criam-se representações específicas, graficamente econômicas, mas que desencadeiam processos de significação com grande eficiência.

Muitos temem que essa versatilidade possa interferir na aprendizagem e no uso da linguagem escrita em situações tidas como convencionais. No entanto, com base nos estudos realizados, verificou-se que a linguagem utilizada nos *chats* não interfere negativamente no domínio das normas lingüísticas de seus usuários. Antes, percebe-se uma forte tendência de adequação à situação comunicacional, onde os adolescentes diferenciam muito bem a linguagem a ser utilizada em cada contexto. Isso também depende de sua disposição em se adequar.

Essa nova forma de comunicação induz a um repensar quanto a prática docente, na qual o uso da linguagem escrita muitas vezes limita-se a uma mera reprodução. Além disso, vale ponderar: para que o aluno possa valer-se de tal versatilidade, remoldando a linguagem escrita, não deve inicialmente possuir um conhecimento prévio dessa linguagem formal? O docente deveria então enxergar a internet e o universo dos *chats* como um banco de dados lingüísticos, passível de ser olhado crítica e analiticamente, sem juízo de valor.

Corrêa (2004, p.9) conceitua “modo heterogêneo de constituição da escrita como o encontro entre as práticas sociais do oral/falado e do letrado/escrito”. Nessa representação do real “materializam-se, lingüisticamente, as relações reais entre os agentes sociais e a escrita, consideradas as práticas sociais de que, direta ou indiretamente, a escrita faz parte.”

Atrelar a língua escrita a uma expressão apenas formal, priorizando a gramática normativa de uma língua padrão, condiciona o trabalho com a linguagem e com a produção escrita a um nível parcial, focalizando o fracasso do aluno. Esse processo de homogeneização da escrita atua “em sintonia com o poder de certas forças socialmente constituídas (...) intimamente ligadas a certas minorias” (CORRÊA, 2004, p. 172-173). Tal prática enfatiza um ensino falacioso, no qual as

relações de poder numa sociedade estratificada persistem dentro da escola, que atua como aparelho ideológico do estado, mantendo a hegemonia dominante.

Tal prática apresenta-se insustentável num processo educativo condizente com o entorno do aluno. Isso porque não se pode pensar no aluno como um indivíduo desprovido de uma bagagem sócio-histórica. E é justamente tal acervo que servirá como ponto de apoio para as produções escritas do aluno, que não pode e não deve alienar-se dentro de um processo homogêneo. Conforme postula Corrêa (2004, p. 293), “esse modo heterogêneo baseia-se na existência sócio-histórica da linguagem, a partir da qual pode-se pensar o cruzamento das práticas orais/faladas e letradas/escritas”.

Esse processo heterogêneo da escrita encontra-se presente nos diversos meios de comunicação existentes, inclusive na internet, conforme alerta Corrêa (2004, p. 300)

o modo heterogêneo de constituição da escrita estaria apto a compor com esses recursos tecnológicos, novos e inusitados encontros. As mensagens que circulam pela internet não deixam dúvidas quanto à composição entre a fala que há naquela escrita e essas novas tecnologias, exemplo, portanto, de novos também heterogêneos de constituição da escrita.

Durante o desenvolvimento dessa pesquisa, tentei demonstrar que não há uma influência negativa dos *chats* sobre a escrita dos alunos. Por meio de produções textuais diferentes, em tempo e situação de aula, os sujeitos investigados foram capazes de adequar suas produções conforme o comando e contexto que lhes foi apresentado. Pois, foi meu propósito verificar o poder de uso dessa variante lingüística faladas em momento real de produção, em que os alunos teriam de pensar por si mesmos quanto à adequação vocabular em situações que remetem à livre produção textual e a outra mais formal. O tempo de produção e reescrita foi quase simultâneo. A prova do realinhamento foi a sensível queda percentual de Marcas de Interação Virtual (MIV) e de Marcas de Interação Oral (MIO) na passagem do Bilhete 1 para o Bilhete 2.

Buscando confirmar minhas conclusões, que contrariam a opinião de colegas que acusam os *chats* por todo e qualquer erro produzido pelos alunos, analisei redações redigidas pelos alunos durante uma aula de produção textual. O resultado dessa segunda investigação corroborou minhas hipóteses quanto ao uso seletivo que nossos estudantes vêm fazendo da linguagem eletrônica.

Vale ressaltar que a modalidade não-padrão da língua não constitui um erro, mas apenas uma variação que se estabelece em diferentes situações de uso da linguagem.

Em sua dissertação de mestrado (2004), a professora Else Martins dos Santos também busca identificar quais interferências o *chat* estaria exercendo sobre a escrita dos adolescentes. Também apoiada em resultados positivos ao uso da linguagem eletrônica, a professora, no final de seu texto, lança um questionamento: se fosse viabilizada uma pesquisa em uma escola que desconsidere o estudo da variação lingüística e se uma comparação entre a escrita de adolescentes que fazem uso de *chat* e outros que não têm acesso a esse canal de comunicação, resultaria na adequação da linguagem ao gênero solicitado, conforme resultado de sua pesquisa que investigou apenas adolescentes com acesso à rede?

Podemos responder que sim. Ressalvas apenas a não trabalhar a variedade lingüística com nossos alunos. Pois é imprescindível em aulas de Língua Portuguesa suscitar em nossos alunos a consciência de que a língua possui variações que possibilita uma comunicação adequada e eficiente. Desmistificar o preconceito lingüístico e respeitar o falar diferente. Em minha pesquisa, buscando derrubar a resistência de professores e profissionais da educação acerca desse novo processo discursivo, reuni estudantes adolescentes e alunos do ensino médio com e sem acesso aos *chats*. E o resultado, como já apresentado, foi amplamente satisfatório, pois ambos os segmentos foram capazes, em tempo de aula, de provar sua interação com o processo de organização e adequação textual de acordo com os variados usos e segmentos contextuais.

A escola não pode se manter alheia frente à realidade dos alunos. A tecnologia não pode ser ignorada. É preciso conhecer seu impacto no processo educacional e as novas práticas de leitura e escrita mediadas por esse canal. Como nos diz Goulart (2001),

Inovações tecnológicas, como a Internet, nos trouxeram possibilidades de “navegar”, muitas vezes, por “mares nunca dantes navegados”! Navegar lendo, navegar escrevendo ... Que desafios a superfície da tela de um computador traz para a leitura e a escrita? O conhecimento da linguagem escrita em si é o mesmo, entretanto novas condições de produção determinam novos modos de ler e de escrever, diferentes daqueles implicados nos tradicionais – vamos dizer assim – objetos portadores de textos.

Não estariam, portanto, docentes e profissionais da educação, que ainda acusam o *chat* por todo e qualquer erro advindo dos estudantes, se portando como Platão que, em seu tempo, encarou com

uma visão pessimista o surgimento da escrita? Diante do novo que se projeta, temos de adotar uma postura crítica, nem positiva e nem negativa. No caso da internet, o *chat*, como um novo gênero, deve ser investigado no sentido de se explicitarem seus mecanismos lingüísticos e discursivos para que se contribua com o entendimento do fenômeno da linguagem. Com isso, os juízos de valor são colocados à parte, embora a resistência seja grande.

(12:37:15 -) **ainda vivo (h)** *fala para Todos:* ai galera vamos tc mas SEM ASSASINAR O PORTUGUÊS sabe porque ahahahah PORQUE EU AINDA VIVO 😊

(Fonte: www.uol.com.br/bate-papo)

Apesar da ambigüidade, segundo a qual “Português” aqui pode ser a Língua Portuguesa ou aquele que nasceu em Portugal, verifica-se que a cultura do “certo” e do “errado” e da decadência das línguas já está nas salas virtuais de bate-papo. No entanto, percebe-se que, embora haja policiamento ostensivo da linguagem, principalmente nas escolas, a grande maioria dos falantes e dos internautas cede, com facilidade, às pressões do uso. A escola só tem que entender isso e adotar uma postura crítica diante dos novos fatos lingüísticos e discursivos.

11 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Lília Santos. *O chat educacional: o professor diante desse gênero emergente* in:

ANIS, J. *Modification dans les pratiques d'écriture*. in. *Le Français Aujourd'hui*, n. 129, 03, Paris: AFEF, 2000.

BAGNO, Marcos. *Preconceito lingüístico: o que é, como se faz*. 24 ed. São Paulo: Loyola, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. (Voloshinov, V. N.) *Discurso na vida e discurso na arte (sobre poética sociológica)*. In: _____. **Freudianism. A marxist critique**. Nova York: Academic Press, 1976. (Tradução de Cristóvão Tezza – para uso didático [ca. 1990]). (mimeo).

_____. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1979.

_____. *Problemas da poética de Dostoievski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

_____. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BOTELHO, J. M. *A influência da Oralidade sobre a escrita*. Monografia inédita (Curso de Doutorado em Letras – Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização e Lingüística*. São Paulo: Scipione, 1992.

CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília. 1994.

_____. *Cultura e Escrita. Literatura e História*. São Paulo: Artmed, 2001

CIPRO Neto, P; Infante, Ulisses. *Gramática da Língua Portuguesa*. São Paulo: Scipione, 1997.

CORRÊA, Manuel Luiz Gonçalves. *O modo heterogêneo de constituição da escrita*. São Paulo: Martins Fontes, 2004. (Coleção texto e linguagem)

COSTA, Sérgio Roberto. *Leitura e escritura de hipertextos: implicações didático-pedagógicas e curriculares*. Veredas. Revistas de Estudos Lingüísticos. UFJF, V. 4, nº1, jan/jun, 2000.

_____. *A construção/apropriação da escrita nas salas de bate-papo na internet e nas salas de aula da escola fundamental*. [s.1.:s.n.], [ca. 2003]

CRISTIE, Ellen. *Contra as regras do jogo*. Jornal Estado de Minas, terça-feira, 3 fev 2004.

DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs). *Gêneros textuais & Ensino*. 2ed. São Paulo: Lucerna, 2002.

FERREIRA, Aurélio de Holanda et al. *Novo Aurélio Século XXI*. São Paulo: Nova Fronteira, 2000, 2.128 pp.

FRANCO, M.A. *Ensino sobre as tecnologias digitais da inteligência*. São Paulo: Papirus, 1997.

FREITAS, Maria Teresa A. *Escrita teclada: uma nova forma de escrever*. Juiz de Fora: UFJF, 2001. Disponível em [http:// www.anped.org.br/23/textos/1011.pdf](http://www.anped.org.br/23/textos/1011.pdf). Acesso em 10 de janeiro de 2004.

GALLI, Fernanda Correa Silveira. *Linguagem da Internet:um meio de comunicação global*. in: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos. *Hipertextos e gêneros digitais*.(orgs). Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

GOULART, Maria Cecília. *Escola e produção cultural*. Disponível em <[http: www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2001/epc/epctxt2.htm](http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2001/epc/epctxt2.htm)>. Acessado em 20/01/2005

GRESPLAN, Gilmar. *O uso da Língua Portuguesa escrita em tempo real na Internet*". Disponível em [http:// gilgresp@clubinter.com.br](http://gilgresp@clubinter.com.br)>.Dez.1999. Acessado em 10. dez. 2004.

HALLIDAY, M. A.K. *Literacy and linguistics: a functional perspective*. in: HASAN, R. & WILLIAMS, G (EDS). *Literacy in Society*. Londres e Nova York: Longman, p. 339-376, 1996.

JONSSON, Ewa. 1997. Eletronic Discoure. On Speech and Writing on the Internet, Luleå University of Technology. Department of Communication and Languages (Extraído de: <<http://www.ludd.luth.se/users/jonsson/D-essay/EletronicDiscourse.html>

JORNAL ESTADO DE MINAS, 3ª. feira, 03 de fevereiro de 2004.

JORNAL DO BRASIL. 5ª, 27 de setembro de 2001. Disponível em: <<http://jbonline.terra.com.br/jb/papel/cadernos/internet/capas/internet/20010927.html>

LEVY, Pierre. *O que é o virtual?* São Paulo: Ed. 34, 1996.

KRAMER, S. *Escrita e prática educativa nas histórias de antigos professores. Educação em foco*. vol. 3, n. 2. São Paulo. 1998/99.

KOCH, I. G. V., Interferência da oralidade na aquisição da escrita. in: *Trabalhos em Lingüística Aplicada*. Departamento de Lingüística Aplicada do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp, 30, Campinas: São Paulo: Editora da Unicamp, 1997

MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos dos Santos (orgs). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. Rio de Janeiro: Lucena. 2004. 196p.

_____. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. *Gêneros textuais: definição e funcionalidade*. in: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs). *Gêneros textuais & Ensino*. 2ed. São Paulo: Lucerna, 2002.

_____. *O hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula*. in: AZEREDO, José Carlos de. (org). *Língua Portuguesa em debate*. 3 ed. São Paulo: Vozes, 2000.

MARTIN-BARBERO, Jesus. *Cidade virtual: novos cenários da comunicação. Comunicação e educação*. USP. Jan/Abr. São Paulo: Moderna, 1998.

McCLEARY, L. *Aspectos de uma modalidade de discurso mediado por computador*. São Paulo, 1998. Tese (Doutorado em Lingüística). USP, 1998

MENDONÇA, Carlos Magno Camargo. *O sujeito na rede*. Jornal Estado de Minas. 3, sábado, 10 de julho de 2004.

MIGLIO, Mônica. Revista “Internet.br”. Novembro de 1998.

NEVES, Tânia. Jornal O Globo. Jornal da Família. 2003.

OLIVEIRA, L.P. *Variação intercultural na escrita. Contrastes multidimensionais em Inglês e Português*. São Paulo. 1997. Tese (Doutorado em Linguística) LAE /PUC – São Paulo . 1997.

ORLANDI, Eni P. *Análise do discurso*. 4 ed. Princípios e melhoramentos. São Paulo: Pontes, [ca. 1990]

PEREIRA, Ana Paula M. S.; MOURA, Mirtes Zoe da Silva. *A produção discursiva nas salas de bate-papo: formas e características processuais*. in: Duc in Altum: Revista de Ciência e Conhecimento. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras “Sta. Marcelina” (FAFISM) v. 1, n. 1. ISSN 1519-9541. Muriaé: itm, julho de 2001.

REVISTA VEJA JOVENS. *Aki a gente tah em ksa!*. Editora Abril. Edição Especial n. 32. ano 37 (Veja 1859) p. 68-71. São Paulo. Junho de 2004.

REVISTA CANAL EXTRA. *Bate-papo maluco*. Jornal Extra. nº 333. ano 7. p. 44-45. Rio de Janeiro, 15 de agosto de 2004.

SANTOS, Else Martins dos. *O chat e sua influência na escrita adolescente*. Dissertação (Mestrado em Lingüística) 153 p. – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

SOARES, Magda. *Linguagem e escola: uma perspectiva social*. São Paulo: Ática, 1986

SOARES, Magda. Revista Contracampo, nº 1. Mestrado UFF, jul/dez/1997. Disponível em: <http://www.uff.br/mestcii/cc2.htm>.

SOBRAL, Adail. *Internet na escola. O que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 1999.

VALENÇA, Raquel. *A conversa pelo ICQ ajuda na organização de idéias*. Jornal O Globo. Jornal da Família. 2003.

VIANNA, Hermano. *As tribos da internet*. Disponível em <http://www.alternex.com.br/~esocius/t-herman.html>. Abr, 1995. Acessado em out.2004

VIANA, Melissa Elias. “*A linguagem dos chats desafia os newbies*”. Disponível em www.internewws.eti.br/200/mt000722.shtml. Acessado em 04 nov. 2004.

www.terravista.pt/Agualto/3560/pesquisa.html#3.2.Emoticons.#3.2.Emoticons.
Acessado em ago. 2004

[http:// www.brchatnet.com/creat.php](http://www.brchatnet.com/creat.php). Acessado em out. 2004

12 ANEXOS

12.1 – Anexo 1: Bilhetes 1 e 2

! - & @ ' / . < ! R *

Ec. lembra? Hoje faz um mês q. estamos juntos. gostaria que soubesse que estou curtindo muito estar c/ vc. B-jax!

G&* \ / @ ' / . @

Leandro,

Estamos completando um mês juntos, espero que você tenha lembrado. gostaria que soubesse que estou gostando muito de estar com você. Beijos!

Geovana

Geovana, 16 anos

Larissa

E aí Blz! Kêê Ve migona, Ve sumiu? Preciso conversar com Ve, vem aki pra minha casa hj.

Sale aquele gatinho da escola... então te e/ ele, mo Filé e ele galô sobre Ve.

me liga lei, demorô...

bjos Monique.

Larissa

Olá Amiga, tudo bem! Você sumiu, preciso conversar com você, pode vir aqui pra minha casa hoje?

Preciso te contar sobre aquele gatinho da escola, pois conversei com ele; e tenho ótimas notícias para você.

me liga e combinamos.

beijos de sua amiga: Monique 5

11

aiê!! tá boa, Paula? támu combina ide entuda p/ o
meio esses dias aí? Eu tô mó preocupadu ide nota!!
Mas, naum é pra entuda naum tá?
então é não...

B-ju

nat

Oli! Você está bem, Maria? Vamos combinar de estudar
para o próximo semana, dia? Eu estou precisando de
nóla! Mas não é pra estudar, tá?
então é né...

Beijos

Natália, 17

Uu ve vai no comp's na sexta, eu e a para vamos,
se ve por ve? se me liga até as 19:00. Falô!!!
E ve se ã atrasa! KKKKKKKKKKKKKKKKKKK

Beiciannu Késsia ou Kiki

Você vai no sl. Pedro na sexta? Eu e a Jana vamos. Se
você for me liga até as 19.00h. E se não aparecer.

Luciamelissa Lil 16 anos.

11104

Nina,

I ai? hj vc n dia te faltado a
aula. o prof. d. didática deu 1 trabalho
feito na sala e vc produ 4 pts + 100
pts da defesa q adô na hora da apre-
sentação do trabalho, a qm e a Katy
chegaram a discutir e Julia fez a
pta. Bjs, mm.

20.1

Marina,

É aí? Hoje você não devia ter faltado de aula. A professora de biologia deu um trabalho pto na sala e você perdeu 4 pontos, sem falar da confusão que rolou na hora da apresentação de trabalho, a Juliana e a Kate! Já começaram a discutir e a galera fez a festa. Beijos, Alina?

Aline Pereira dos Santos

Paula,

vc vai a festa na Ksa da Cris hj à noite? H-tera toda vai tá lá, vai tá bombando, H-tera é mo' doida.

Tô + sperando.

Abcs!

Rosa

Paola,

Você vai à festa na casa da Cristiane hoje à noite?

Todos os nossos amigos vão estar lá, vai ser super legal,
O pessoal é muito alegre.

Estou te esperando.

ABRAÇOS: Rosa.

Rosa Mariana, 16 anos

?

Mariane,

Hoje eu vou na biblioteca, vc vai? Pq eu tenho que arrumar
lá um Ksa antes de sair se não minha mãe vai me
tornar. Você pode encontrar contigo lá só depois das cinco
horas. blz?

Tamara

Mariane,

Hoje eu vou na biblioteca, você vai? Porque eu tenho que arrumar lá em casa antes de sair se não minha mãe vai me "tomas". Vou poder encontrá-la só depois das cinco horas. Beleza?

Tamara

Tamara, 16 anos

Oi !!! Umi!!

Tô com saudade de vc ... não qto tempo ... táaaa querendo falar coo mini ... O que vc tem feito? Tá vc ~~em~~ num vem + aki ... Kê é romântico ... Mas não muito?

BJÃO da sua amiga.

Prissa.

De Amelli

Estou com saudades de você, nessa grande cidade!
Estava querendo saber as novidades, de que se tem
pate? Porque você não vem mais aqui? Lá é a nome-
rada? Grande cidade?

Luizão Drexler

Quida Laurinha,

E aí, c/ c tá? Eu tô indo blz...

Animada p/ sair?

Dp vc me liga p/ gente... conversar...

Bjin, Bjoks, Bjundas

Aminha

Quida Laurinha,

E aí, como que você está? Eu estou bem.

Animada pra sair?

Depois você me liga pra gente conversar.

Beijos Aminha

de: Renatheinha

Para: Renatheinha

É aí, beiza ??? C/ vc está ??? Tem
muito tempo q. a gente não
se fala heim!!! Eu to c/ muitas
coisas p/ te contar!!! Eu Tbm
estou c/ muitos saudades!!! Aki tá
na mesma de sempre, essa cidade
parada não tá tendo nenhuma festa
boa, né se não demonstra ah não
responder heim!!! bjos!!! e um abraço!!!
63

de: Renato

Para: Renathea

Oli, tudo bem? como você está? Já
faz um bom tempo que a gente não
se fala, eu tenho muitas novidades
para te contar, também estou com
muitas saudades. Aqui está na mesma
de sempre, uma cidade parada não tá
tendo festas boas, né se não demonstra
a não responder. Beijos e um abraço!

Daniel,

Como você está? Está tudo bem. Tenho várias novidades pra te contar. Quero encontrar com você pra te contar. Me liga assim que puder. Manda muitos abraços pro povo aí. Bjs.

Isabela

Daniel,

como você está? Aqui está tudo bem. Tenho várias novidades pra te contar. Quero me encontrar com você pra te contar. Me liga assim que puder. Manda muitos abraços para o povo aí. Beijos

Isabela

5.  Oi Pedro, Tô bem, vamos jogar bola lá na quadra? Se
vc for, eu passo na sua casa mais tarde e aproveito p/ ver a Paul-
la e a Gorte. Vê se vc faz um implante no cabelo e pára de comer
chocolate. Maries Barbosa

5.1 Pedro, eu irei passar aí na sua casa para nós irmãs jogar
bola na quadra do bairro. Logo você vier a desistir de jogar, eu irei
passar aí para ver a Paula e a Gorte. Mais tarde, dá uma passa-
dinha no cabeleireiro para fazer um implante e pára de comer cho-
colates. Maries Barbosa 16/09/2023

12.2 Anexo 2: Dados coletados nos bilhetes dos alunos usuários da Internet

MIV – Marcas de Interação Virtual

MIO – Marcas de Interação Oral

Identificação	Bilhete 1 - livre		Bilhete 2 - formal	
	MIV	MIO	MIV	MIO
Nome: Gustavo Idade: 15 a Escolaridade: 1º ano E.M	tbm aki	to	Não há	to
Nome: Bruna Idade: 15 a Escolaridade: 1º ano E.M.	aki, táh, naum, q, qi, eh, tah, bjão	ta ce	eh, táh tah, bjão ksa	hj
Nome: Camila Idade: 15 a Escolaridade: 1º ano E.M	blz, b-jão d, vc vc mó	tô tá pra	blz vc	tô tá
Nome: Fabrina Idade: 15 a Escolaridade: 1º ano E.M	vc, qdo tc, bjo	tá, Lafa, pra, tô	Não há	Não há
Nome: Lécika Idade: 15 a Escolaridade: 1º ano E.M.	hj, ksa, vc, qm hehehe	to ta	Não há	Não há
Nome: Natássia Idade: 15 a Escolaridade: 1º ano E.M	stou, d, b-jos, vc, v, c, t tc, mtas	pra	Não há	Não há
Nome: Ana Carolina Idade: 15 a Escolaridade: 1º ano E.M.	kd, vc, c, aki, kmigo, mont, d, t, b-jks, Krol	pra	Não há	cadê
Nome: Isabela Idade: 15 a Escolaridade: 1º ano E.M.	Não há	falô	Não há	Não há
Nome: Gessiane Idade: 15 a Escolaridade: 1º ano E.M.	hj, ksa, b-jo	vô, pra	b-jo	Não há
Nome: Ana Beatriz Idade: 15 a Escolaridade: 1º ano E.M.	qrida, c, blz, vc, bjim, Aninh@ bjoks, bjunda, L@urinha@ , dp	vo, tá, pra	Não há	Não há
Nome: Cibele Idade: 15 a Escolaridade: 1º ano E.M.	td, hj t+, vc, bjocas	tá,	t+	tá
Nome: Priscila Idade: 15 a Escolaridade: 1º ano E.M	Não há	Não há	Não há	Não há

Identificação	Bilhete 1 - livre		Bilhete 2 - formal	
	MIV	MIO	MIV	MIO
Nome: Paula Vieira Idade: 15 a Escolaridade: 1º ano E.M.	tc	Não há	nih, b-jocas	Não há
Nome: Tayanne Idade: 15 a Escolaridade: 1º ano E.M.	vc, oq, pq, vc	Não há	Não há	Não há
Nome: Bruna Idade: 15 a Escolaridade: 1º ano E.M.	vc, fds, aki, ksa, c, tbm, q, neh, tok, vleu, bjoksas	pra, tô,	Não há	Não há
Nome: Luan Idade: 15 a Escolaridade: 1º ano E.M.	pq, cel, q vc, q, bjo	ta	bjo	Não há
Nome: Carina Idade: 15 a Escolaridade: 1º ano E.M.	cel, qdo	tô	Não há	Não há
Nome: Marcelo Idade: 15 a Escolaridade: 1º ano E.M.	vc	pra	Não há	Não há
Nome: Pedro Henrique Idade: 15 a Escolaridade: 1º ano E.M.	fr	loco	Não há	pra
Nome: Gustavo Idade: 15 a Escolaridade: 1º ano E.M.	blza, ksa, kfé	pra	kfé	p/
Nome: Bruna Idade: 15 a Escolaridade: 1º ano E.M.	vc, flw, b-jos	pra	Não há	Não há
Nome: Cristiane Idade: 15 a Escolaridade: 1º ano E.M.	vc, abcs	pra, ta	Não há	Não há
Nome: Jackson Idade: 15 a Escolaridade: 1º ano E.M.	vc, gnt neh, ow, entaum, vlw	Não há	Não há	Não há

Identificação	Bilhete 1 - livre		Bilhete 2 - formal	
	MIV	MIO	MIV	MIO
Nome: Marina Idade: 15 a Escolaridade: 1º ano E.M.	vc, aki, q, ksa, hj, t+, b-jos, hehe	tá	Não há	Não há
Nome: Digliola Idade: 15 a Escolaridade: 1º ano E.M.	td, q, c, mta, amu, gte, fike, bjinhus	pra	Não há	Não há
Nome: Victor Idade: 15 a Escolaridade: 1º ano E.M.	blz, vc, c. q, pq, aki, ksa, mo, nd num	ta, vo, pra, faze	Não há	Não há
Nome: Ariane Idade: 15 a Escolaridade: 1º ano E.M.	hj, pq	Não há	Não há	Não há
Nome: Livia Idade: 15 a Escolaridade: 1º ano E.M.	td, bjux	Não há	Bjim	Não há
Nome: Lídia Idade: 15 a Escolaridade: 1º ano E.M.	q, vc, mó, bjaum	para, come, tá, tiau, tava	q, mó	tá, tava
Nome: Daniele Idade: 15 a Escolaridade: 1º ano E.M.	blz, vc, qdo, toke, bjos	pra	Não há	Não há
Nome: Geovana Idade: 15 a Escolaridade: 1º ano E.M.	!-&@%<!R* , vc, q, b-jox G&*V/@%@	tava	Não há	Não há
Nome: Polyana Idade: 15 a Escolaridade: 1º ano E.M.	dpois, gent, d, emana, q, c, sorvetim, dvo, fallow	pra	Não há	Não há
Nome: Paulinha Idade: 16 a Escolaridade: 1º ano E.M.	aki, q, hj, c, okz, djux, xauzim	fia, tá, vamo	Não há	Não há
Nome: Lorena Idade: 16 a Escolaridade: 1º ano E.M.	blz, aki, bjim	vo , pra	Não há	vo, pra
Nome: Vinicius Idade: 16 a Escolaridade: 1º ano E.M.	sab, q, t, + blz	vo, pra, fazê	+	Não há
Nome: Letícia Idade: 16 a Escolaridade: 1º ano E.M.	mahzinha, q, vc mtuu, , hêhê, amu, beijaum, colaxaum	poisé,	mahzinha, hêhê	poisé

Identificação	Bilhete 1 - livre		Bilhete 2 - formal	
	MIV	MIO	MIV	MIO
Nome: Gilcimara Idade: 16 a Escolaridade: 1º ano E.M.	aki, blz, tbem, bjoks	tá, tiau	Não há	Não
Nome: Henrico Idade: 16 a Escolaridade: 1º ano E.M.	oh, hlera, hje, dpois, cs, clãfronto, c, flow	joga (no lugar de “jogar”), dé (no lugar de “der”)	cs, clãfronto	Não há
Nome: Rosa Mariana Idade: 16 a Escolaridade: 1º ano E.M.	vc, ksa, hj, h-lera, mó, t, sperando, abcs	tá, to	Não há	Não há
Nome: Nayara Idade: 16 a Escolaridade: 1º ano E.M.	vc	Não há	Não ha	Não há
Nome: Paola Idade: 16 a Escolaridade: 1º ano E.M.	q, ksa, cel	tô	Não há	Não há
Nome: Bruno Idade: 16 a Escolaridade: 1º ano E.M.	vc,	te	Não há	Não há
Nome: Ananda Idade: 16 a Escolaridade: 1º ano E.M.	fds, blz, mt, adolu, muitaumzaum, bjocas	tô	Não há	Não há
Nome: Natália Idade: 16 a Escolaridade: 1º ano E.M.	blz, tbm, b-jão, N@ty	falo, pra	blz, tbm, b-jão, N@ty	falo, c/
Nome: Clarisse Idade: 16 a Escolaridade: 1º ano E.M.	bjim, vlv	Não há	Não há	Não há
Nome: Simone Idade: 16 a Escolaridade: 1º ano E.M.	g@th , ksa, hj, xocolat, fst,	p/ , nois	Não há	Não há
Nome: Helen Idade: 16 a Escolaridade: 1º ano E.M.	axu, d-pois, ksa, Krol, vow, pq, tow, mto, legaw, fallow, bjim	axu, vo	Não há	Não há
Nome: Paola Idade: 16 a Escolaridade: 1º ano E.M.	qro, vc, mto, b-jão	pra, tá	Não há	Não há
Nome: Watson Idade: 16 a Escolaridade: 1º ano E.M.	hj, pq, +, gnt	pra, tô, ta, dá,	Não há	Não há

Identificação	Bilhete 1 - livre		Bilhete 2 - formal	
	MIV	MIO	MIV	MIO
Nome: Jéssica Idade: 16 a Escolaridade: 1º ano E.M.	vc, tbm	tava, pra	Não há	Não há
Nome: Aline Idade: 16 a Escolaridade: 1º ano E.M.	td, vc, ksa	pra	Não há	Não há
Nome: Júlia Luiza Idade: 16 a Escolaridade: 1º ano E.M.	vc, pq, q,t, aki, bjos, mto	ñ, tá, pula, axo	Não há	Não há
Nome: Douglas Idade: 16 a Escolaridade: 1º ano E.M.	td, q, mto, hehehe, gnt t+, c	tava	Não há	Não há
Nome: Micaela Idade: 16 a Escolaridade: 1º ano E.M.	vc, q, t, mto	tá,	Não há	Não há
Nome: Ana Luiza Idade: 16 a Escolaridade: 1º ano E.M.	mto, vc, hj, bjim	tô, vo, falô	Não há	Não há
Nome: Gustavo Idade: 16 a Escolaridade: 1º ano E.M. Usuário Internet: S	td, daki, poko, pq, mto, flw	qualé, bão, tô, cê	Não há	Não há
Nome: Fernanda Idade: 16 a Escolaridade: 2º ano E.M.	menin@s, queri@, q, vcs, pq, @ tr@b@lho, t@rde, fic@r, f@ze-lo	pra	Não há	Não há
Nome: Alexandre Idade: 16 a Escolaridade: 1º ano E.M.	vc, pq, q	vamu, tava	Não há	Não há
Nome: Rodrigo Idade: 17 a Escolaridade: 2º ano E.M.	hahahahahaha	y ha i, ta, vei, loco	hahahahaha	ta, vei, loco
Nome: Frederico Idade: 17 a Escolaridade: 2º ano E.M.	blz, hj, , q, vlw, t+	vo, vão (no lugar de vamos), to	Não há	to
Nome: Rafaela Idade: 17 a Escolaridade: 2º ano E.M.	vc, lig@ b-jão	Não há	Não há	Não há
Nome: Maria Olívia Idade: 17 a Escolaridade: 2º ano E.M.	td, b-jos vc	pra, tá	Não há	Não há

Identificação	Bilhete 1 - livre		Bilhete 2 - formal	
	MIV	MIO	MIV	MIO
Nome: Natália Idade: 17 a Escolaridade: 2º ano E.M.	c, mó, naum, sóh, entaum, b-ju	tá, vamu, pra, tô, precisanu, pra	Não há	pra
Nome: Francislene Idade: 17 a Escolaridade: 2º ano E.M.	Não há	pra	Não há	Não há
Nome: Heron Idade: 17 a Escolaridade: 2º ano E.M.	Não há	Não há	Não há	Não há
Nome: Janaína Idade: 17 a Escolaridade: 2º ano E.M.	vc, rsrsrs, intaum , hehehe, naum, sab, q	tô, tava	Não há	Não há
Nome: Márcia Idade: 17 a Escolaridade: 2º ano E.M.	Não há	Não há	Não há	Não há
Nome: Pedro Idade: 17 a Escolaridade: 2º ano E.M.	Não há	tava	Não há	tava
Nome: Tatiana Idade: 17 a Escolaridade: 2º ano E.M.	belez, aki, td, hj, vc, Nahum, toke bjokas	tá, vamu, pra	Não há	Não há
Nome: Rafael Augusto Idade: 17 a Escolaridade: 2º ano E.M.	p@p@i , mto, q, gnt, k, qro, d+++	to, ta, pras	Não há	to, pra
Nome: José Lúcio Idade: 17 a Escolaridade: 2º ano E.M.	Não há	Não há	Não há	Não há
Nome: Daniela Idade: 17 a Escolaridade: 1º ano E.M.	fik, t, q b-jim, vc	pra	Não há	Não há
Nome: Bruna Idade: 17 a Escolaridade: 2º ano E.M.	vc, b-joca	tô, ta, muito	b-joca	tô, tá, b-joca, muito
Nome: Guilherme Idade: 17 a Escolaridade: 2º ano E.M.	blz, aki, pq, vc,	vei, falo,	Não há	falo
Nome: Mariana Cardoso Idade: 17 a Escolaridade: 1º ano E.M.	blzinha, q, vc, pq mta, saudad, t, vc, fiko, tmpo, td, mto msm, zuzu, ksa, naum, lah, peg, mha q, gnte, troka, flw , I, ond, aki, ki, falah, dolu, b-jinho	tá, arrumanu, falo, tava, fala (em lugar de “falar”),	ksa,	Não há

Identificação	Bilhete 1 - livre		Bilhete 2 - formal	
	MIV	MIO	MIV	MIO
Nome: Aline Idade: 17 a Escolaridade: 2º ano E.M.	I, hj, vc, dvia, tr, d, prdu, flar, c/fusão, q, bjs c/eçaram, fsta,	vei, rolô	Não há	Não há
Nome: Fernando Idade: 17 a Escolaridade: 2º ano E.M.	m@e , ksa bjs	ta, mininus, pra	Não há	Não há
Nome: Ana Paula Idade: 17 a Escolaridade: 2º ano E.M.	Não há	Não há	Não há	Não há
Nome: Thiago Idade: 19 a Escolaridade: 2º ano E.M.	vc, blz, ká	Não há	blz, vc, ka	Não há
Nome: Taís Idade: 17 a Escolaridade: 2º ano E.M.	vc, cel, fazenu, preu, q	fazenu, preu	Não há	Não há
Nome: Miriele Idade: 17 a Escolaridade: 1º ano E.M.	Não há	Não há	Não há	Não há
Nome: Amanda Idade: 17 a Escolaridade: 2º ano E.M.	Não há	Não há	Não há	Não há
Nome: Josiane Idade: 17 a Escolaridade: 1º ano E.M.	Não há	Não há	Não há	Não há
Nome: Clayton Idade: 17 a Escolaridade: 2º ano E.M.	q, vc, axa, net, rlmente, flar, verdad, mto, nd, pó, soh, te+	axa, to	Não há	Não há
Nome: Luiz Miguel Idade: 16 a Escolaridade: 1º ano E.M.	ôooo, tb, pod, qm, mto hauauhauhauu, e entaum, t (ter)	churrascu, levá, quisé, tá	Não há	Não há
Nome: Alessandra Idade: 16 a Escolaridade: 1º ano E.M.	hj, +, b-jos	vamu, tá	Não há	tá
Nome: Alessandra Idade: 17 a Escolaridade: 2º ano E.M.	Não há	Não há	Não há	Não há
Nome: Alessandra Idade: 16 a Escolaridade: 2º ano E.M.	+, q, xodadi, vc, t	ta, durmi, to, cum	Não há	Não há

Identificação	Bilhete 1 - livre		Bilhete 2 - formal	
	MIV	MIO	MIV	MIO
Nome: Luana Idade: 16 a Escolaridade: 2º ano E.M.	ksa, d, bjus	to, inu, voltu, ta	Não há	Não há
Nome: Samuel Idade: 16 a Escolaridade: 1º ano E.M.	eaw, blz, d, c, vc, toke	estuda (no lugar de estudar)	Não há	Não há
Nome: Bárbara Idade: 17 a Escolaridade: 2º ano E.M.	q, b-jos	to	Não há	Não há
Nome: Renata Idade: 16 a Escolaridade: 1º ano E.M.	oiiiiie, c, táh, v, i blz, d, hj, hahaha, mto, tm, akela, bokão, pq, baum, bjinho	i (no lugar de ir), sô	Não há	Não há
Nome: Samara Idade: 15 a Escolaridade: 1º ano E.M.	blz, hj, pkas, mto, hehehehehe, Mah*(Marina)	tô, tá, pra	hj	Não há
Nome: Maicom Idade: 15 a Escolaridade: 1º ano E.M.	k-ozeru, c, ki, +, k, naum	pago(no lugar de pagou), i, nu (no)	k-ozeru, c, ki, +, k, naum	pago(no lugar de pagou), i (no lugar de e), nu (no)
Nome: Renato Pacífic Idade: 15 a Escolaridade: 1º ano E.M.	blza, vc, moh, q, gnt, nam, mtas, tbm, aki, tah, msma, cidad, bjos	to, pra, ta	Não há	tá
Nome: Monique Idade: 15 a Escolaridade: 1º ano E.M.	blz, kdê, vc, migona, aki, ksa, hj, gatim, tc, mó, bjos	vei, demorô vo, pra	pra	blz, kdê, aki, tc, bjos
Nome: Jéssica Idade: 15 a Escolaridade: 1º ano E.M.	blz, vc	pra	Não há	Não há
Nome: Bruna Idade: 15 a Escolaridade: 1º ano E.M.	Não há	tô	Não há	Não há
Nome: Fernando Idade: 15 a Escolaridade: 1º ano E.M.	Não há	vo	Não há	Não há
Nome: Gabriel Idade: 15 a Escolaridade: 1º ano E.M.	Não há	to	Não há	Não há

Identificação	Bilhete 1 - livre		Bilhete 2 - formal	
	MIV	MIO	MIV	MIO
Nome: Thiago Idade: 16 a Escolaridade: 1º ano E.M.	blz,vc	Não há	blz, vc	Não há
Nome: Cássio Idade: 16 a Escolaridade: 1º ano E.M.	Não há	Não há	Não há	Não há
Nome: Euler Idade: 17 a Escolaridade: 2º ano E.M.	vc	pra	Não há	Não há
Nome: Isabela Idade: 16 a Escolaridade: 1º ano E.M.	vc, aki, 9dades, q, bjs	tá, pra	Não há	pra
Nome: Marina Idade: 15 a Escolaridade: 1º ano E.M.	hj, krta, lah, tbm, naum, q, neh	tava , leno (no lugar de lendo), mininu, tô, vô (no lugar de vou), dexa	Não há	Não há
Nome: Jason Idade: 16 a Escolaridade: 1º ano E.M.	q, vc, kbeça, rrrrrrrrrr bjos	pra	Não há	Não há
Nome: Andressa Idade: 15 a Escolaridade: 2º ano E.M.	vc, novi (novidades), pq, + , aki, kd, bjão	xaudade, nó (nossa), xaber	Não há	cadê
Nome: Gabriella Idade: 16 a Escolaridade: 1º ano E.M.	aki, ksa, net, tb, blz	pra, falô	Não há	Não há
Nome: Fernando Idade: 15 a Escolaridade: 1º ano E.M.	blz, c, q, t, lah, hj, axo, entaum, amaña, gnt	rumanu (arrumando) , u, para, axo, ã , vô (vou)	blz, c, q, t, lah, hj, axo, entaum, gnt	rumanu (arrumando), u, para, axo, ã , vô (vou)
Nome: Frances Idade: 17 a Escolaridade: 2º ano E.M.	kza, bjos	tava	bjos	ñ
Nome: Emerson Idade: 17 a Escolaridade: 2º ano E.M.	qud	to	Não há	Não há
Nome: Júnior Idade: 17 a Escolaridade: 2º ano E.M.	Não há	Não há	Não há	Não há

Identificação	Bilhete 1 - livre		Bilhete 2 - formal	
	MIV	MIO	MIV	MIO
Nome: Carina Idade: 17 a Escolaridade: 2º ano E.M.	Não há	Não há	Não há	Não há
Nome: Erika Idade: 17 a Escolaridade: 2º ano E.M.	qdo, t, bjos	Não há	Não há	Não há
Nome: Tatiane Idade: 17 a Escolaridade: 2º ano E.M.	vc, qnd, cel, pq	Não há	Não há	Não há
Nome: Ricardo Idade: 17 a Escolaridade: 2º ano E.M.	i , kra, q, vc, hj, qbrada, hchchchc ummmm, huhuhu, t+	faze (fazer)	Não há	Não há
Nome: Victor Idade: 16 a Escolaridade: 2º ano E.M.	Não há	Não há	Não há	Não há
Nome: Allan Idade: 16 a Escolaridade: 1º ano E.M.	Não há	Não há	Não há	Não há
Nome: Renan Idade: 16 a Escolaridade: 1º ano E.M.	Não há	Não há	Não há	Não há
Nome: Marcell Idade: 16 a Escolaridade: 2º ano E.M.	tb	homi (homens), tô, pro	Não há	Não há
Nome: Danúbia Idade: 17 a Escolaridade: 2º ano E.M.	oje , ora(hora)	pra , vo (vou), oje (hoje), ti (te)	Não há	Não há
Nome: Thomas Magno Idade: 16 a Escolaridade: 1º ano E.M.	Não há	Não há	Não há	Não há
Nome: Tássia Idade: 15 a Escolaridade: 1º ano E.M.	fds, b-jinhos	Não há	b-jos	Não há
Nome: Lidianne Késsia Idade: 16 a Escolaridade: 1º ano E.M.	vc, kkkkkkkkkkk	falo, vei	Não há	Não há
Nome: Taynara Idade: 16 a Escolaridade: 1º ano E.M.	huahua , ngm	vamu, tamu	Não há	Não há

12.3 Anexo 3: Dados coletados nos bilhetes dos alunos não-usuários da Internet

MIV – Marcas de Interação Virtual

MIO – Marcas de Interação Oral

Identificação	Bilhete 1 - livre		Bilhete 2 - formal	
	MIV	MIO	MIV	MIO
Nome: Tuany Idade: 15 a Escolaridade: 1º ano E.M	vc	tô	vc	tô
Nome: Patrícia Idade: 15 a Escolaridade: 1º ano E.M	Não há	Não há	Não há	Não há
Nome: Ana Maria Idade: 15 a Escolaridade: 1º ano E.M.	Não há	Não há	Não há	Não há
Nome: Dayane Idade: 15 a Escolaridade: 1º ano E.M.	Não há	vão (substituindo “vamos”)	Não há	Não há
Nome: Meline Idade: 15 a Escolaridade: 1º ano E.M.	vc	pra	Não há	Não há
Nome: Junara Idade: 15 a Escolaridade: 1º ano E.M.	vc	Não há	Não há	Não há
Nome: Sabrina Idade: 15 a Escolaridade: 1º ano E.M.	d, vc, q/	tô, vo	Não há	Não há
Nome: Diego Idade: 15 a Escolaridade: 1º ano E.M.	Não há	tô	Não há	Não há
Nome: Talitha Idade: 15 a Escolaridade: 1º ano E.M.	b-jão	Não há	b-jão	Não há
Nome: Adriana Idade: 15 a Escolaridade: 1º ano E.M.	Não há	Não há	Não há	Não há
Nome: Lorene Idade: 16 a Escolaridade: 1º ano E.M.	Não há	Não há	Não há	Não há
Nome: Anielle Idade: 16 a Escolaridade: 1º ano E.M.	vc	to,	Não há	to

Identificação	Bilhete 1 - livre		Bilhete 2 - formal	
	MIV	MIO	MIV	MIO
Nome: Raíssa Idade: 16 a Escolaridade: 1º ano E.M.	bjs	Não há	Não há	Não há
Nome: Nayara Idade: 16 a Escolaridade: 1º ano E.M	bjs	Não há	Não há	Não há
Nome: Amanda Idade: 16 a Escolaridade: 1º ano E.M	Não há	Não há	Não há	Não há
Nome: Domirys Idade: 16 a Escolaridade: 1º ano E.M.	Não há	Não há	Não há	Não há
Nome: Alan Idade: 16 a Escolaridade: 1º ano E.M.	Não há	Não há	Não há	Não há
Nome: Rafael Idade: 16 a Escolaridade: 1º ano E.M	Não há	Não há	Não há	Não há
Nome: Mariana Idade: 16 a Escolaridade: 1º ano E.M	Bjim	Não há	Não há	Não há
Nome: Paulo Emílio Idade: 16 a Escolaridade: 1º ano E.M	Não há	Não há	Não há	Não há
Nome: Rafael Simões Idade: 16 a Escolaridade: 1º ano E.M	Não há	Não há	Não há	Não há
Nome: Déborah Idade: 16 a Escolaridade: 1º ano E.M.	pq	Não há	Não há	Não há
Nome: Paola Idade: 16 a Escolaridade: 1º ano E.M.	vc, msg, cel, bjim	Não há	Não há	Não há
Nome: Ana Luísa Idade: 16 a Escolaridade: 1º ano E.M	ksa, b-jão	pra	Não há	Não há
Nome: Simone Idade: 16 a Escolaridade: 1º ano E.M.	vc, bjos	Não há	Não há	Não há
Nome: Thiago Idade: 16 a Escolaridade: 1º ano E.M.	Não há	Não há	Não há	Não há
Nome: Thiago Idade: 16 a Escolaridade: 1º ano E.M.	blz,	tá, tô,	blz,	tá, tô

Identificação	Bilhete 1 - livre		Bilhete 2 - formal	
	MIV	MIO	MIV	MIO
Nome: Maicon Idade: 17 a Escolaridade: 2º ano E.M.	Não há	Não há	Não há	Não há
Nome: Diego Idade: 17 a Escolaridade: 2º ano E.M.	Não há	Não há	Não há	Não há
Nome: Amanda Idade: 16 a Escolaridade: 2º ano E.M.	niver,	tá,	Não há	Não há
Nome: Aline Idade: 16a Escolaridade: 1º ano E.M.	vc, d+	pra	Não há	Não há
Nome: Alessandra Idade: 16 a Escolaridade: 1º ano E.M.	hj, +, b-jos	to, tá	Não há	tá
Nome: Aroldo Idade: 17 a Escolaridade: 2º ano EM.	Não há	vei, vamo, toma,	Não há	to
Nome: Luiz Carlos Idade: 17 a Escolaridade: 2º ano E.M.	Não há	to	Não há	Não há
Nome: Wellington Idade: 16 a Escolaridade: 2º ano E.M.	Não há	Não há	Não há	Não há
Nome: Cristiane Idade: 16 a Escolaridade: 1º ano E.M.	Não há	Não há	Não há	Não há
Nome: Mariana Idade: 16 a Escolaridade: 2º ano E.M.	b-jos	Não há	Não há	Não há
Nome: Marcelo Idade: 16 a Escolaridade: 2º ano E.M.	Não há	tô	Não há	Não há
Nome: Elizane Idade: 16 a Escolaridade: 1º ano E.M.	Não há	Não há	Não há	Não há
Nome: Júlia Idade: 16 a Escolaridade: 1º ano E.M.	Não há	to, tá	Não há	Não há
Nome: Karina Idade: 15 a Escolaridade: 1º ano E.M	Não há	Não há	Não há	Não há

Identificação	Bilhete 1 - livre		Bilhete 2 – formal	
	MIV	MIO	MIV	MIO
Nome: João Victor Idade: 15 a Escolaridade: 1º ano E.M.	Não há	tá	Não há	falô (no lugar de falou)
Nome: Diogo Idade: 17a Escolaridade: 1º ano E.M.	pq,	num, guenta, olha, pra	Não há	Não há
Nome: Hudson Idade: 15 a Escolaridade: 1º ano E.M.	Não há	Não há	Não há	Não há
Nome: Flávio Idade: 15 a Escolaridade: 1º ano E.M.	Não há	Não há	Não há	Não há
Nome: Diego Idade: 15 a Escolaridade: 1º ano E.M.	Não há	Não há	Não há	Não há
Nome: Gustavao Idade: 17 a Escolaridade: 2º ano E.M.	vc	Não há	Não há	Não há
Nome: Idade: 16 a Escolaridade: 1º ano E.M.	vc	Não há	Não há	Não há
Nome: Jeane Idade: 17 a Escolaridade: 2º ano E.M.	Não há	Não há	Não há	Não há
Nome: Mariana Idade: 16 a Escolaridade: 1º ano E.M.	pq, vc	p/, ã	Não há	Não há
Nome: Mariane Augusto Idade: 16 a Escolaridade: 1º ano E.M.	tok	pra, catô	Não há	Não há
Nome: Willian Idade: 15 a Escolaridade: 1º ano E.M.	Não há	Não há	Não há	Não há
Nome: Tamara Idade: 16 a Escolaridade: 1º ano E.M.	pq, ksa, naum, blz	vô (no lugar de vou), pode(no lugar de poder)	Não há	mai (no lugar de mãe)
Nome: Nayara Idade: 16 a Escolaridade: 1º ano E.M.	cm, vc, hj, kbeça	Não há	Não há	Não há
Nome: Alison Idade: 15 a Escolaridade: 1º ano E.M.	Não há	Não há	Não há	Não há

Identificação	Bilhete 1 - livre		Bilhete 2 - formal	
	MIV	MIO	MIV	MIO
Nome: Júlio Idade: 16 a Escolaridade: 1º ano E.M.	Não há	Não há	Não há	Não há
Nome: Taynara Idade: 16 a Escolaridade: 2º ano E.M.	Não há	Não há	Não há	Não há
Nome: Geise Idade: 17 a Escolaridade: 2º ano E.M.	Não há	Não há	Não há	Não há
Nome: Gislene Idade: 17 a Escolaridade: 2º ano E.M.	Não há	pra, estuda (no lugar de estudar), vo, si, tô (se), mi(me),	Não há	Não há
Nome: Fabrício Idade: 16 a Escolaridade: 2º ano E.M.	Não há	Não há	Não há	Não há
Nome: Samantha Idade: 17 a Escolaridade: 2º ano E.M.	Não há	Não há	Não há	Não há
Nome: Caroline Idade: 12 a Escolaridade: 2º ano E.M.	Não há	Não há	Não há	Não há
Nome: Valquíria Idade: 17 a Escolaridade: 2º ano E.M.	Não há	pra	Não há	p/
Nome: Johnny Idade: 17 a Escolaridade: 2º ano E.M.	Não há	Não há	Não há	Não há
Nome: Alessandra Idade: 16 a Escolaridade: 2º ano E.M.	Não há	Não há	Não há	Não há
Nome: Silviane Idade: 17 a Escolaridade: 2º ano E.M.	q	ta, tava	Não há	Não há
Nome: Ana Maria Idade: 16 a Escolaridade: 2º ano E.M.	Não há	Não há	Não há	Não há
Nome: Júlio Idade: 16 a Escolaridade: 1º ano E.M.	Não há	Não há	Não há	Não há
Nome: Luiz Idade: 16 a Escolaridade: 1º ano E.M.	Não há	Não há	Não há	Não há

Identificação	Bilhete 1 - livre		Bilhete 2 – formal	
	MIV	MIO	MIV	MIO
Nome: Diego Idade: 15 a Escolaridade: 1º ano E.M.	Não há	Não há	Não há	Não há
Nome: Willian Idade: 17 a Escolaridade: 2º ano E.M.	Não há	Não há	Não há	Não há
Nome: Heron Idade: 15 a Escolaridade: 2º ano E.M.	Não há	Não há	Não há	Não há
Nome: Heuliston Idade: 18 a Escolaridade: 2º ano E.M.	Não há	pra	Não há	Não há
Nome: Mariana Idade: 16 a Escolaridade: 1º ano E.M.	Não há	tava	Não há	Não há
Nome: Isabela Idade: 16 a Escolaridade: 1º ano E.M.	pq, vc	to, loco	Não há	que (no lugar de “quer”)
Nome: Déborah Idade: 17 a Escolaridade: 2º ano E.M.	Não há	pra, falo, tá	Não há	Não há